



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



DAYANE DAMACENA RODRIGUES

ÀS MARGENS DO MARATAUÍRA

(RE) PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA VIVÊNCIA DE ALUNOS E
PROFESSORES DO COLÉGIO ENGELS EM ABAETETUBA-PA.

ANANINDEUA-PA

2023

DAYANE DAMACENA RODRIGUES

ÀS MARGENS DO MARATAUÍRA

(RE) PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA VIVÊNCIA DE ALUNOS E PROFESSORES DO COLÉGIO ENGELS EM ABAETETUBA -PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/*Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientadora: Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo.

ANANINDEUA-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D154a Damacena Rodrigues, Dayane.
As Margens do Maratauíra. (Re) pensando a prática docente a partir da vivência de alunos e professores do Colégio Engels em Abaetetuba-Pa. / Dayane Damacena Rodrigues. — 2023.
xiii, 95 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Sídiana da Consolação Ferreira de Macedo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. ProfHistória. 2. Ensino de História. 3. Prática Docente.
4. História Local. 5. Protagonismo Discente. I. Título.

CDD 907

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Membro Interno / PPGEH / UFPA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE

DAYANE DAMACENA RODRIGUES

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pela Profa. Dra. Sidiana da Consolação F de Macedo e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto e Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva, reuniu-se no dia 28 de março de 2023, às 09:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação da mestranda DAYANE DAMACENA RODRIGUES intitulada: "Às Margens do Maratauíra: (Re) Pensando a prática docente a partir da vivência de alunos e professores do Colégio Engels em Abaetetuba-Pa." Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que a mestranda respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que a mestranda construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi APROVADA, com conceito EXCELENTE, pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.


Prof. Dra. Sidiana da Consolação F de Macedo
Documento assinado digitalmente
 FRANCIVALDO ALVES NUNES
Data: 17/04/2023 11:38:00-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Membro Interno / PPGEH / UFPA


Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto
Membro Externo / PPHIST / UFPA


Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Membro Interno / PPGEH / UFPA

*Aos meus filhos Rafael e Ricardo e minha sobrinha Júlia
Valentina, as razões do meu viver, na esperança que eles
sempre se inspirem e nunca desviem seus passos do caminho
da educação e que nutram o mesmo amor que tenho pelo
ensino de História.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus que me deu forças, para que diante das inúmeras dificuldades que enfrentei ao longo do curso, não me deixou desistir, me deu forças e discernimento para superar todos os obstáculos que surgiram. Conseguir vencer as crises de ansiedade, os medos, angustias e intempéries da vida só foi possível porque o Senhor sempre esteve comigo, me guiando no caminho certo.

Ao meu querido esposo, amigo, companheiro e confidente que esteve presente em todos esses momentos, em toda essa longa caminhada e que jamais largou minha mão. Renato só tenho a agradecer por ter me apoiado sempre, desde a ida para Belém para fazer a prova de ingresso até este momento de finalização e defesa de minha dissertação. Foram momentos tensos, eu, você e nosso filho Rafael, tão pequenino e estava conosco nesta empreitada para que pudesse realizar o tão sonhado mestrado. As longas viagens à Belém e passar o final de semana longe do meu filho não foi fácil, mas eu ia despreocupada pois ele tinha um pai maravilhoso com ele, que conseguia suprir todas as suas necessidades, se meu filho estava bem eu podia estudar sossegada. Logo depois uma surpresa, em 2022 nosso Ricardo veio para completar nossa vida. Sou imensamente grata pela tua força e por nunca soltar minha mão, juntos formamos uma linda família. Te amo!

Também gostaria de externar meus sinceros agradecimentos a minha querida e amada mãe, Dona Lene, que desde a minha infância sempre me incentivou no caminho da educação, sempre me apoiou e fez de tudo que estava ao seu alcance para que eu tivesse uma educação de qualidade, para que eu fizesse meus cursos. Minha querida mãe você sempre foi uma mãe maravilhosa, lhe amo com todas as minhas forças e nunca esqueci e jamais esquecerei de todo esforço que fizestes para que eu pudesse conquistar meus objetivos. Da mesma forma, não posso jamais esquecer de meu pai, Irenaldo, pai zeloso, sempre esteve comigo me ajudando no que podia, nunca dizendo não. Até hoje meu pai, lembro de quando ainda estudava na Universidade e o senhor toda noite, mesmo depois de um longo dia de trabalho, sempre ia me buscar na parada de ônibus que ficava muito distante de casa, tarde da noite. Você sempre estava ali, cuidando para que eu chegasse em segurança em casa. Nunca me esqueço disso, muito obrigada meu pai.

Minha eterna gratidão à minha melhor amiga, minha metade, sem ela eu provavelmente seria uma pessoa incompleta, vazia. Minha irmã Monike, obrigada por todo apoio, por

comemorar e se orgulhar sempre de mim, você é meu exemplo de irmã, sempre falo para meus filhos serem amigos como nós duas somos, te amo pra sempre.

Às minhas queridas tias, tios, primos e primas que vibraram e comemoraram comigo quando passei no mestrado, vocês são minha base. Obrigada por todo carinho e apoio nessa longa jornada.

Também não poderia esquecer dos meus queridos e amados alunos e alunas, por todos os momentos e por serem responsáveis pela profissional que sou hoje, muitos já passaram pela minha vida e guardo todos com todo amor que posso dentro do meu peito. Foram meus alunos que vibraram e comemoraram todos orgulhosos porque a professora havia passado no mestrado, até caneca personalizada ganhei. Foram vocês que me incentivaram a melhorar sempre, a ouvir meus alunos. São tantos, que gastaria todas as páginas desta dissertação para nomear um por um, saibam que sou eternamente grata.

Agradeço também minha orientadora professora Sidiana da Consolação Ferreira de Macedo, por estar ao meu lado nesta caminhada. Obrigada pelas palavras de incentivo e toda ajuda prestada para a finalização desta dissertação.

Estendo os agradecimentos também a todo o corpo docente do ProfHistória, à secretária e coordenação do programa, vocês também estavam comigo nesta jornada.

Agradeço profundamente à toda equipe do Colégio Engels, que sempre me apoiou nos projetos e ideias para melhorar o ensino dos nossos alunos, nunca negou ajuda para a realização das atividades e também contribuíram para a finalização deste trabalho.

Aos meus colegas da turma de 2020, em especial à minha companheira de viagem, Ana Cláudia. Amiga você foi primordial para que eu pudesse passar pelos obstáculos que surgiram ao longo dos anos, pegamos chuva, andamos quilômetros para conseguir chegar no horário das aulas e das viagens. Muito obrigada pelo companheirismo e por está sempre apta a me ajudar quando precisei, desde o início do curso até este momento final, muito obrigada mesmo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a prática docente em uma escola da rede privada no município de Abaetetuba-Pa, essa reflexão mobiliza-nos a levar a entender a importância de fazer com que o ensino nas escolas seja, não um mero instrumento de “repassar conteúdo”, mas sim um ambiente propício para formar cidadãos participativos, críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade. A pesquisa também analisa e investiga de que forma o projeto escolar “*As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba*”, influenciou na vida dos alunos da instituição no que tange à ideia de que este é parte fundamental na construção e produção do conhecimento, mostrando ainda a realidade do ensino em tempos de pandemia. Como produto foi elaborado uma revista digital a partir das experiências discentes e docentes que estiveram envolvidas no projeto escolar, disponibilizando recursos didáticos sobre História Local, experiências e propostas para um ensino para dentro e fora do espaço escolar, proporcionando uma reflexão do quão plural é a realidade dos nossos alunos e compreender que para fazê-los partícipes da história, de ser enxergar nas aulas é preciso também entender essa pluralidade.

Palavras-chave: Ensino de História, Protagonismo discente, Prática docente, História Local, Consciência Histórica.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the teaching practice in a private school in the municipality of Abaetetuba-Pa, this reflection mobilizes us to understand the importance of making teaching in schools be, not a mere instrument of “passing on content”, but rather an environment conducive to forming participatory, critical and reflective citizens about their role in society. The research also analyzes and investigates how the school project "The margins of Maratauíra: formation and development of the municipality of Abaetetuba", influenced the life of the institution's students in terms of the idea that this is a fundamental part of the construction and production of the knowledge, also showing the reality of teaching in times of a pandemic. As a product, a digital magazine was created based on the experiences of students and teachers who were involved in the school project, providing didactic resources on Local History, experiences, and proposals for teaching inside and outside the school space, providing a reflection on how the plural is the reality of our students and understand that to make them participants in history, to be seen in the classroom, it is also necessary to understand this plurality.

Keywords: History Teaching, Student protagonism, Teaching Practice, Local History, Historical Consciousness.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mapa Município de Abaetetuba e território quilombola.....	21
Imagem 2 - Mapa de localização da cidade de Abaetetuba-Pa	25
Imagem 3 – Fachada do Colégio.	26
Imagem 4 – Interior do Colégio	27
Imagem 5 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 em frente à Igreja do Carmo em Belém-Pa.	28
Imagem 6 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 na Igreja de Santo Alexandre. Belém-Pa.	29
Imagem 7 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.	29
Imagem 8 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 recebendo as primeiras orientações na Praça da República. Belém-Pa.....	30
Imagem 9 - Contato dos alunos com as fontes no CMA.....	35
Imagem 10 - Contato dos alunos com as fontes no CMA.....	36
Imagem 11 – Interior da Igreja do Carmo no Centro Histórico de Belém	36
Imagem 12 – Jornal O Abaeteense	39
Imagem 13 - Carta de requerimento de Sesmaria de 1743.....	40
Imagem 14 - Primeiro contato com as fontes escritas sobre a cidade	40
Imagem 15 - Rodas de conversas com os alunos dos 9º anos. O projeto apresentado pelos próprios discentes.	41
Imagem 16 - Gravação da Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição.....	42
Imagem 17 - Gravações na Praça Francisco de Azevedo Monteiro (Praça da Bandeira)	43
Imagem 18 - Gravações do distrito da Vila de Beja.....	43
Imagem 19 - Gravações do distrito da Vila de Beja.....	44
Imagem 20 - Cartaz de divulgação da apresentação dos alunos na escola.....	45
Imagem 21 - Cartaz de divulgação da apresentação dos alunos na escola.....	45
Imagem 22 – Alunos visitando a exposição	46
Imagem 23 - Bate papo sobre a história da cidade	46
Imagem 24 - Aluno em entrevista sobre a exposição e pesquisas do projeto	47
Imagem 25 - Apresentação do projeto e dos alunos ao professor Jorge Machado.....	48
Imagem 26 - Exposição do vídeo gravado pelos alunos para o professor Dr Jorge Machado .	48

Imagem 27 - Cartaz sobre a visita do professor Dr. Jorge Machado ao Projeto As Margens do Maratauíra.....	49
Imagem 28 - Bate papo sobre comunidades quilombolas em Abaetetuba.....	50
Imagem 29 - Comunidades quilombolas no território abaetetubense.	50
Imagem 30 - Dona Josiane Baia respondendo perguntas dos alunos.	51
Imagem 31 - Participação dos alunos do ensino Médio na roda de conversa	52
Imagem 32 - Alunos do ensino fundamental e médio na roda de conversa	52
Imagem 33 - Fim da roda de conversa “Experiencias Quilombolas” com a participação da D. Josiane, membro da comunidade quilombola Nossa Senhora do pau Pobre.....	53
Imagem 34 - Cartaz de apresentação d Olimpíada nacional em História do Brasil 2020.	66
Imagem 35 - "Sob a sombra da samaúmeira as margens do Jarumã"	67
Imagem 36 - "Oriunda da bravura do Cabano, trazemos em nossa equipe a resistência, mirando altos objetivos na 12° ONHB."	68
Imagem 37 - Questionário destinado aos professores de História da instituição de ensino.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Registros de respostas dos alunos coletadas através da ferramenta <i>google formulário</i> . Os nomes dos alunos são pseudônimos.....	57
Tabela 2 - Segundo Registro de respostas dos alunos coletadas através da ferramenta <i>google formulário</i> . Os nomes dos alunos são pseudônimos.....	58
Tabela 3 – Quadro de respostas às perguntas do questionário destinado aos alunos dos 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio.....	73
Tabela 4 - Quadro de respostas às perguntas do questionário destinado aos alunos dos 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio.....	74

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CMA	Centro de Memória da Amazônia
ONHB	Olimpiada Nacional em História do Brasil
SOME	Sistema de Organização Modular de Ensino
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	ENSINAR HISTÓRIA: ULTRAPASSANDO BARREIRAS	16
1.1	Apresentando a cidade de Abaetetuba	21
1.2	O colégio Engels.....	25
1.3	As primeiras “Aulas Históricas”	27
1.4	História Local como possibilidade para o Ensino de História.....	31
2	PROJETO “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”: UMA EXPERIÊNCIA EXTRACLASSE	33
2.1	Trilhando caminhos para a práxis histórica	34
2.2	O caminho percorrido	38
2.2.1	O protagonismo discente	41
2.2.2	Frutos do projeto - Memórias da cidade: O mito fundador X Fontes históricas	54
2.3	O projeto aos olhos dos discentes	56
2.3.1	Alunos egressos e Alunos que ainda estudam na escola.	57
3	(RE) PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE EM MEIO A UMA PANDEMIA ..	62
3.1	Adaptando saberes: aulas on line. Como o projeto se adaptou.....	63
3.2	O projeto “As margens do Maratauíra” vai à Olimpíada Nacional em História do Brasil.....	65
3.3	Avaliando as experiências docentes e discentes pré e pós pandemia.	70
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE A – FONTES UTILIZADAS NO PROJETO ESCOLAR “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”	83
	APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM	90
	ANEXO – REVISTA DIGITAL “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”	91

INTRODUÇÃO

As margens do rio Maratauíra, que banha a cidade de Abaetetuba, nasci. Dessas mesmas margens me despedi, fui para a capita. E por estas voltei. Voltei no intuito de trazer algo bom para o meu município, contribuir para um ensino de qualidade aos pequenos abaetetubenses. Trouxe para esta cidade muitas histórias e por estas me apaixonei.

Parece versos de um poema, porém retratam a minha vida, bem como a vida de vários jovens que, não tendo oportunidade de um ensino de qualidade no município, rumam para outras cidades, capitais. E voltam com um sonho, assim como eu voltei.

E quando voltei percebi que esse sonho poderia ser realidade, mas que teria um longo caminho a percorrer e muitas barreiras a ultrapassar. Quando, ensinando as diversas histórias em sala de aula, da Europa, da África, Ásia, via meus alunos fascinados, mas não de uma forma boa, pois era como se aquilo fosse algo imaginado, irreal, uma estória. E foi assim que comecei a me questionar e refletir “Que tipo de História estou ensinando?”, “Por que os alunos não se interessam a ponto de refletir e participar?”, “Por que eles acreditam que precisam apenas escrever e memorizar?”. E foi a partir destes questionamentos que percebi que dentre todas as histórias maravilhosas que contava, dos Reis, Tratados, Grandes Navegações, em nenhum momento eu me enxerguei ali, não enxerguei meus alunos. Onde estava Abaetetuba? Como surgiu este município? Quais nossos descendentes? E indo um pouquinho mais fundo percebi que nem eu conseguia responder aquelas perguntas, bem como a maioria das pessoas a quem fiz os mesmos questionamentos. Apenas respostas vagas, sem contexto, ditos populares que foram repassados através dos anos.

É imprescindível salientar que o conhecimento escolar não deve estar pautado apenas aos direcionamentos feitos através dos currículos e livros didáticos, não cabe ao professor apenas repassar esse conhecimento que já vem preestabelecido, pronto. O que por muitas vezes leva o professor a apresentar um conhecimento histórico que não faz parte da realidade dos seus alunos podendo causar essa sensação de não pertencimento a história ensinada. Desta maneira é importante frisar que muitos outros aspectos da vivência e particularidades desses alunos devem ser levados em consideração, pois

(...) a história escolar é uma construção social produzida por elaborações e reelaborações constantes de conhecimentos produzidos a partir das relações e interações entre as culturas escolar, política e histórica; com os livros didáticos; com outros saberes que não apenas os históricos e muito menos circunscritos aos formais; com as ideias sobre a história que circula, em novelas, filmes, jogos etc.; e, não menos importante, com a história pública (história de grande circulação ou de massa) (SILVA in FERREIRA e OLIVEIRA, 2019, p. 52)

Segundo Caimi (2010) a história ensinada, durante muitos anos, valorizava a capacidade de memorização dos fatos mais importantes, sempre voltados para personalidades históricas considerados influentes e heróis. Isto acabou acarretando ao papel dado ao professor de história de ser mero transmissor destes fatos, cabendo aos alunos a sua reprodução através da memorização.

Em tempos recentes, historiadores, pesquisadores do ensino e professores têm defendido uma história diferente, uma história cujo papel consiste em orientar os sujeitos a pensarem historicamente, a constituírem uma consciência histórica, a reconhecerem as diferentes experiências históricas das sociedades e, a partir desse entendimento, compreender as situações reais da sua vida cotidiana e do seu tempo (CAIMI,2010, p. 60).

Pensar e Repensar a prática docente dos professores de História, no Colégio Engels na cidade de Abaetetuba, certamente é um desafio e uma reflexão necessária e é a proposta desta dissertação, que tem como objeto de estudo alunos e professores dos 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio de uma escola privada, situada no centro da cidade, que guarda suas peculiaridades e especificidades, abrigando um leque dos mais variados discentes da cidade, ilhas, estradas e localidades próximas.

Assim, esta dissertação está dividida em três capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado “Ensinar história: Ultrapassando barreiras” busca fazer uma apresentação de toda a experiência de vida que tive no mundo acadêmico e nos primeiros anos de profissão, trabalhando história com crianças e jovens, buscando mostrar os questionamentos que levaram a esta proposta de pesquisa. Além disso, apresento a cidade de Abaetetuba, a qual é o centro de toda a pesquisa voltada para a História Local, bem como a instituição ao qual esta foi aplicada, o Colégio Engels, demonstrando as primeiras experiências dos alunos com a história na prática, levando-os a fazer visitas no centro histórico de Belém, museus e arquivos . Mostrando esse primeiro contato dos alunos com as fontes locais e de que forma isto acabou levando a uma pesquisa mais próxima destes, uma pesquisa sobre a história local em Abaetetuba. O capítulo também busca discutir o conceito de História Local e de que forma que este pode estar relacionado com o ensino, dentro e fora da sala de aula.

O segundo capítulo, “Projeto As Margens do Maratauíra: Uma experiência extraclasse” propõem-se a analisar como os saberes históricos foram inseridos dentro do espaço escolar através de um projeto, que tinha por finalidade debater e pesquisar sobre a história local, utilizando de diversos materiais e ferramentas didáticas para o planejamento e execução das atividades que são narradas neste capítulo. Mostrando o foco principal que é o protagonismo discente, suas experiências e saberes adquiridos a partir do projeto e que foram e estão sendo empregados tanto no ambiente escolar, como também na vida social fora da escola.

Já o terceiro capítulo, “(Re)Pensando a prática docente em meio a uma pandemia” levará as discussões sobre ensino de história, história local e protagonismo discente para uma reflexão sobre o desafio que foi continuar este projeto escolar depois que o mundo foi tomado pela epidemia do vírus SARS-CoV-2, o Coronavírus. As adequações que foram feitas e toda a experiência que alunos e professores do colégio Engels em Abaetetuba tiveram com as aulas *on line* e o ensino remoto, fazendo uma breve discussão sobre o ensino de história em tempos de pandemia. Além disso, o capítulo demonstra como o protagonismo discente pôde ser percebido nos alunos quando estes participaram da Olimpíada Nacional em História do Brasil, que por conta do afastamento social foi a alternativa que os professores encontraram para manter vivo o projeto “As Margens do Maratauíra”. Neste capítulo, assim como nos demais, há vários relatos dos alunos, através de textos, depoimentos e questionários sobre todo o saber adquirido e expandido com as experiências que tiveram durante todos os anos de vigência do projeto, de 2019 a 2022, pois mostrar o protagonismo discente na prática é o foco principal deste trabalho.

Por fim, a dissertação termina com a apresentação do seu produto, que foi a elaboração de uma revista digital, a qual trás debates sobre História Local para professores, além de mostrar todo o trabalho feito pelos alunos ao longo dos anos de 2019 a 2022 enquanto estavam no projeto escolar, sobre a História de Abaetetuba, fontes, leituras e vídeo, mais uma vez demonstrando o protagonismo discente.

1 ENSINAR HISTÓRIA: ULTRAPASSANDO BARREIRAS

Falar sobre docência com certeza é fazer uma viagem no tempo, lembrando momentos, motivações, sonhos e experiências. Ser professora não é algo que já vem pré-estabelecido, uma receita pronta, necessita de tempo, experiências e principalmente questionamentos. Esses questionamentos percorreram toda a minha trajetória acadêmica e

profissional, pois a relação entre tudo o que envolve a docência (aluno, professor, escola, comunidade, família) requer um olhar aberto a inúmeras possibilidades, a prática docente é acompanhada de uma dimensão teorizante, o docente não é apenas um mero transmissor de conteúdo, ninguém ensina tudo que sabe e da forma exata em que está nos livros que leu, pois, de fato, dificilmente se lembrará (ZAVALA,2015, p. 176). Adentrar os caminhos ao qual o ensino nos leva, permite-nos entrar em um universo muito mais amplo, cheio de possibilidades e experiências únicas. E quando se trata do ensino de História, esse universo se multiplica, pois

Ensinar História é caminhar numa linha do tempo, com durações e cortes diversos. Ensinar História é estruturar identidades. Ensinar História é também produzir conhecimento. Ensinar História é processo de alteridade. Ensinar História é aprender o plural e o singular. Ensinar História é conceber absolutos e relativos” (NIKITIUK, 2010, p.21)

Minha jornada no mundo docente começou aos 15 anos. Vivendo em uma família com tios e tias professores, sempre me vi no mundo docente, ouvindo angustias, conquistas, desafios a serem seguidos e o principal, o que me deixava fascinada pelo mundo do ensino: as realizações, sempre ouvia o quão prazeroso era ajudar uma criança, um jovem e até um adulto a si enxergar como sujeito ativo e importante na história. Apesar de todas as barreiras as quais vi meus parentes professores passarem, o que realmente me motivava era o – ajudar através da educação. A primeira vez que tive contato com o ensino de História foi no ano de 2004, minha tia trabalhava nas ilhas que ficam nos arredores de Abaetetuba¹, no Sistema de Organização Modular de Ensino, conhecido como SOME², lecionava História e Estudos Amazônicos para alunos entre 15 a 60 anos. Em uma viagem para conhecer o referido projeto, que estava se instalando naquele ano (2004) na escola padre Mario Lanciotti, visitei uma sala de aula na localidade ribeirinha do rio Maracapucú, onde pude então presenciar as dificuldades que muitos alunos passam para conseguir educação de qualidade. A escola era um barracão de uma Igreja Católica, o acesso era por rio, não tinha iluminação elétrica, água potável, banheiro, a faixa etária dos alunos não condizia com o grau de escolaridade que deveriam cursar, era uma turma de 5ª série na qual estavam matriculados alunos de 13 a 26 anos, a grande maioria desses alunos, por conta da necessidade de trabalhar para ajudar a família, acabaram atrasando nos estudos.

¹ O município de Abaetetuba possui cerca de 72 ilhas que formam seu território.

² O Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) foi criado em 1980 no Estado do Pará, visando levar educação básica às comunidades rurais ribeirinhas que se encontram mais distantes dos centros urbanos, o projeto foi implementado gradativamente ao município de Abaetetuba por volta do ano 1996. PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. Revista Interdisciplinar Dossiê Formação Docente v.10, n.14 (2016)

Pude estar com eles em alguns momentos na sala de aula e a primeira experiência que tive foi que realmente, ser professora é muito prazeroso, transformar vidas através da educação, tentar romper as barreiras da desigualdade e levar ensino de qualidade a quem não tem acesso, não tem preço. Porém me vi ali em uma realidade de dificuldades, de angústias e barreiras que precisavam ser ultrapassadas para tentar mudar a vida daqueles jovens. Foi nesse momento que apesar do medo, decidi ser professora. Morava na capital, Belém e meu sonho a partir de então era me formar e lecionar na minha cidade, em Abaetetuba, e através do ensino, da educação, tentar mudar a vida de muitas pessoas.

A vida docente profissional chegou aos 19 anos, ainda universitária em meu segundo ano de faculdade. Comecei a docência na cidade de Abaetetuba lecionando língua Inglesa para turmas de Educação Infantil, uma experiência que foi muito importante para minha formação profissional e principalmente pessoal. Na educação Infantil aprendi que o ensino está sempre aliado ao didático, dinâmico, o que é passado para os alunos tem que fazer sentido para eles e ao mundo ao qual eles estão inseridos e da maneira que o entendem. Foram 5 anos lecionando para crianças entre 2 a 10 anos, que me fizeram perceber que ensinar está muito além de repassar conteúdo, o professor não é detentor de todo conhecimento e muito menos o aluno aquele que memoriza e repete. O educador/educadora visa um discente com formação intelectual e com consciência crítica (FREIRE, 1987, p.38). Percebi que ali era a porta para tentar fazer diferente, inovar, se utilizar de diversas ferramentas para poder fazer o ensino ter sentido para o discente. Este ensino precisava fazer sentido para os discentes que estão em formação, ensino este que implica observar as singularidades de cada escola, de cada cidade, de cada aluno e cada professor. É preciso levar em consideração a cultura histórica que eles trazem de suas experiências pessoais, da sua vivência e inseri-las nesse processo de ensino aprendizagem. É preciso uma formação para a prática, para a vida (RUSEN, 2007).

Em 2012, me formei na Universidade Federal do Pará, Licenciatura e Bacharelado em História. E agora, que rumos seguir? A Pesquisa muito me agradava, enchia meus olhos, aquela ânsia em pesquisar, escrever artigos, fazer mestrado, doutorado. Apesar de tantos sonhos e desejos, lembrei-me da minha promessa, voltar para minha cidade natal e fazer a diferença. Comecei então a carreira profissional em História em uma escola particular da cidade, lecionando para alunos de 6ºano do ensino fundamental. Há pouco saíra da faculdade e com o impulso de colocar meus projetos e sonhos em prática mergulhei de cabeça nas aulas, queria mostrar o ensino de História de uma maneira diferente, mais didática, utilizando documentos, fontes diversas, proporcionando experiências aos discentes, às quais vivenciei na academia. Porém, o primeiro choque de realidade apareceu. Havia um distanciamento muito grande entre

a dinâmica feita na academia com a realidade enfrentada pelos professores na sala de aula, segundo Zavalla (2015), os pesquisadores teorizam generalizando a prática do ensino de história, está é feita a partir da prática científica, porém, a prática de ensino tem suas especificidades a partir da complexidade da escola, dos discentes e do meio em que vivem. É preciso refletir sobre o papel da escola, a vivência do professor e do aluno, bem como do meio social ao qual estão inseridos.

Me vi então em uma realidade totalmente diferente, tinha um conteúdo pré-estabelecido para lecionar, atividades a cumprir, provas e avaliações para preparar. Diante disso encontrei um alunado que não se familiarizava com a disciplina, dizia ser chato, repetitivo, ouvi falas dizendo ser apenas algo para ser decorado para as provas. Uma rotina extenuante e, diga-se de passagem muito chata, que me desmotivava, bem como a meus alunos. Eu tinha apenas um horário de aula (45 minutos) por semana para tentar mudar isso e como previsto não consegui, era pouco tempo e muito conteúdo.

Em 2014 recebi uma proposta de emprego em outra escola do município, o Colégio Engels³. Iria lecionar para turmas de 7º ao 9º ano do ensino fundamental com carga horária de duas horas aulas semanais (1h30). Assim, com mais turmas e mais tempo de aula, poderia me dedicar e propor um ensino para a realidade daqueles alunos. Pois, o educador precisa ensinar para a práxis social, colaborando assim na construção e aperfeiçoamento da consciência histórica do aluno. O professor deve sempre levar em consideração a vivência do discente, o ambiente social em que vive, para que este se reconheça como sujeito histórico e social vivente, para assim perceber que a história do passado está estreitamente ligada à história do presente. Cabe então ao professor utilizar recursos didáticos de subjetivação, fazendo com que o aluno se veja como partícipe dessa história, comprometido com sua realidade social, assumindo assim uma identidade (BERGMANN, 1989/1990).

Em 2016 iniciei com as turmas de ensino médio, 1ª, 2ª 3ª series. Logo de início me deparei com as mesmas barreiras, aulas predefinidas pela coordenação, um livro didático que deveria ser seguido e normas aos quais todo professor deveria se encaixar, pois precisávamos mostrar resultados no final do ano, nas provas e aprovações nos vestibulares. Isto acarretava ainda aquela visão vinda dos alunos que História era puramente decorar para fazer as provas, retirar do livro respostas prontas para obter pontos com a entrega de atividade. Não havia interesse, não havia emoção, a história em si não fazia sentido. Meus questionamentos comeram a vir à tona como um turbilhão de sentimentos. O que fazer? Que caminho seguir? Como

³ O colégio Engels foi o “chão” desta pesquisa e será abordado nos itens seguintes.

começar? Por onde começar? E este foi então o ponto de partida, para as reflexões em relação ao ensino e práticas do ensino de história dentro e fora da sala de aula, que fazem parte desta pesquisa de ensino. Através destes questionamentos iniciais pude propor uma prática de ensino em História que envolvesse os alunos, que os tirassem da zona de conforto, que ultrapassasse as barreiras da sala de aula. Com o apoio da direção e coordenação da escola começamos a colocar em prática projetos didáticos voltados para o protagonismo discente. Palestras, rodas de conversas, apresentação de trabalhos para a comunidade escolar, viagens para conhecer na prática a história estudada em sala de aula, utilização de vídeos, documentários, filmes e análises de documentos.⁴ Pequenos passos, mas que começaram a fazer uma grande diferença na vida escolar e pessoal daqueles alunos.

Era um longo caminho a ser percorrido e muitas barreiras a enfrentar, o trabalho não foi fácil e não aconteceu repentinamente. Tive apoio da escola e dos meus colegas professores que apoiavam minhas ideias e entravam de cabeça nos projetos para me ajudar. Em 2019 soube que meu colega, professor Ademir Bittencourt havia ingressado no mestrado, no ProfHistória, alegrei-me pela sua conquista, porém não me imagina novamente no meio acadêmico voltado para pesquisa (naquele momento não conhecia o ProfHistória, achava que seria um mestrado acadêmico, ao qual não cabia à minha vida profissional naquele momento). Já em 2020, o mesmo professor, novamente me aborda com informações sobre o processo seletivo do ProfHistória de 2020, disse que deveria me inscrever pois, na sua visão, me encaixava na proposta de ensino ao qual o ProfHistória permeia, um ensino voltado para o profissional, para o professor de história. Foi aí que de fato comecei a conhecer o programa, um programa de mestrado profissional. De antemão logo me encantei, poderia aliar meu trabalho na escola com essa volta ao meio acadêmico. O medo veio, bem como as dúvidas se eu iria passar no processo seletivo. E se eu passasse? Como me organizar para trabalhar, estudar e ainda cuidar da vida pessoal? Meu filho tinha apenas três anos de idade, será que ia conseguir deixa-lo para ir à Belém aos finais de semana para estudar? De ante de tantas dúvidas e medo, consegui passar no processo seletivo e ingressei no mestrado profissional da UFPA, o ProfHistória, assim, agora podia continuar com meu sonho de uma educação com ensino inovador, voltado para os discentes e para a minha cidade, Abaetetuba.

⁴ Projetos estes que serão abordados ao longo deste trabalho de pesquisa.

1.1 Apresentando a cidade de Abaetetuba⁵

O município de Abaetetuba, palavra de origem tupi que significa “Terra de homens fortes e valentes”, está localizada no baixo Tocantins, com uma população atual de cerca de 160 mil habitantes, possui uma expressiva população ribeirinha/quilombola, com cerca de 72 ilhas e diversas comunidades remanescentes quilombolas.

Imagem 1 - Mapa Município de Abaetetuba e território quilombola



Fonte: ITERPA / 2020

História

Durante os séculos XX e XXI alguns autores escreveram sobre a cidade de Abaetetuba, ou Abaeté⁶ como é chamada pelos habitantes. Em sua monografia “*Sítios e Engenhos em Abaeté: Um estudo de Cultura Material (1840-1870)*”, a professora Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo faz uma viagem historiográfica analisando obras que tratam da história do município e enfatiza o trabalho de autores como, Luís Reis, Jorge Machado e Nazaré Lobato⁷. Segundo Macedo, estes em suas obras, constroem uma história cívica, tradicional, heroica,

⁵ A escolha por apresentar a cidade ocorreu tendo em vista que o ProfHistória, sendo um programa que cobre todo o território brasileiro, tem suas dissertações disponíveis no banco de dados nacional, portanto, identificar a cidade cuja dissertação é feita é fundamental para o entendimento de quem é de fora da região.

⁶ Distrito criado com a denominação de Abaeté, em 1750, subordinado ao município de Belém. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 4.505, de 30-12-1943, o município de Abaeté passou a denominar-se Abaetetuba. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 2 distritos: Abaetetuba e Beja. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/historico>. (Acesso em 07/11/2021)

⁷ REIS, Luiz. Abaetetuba. Belém, Gráfica Falangola, 1969; LOBATO, Maria de Nazaré. Ecos da terra. Belém: Gráfica Santo Antônio, 1993; MACHADO, Jorge. Terras de Abaetetuba. Belém: CEJUP, 1986. (Apud Macêdo, 2006)

conceitual e até um guia histórico sobre a cidade. Uma análise um tanto superficial, mas de suma importância para aprender e entender sobre a história local na visão de autores regionais.

A atual Vila de Beja, distrito da cidade, foi o berço da colonização do território que hoje corresponde a cidade de Abaetetuba. No início do processo de ocupação da região, a vila recebeu o nome de “Aldeamento Samaúma”, pois era o local onde religiosos jesuítas e capuchinhos catequisavam os indígenas agrupados através dos descimentos promovidos pelas ordens religiosas. A denominação de Samaúma se deu por conta da grande quantidade de árvores Samaumeiras ali nativas, e que já são pouco encontradas.

Abaetetuba era considerada uma região muito privilegiada pois, diferentemente de outros locais, recebia constantemente a visita do clero (bispos, padres, entre outros.) que na época tinham uma certa limitação ao visitar localidades no interior da Amazônia, principalmente pela distância e dificuldade de acesso. Porém, Abaetetuba ficava na rota de muitos viajantes que nela paravam para abastecer as embarcações e descansar, para seguir viagem, no século XIX o porto de Abaeté chegava a receber até 10 vapores mensais.⁸

Uma das primeiras construções feitas no município de Abaetetuba foi a antiga capela da Nossa Senhora. da Conceição, a qual não resistiu ao tempo nem a umidade ficando em ruínas. Em virtude disso, as missas passaram a ser realizadas na “Igreja do Divino” em frente à Praça da República ou, como também é conhecida, Praça do Divino. De acordo com jornais da época, a população com o tempo, começou a chamá-la também de praça da Conceição, que hoje – na realidade – corresponde a praça que conhecemos como “Praça da Bandeira”, a qual ficou assim denominada por conta do monumento construído para o hasteamento das bandeiras do país, do estado e do município. Nazaré Lobato sobre esta igreja relata:

“A antiga Capela de N.S. da Conceição se localizava na Travessa da Conceição, hoje Avenida Pedro Rodrigues, quase na esquina da Rua Siqueira Mendes, mais ou menos onde hoje é a propriedade do Sr. Duca Ferreira, tendo em volta o primeiro cemitério, onde rezadas as ladainhas do Novenário da Virgem”. (LOBATO,1993, p.20. Apud MACÊDO, 2006).

O jornal “O Abaeteense”, na edição única de agosto de 1884, registra que a Vila de Abaeté teve sua criação no ano de 1758, mas somente em 1869 esta teria apresentado algum desenvolvimento. Era constituída por uma rua principal, duas travessas e um largo. Cerca de 15 anos depois, agora mais desenvolvida, a pequena vila apresentara ruas como a rua Siqueira

⁸ Jornal o abaeteense. Abaetetuba-Pa, 15 de agosto de 1884, 1ª Edição. Disponível em Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Mendes, considerada a mais bela rua, com a arquitetura mais desenvolvida, havendo nela alguns prédios. Contava-se também com as travessas “Tenente-Coronel Costa”, a “Travessa da Conceição” e mais outras três, com menos habitantes e mais afastadas do centro, além de uma praça conhecida como “Largo do Espírito Santo”.

Dentre as igrejas que compõem o patrimônio histórico da cidade estão a Igreja de São Miguel Arcanjo, na Vila de Beja e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sede da Diocese de Abaetetuba. Há algumas décadas a cidade era conhecida como a “Terra da Cachaça”, devido a próspera indústria de aguardente de cana localizado na época em Abaetetuba. Os Engenhos, no início do Século XX eram muitos e estavam espalhados por todo território geográfico do município, porém hoje só existe as ruínas e apenas uma pequena unidade fabril, o Engenho Pacheco, que produz perto de 1.000 litros por mês de uma excelente cachaça que é usufruída por um pequeno número de pessoas dentro do próprio município.⁹ A cachaça nos séculos XIX e XX era vendida em garrafões de até 48 litros e a cana de açúcar era transportada em embarcações destinadas para este fim. Os engenhos foram construídos em regiões de várzea, próximas a rios e igarapés, por conta disto era extremamente necessário a utilização de embarcações para o transporte da cana de açúcar. A consequente queda desta produção estaria ligada a própria localização geográfica dos engenhos, o difícil acesso e falta de modernização na produção e dos transportes (MACEDO, 2006).

Quilombos

No decorrer da história dos séculos XIX e XX, os quilombos foram espaços de resistência das populações negras, mestiças e classe baixa, onde podiam viver com maior liberdade cultural, pessoal e religiosa. Com o passar do tempo, as antigas áreas de quilombo foram classificadas pelo Estado como Comunidades Remanescentes de Quilombo, nas quais muito vivem em função do extrativismo, da agricultura familiar e/ou pesca. Nelas as heranças dos africanos e afrodescendentes são muito presentes na culinária, na religiosidade e nas práticas de capoeira (MARQUES, 2008)

Próximas da sede do município de Abaetetuba, é possível identificarmos comunidades quilombolas como do Baixo Itacuruçá, Alto Itacuruçá, Campopema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tauaré-Açu. Essas e outras comunidades remanescentes de quilombo são de suma importância para a formação do povo e da cultura não só de Abaetetuba, mas também do povo brasileiro, pois são formas de resistências centenárias das populações descendentes de africanos contra a herança negativa da escravidão.

⁹ <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php>. (Acesso em 08/10/2021)

Economia

No século XVIII o açúcar foi o principal produto do setor econômico da cidade. Luís Reis, afirma em seu livro “Abaetetuba” de 1969, a existência de lavouras na região bem como a produção de cachaça, produto este que ficou bastante conhecido e muito consumido na região e arredores. No século XX a economia da região era atrelada à mandioca, ao cacau, pescado e açúcar (MACÊDO, 2006).

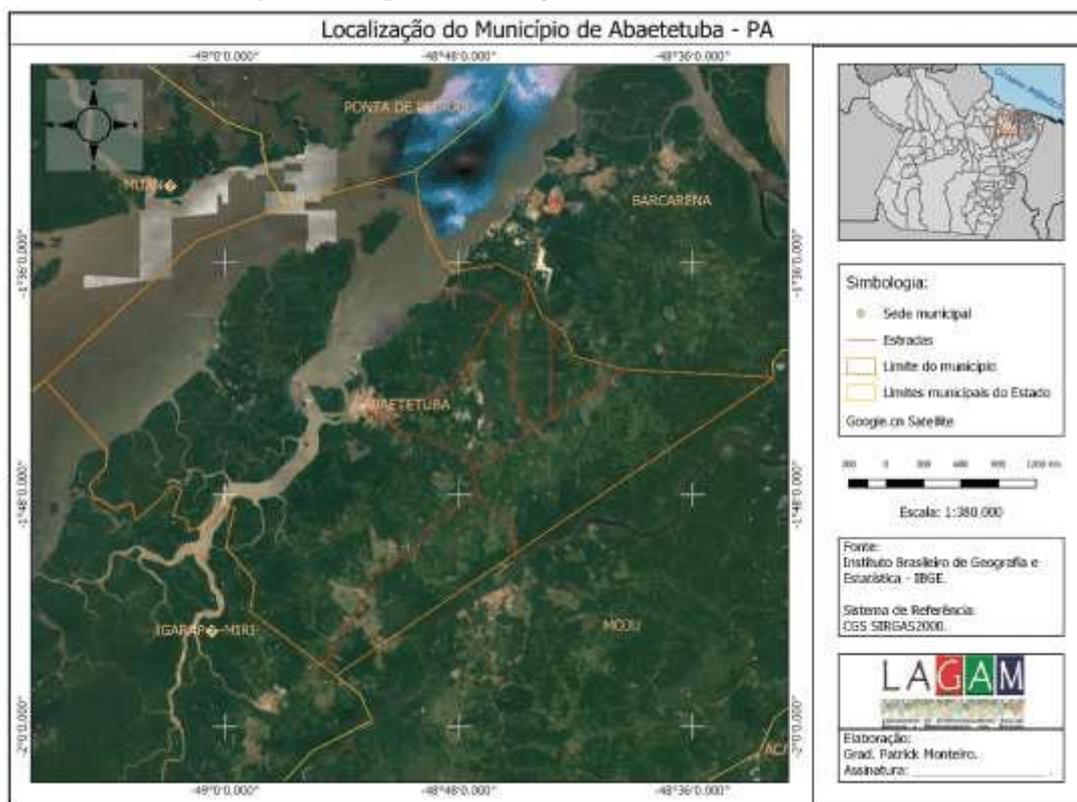
Atualmente a economia é baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura. Mas podemos encontrar outros ramos sobrevivendo no município, como o setor industrial que, tem pequena participação na economia abaaetetubense, são empresas médio e pequeno portes que se compõe sobretudo dos ramos alimentício e de beneficiamento de produtos agrofloretais. Existe na cidade também metalúrgicas e estaleiros. No setor agroflorestral, o município destaca-se como o 2º maior produtor de açaí do Pará, como o 3º maior produtor de bacuri e cupuaçu, e como o maior produtor de manga do estado. Outras culturas também marcam fortemente a agricultura abaaetetubense, como mandioca, coco, miriti e bacaba. Na pecuária, o município conta com bovinos, suínos e caprinos, além de possuir um abatedouro público, que faz parte da história deste município.¹⁰

Localização

Abaetetuba está localizada às margens do Rio Maratauíra (ou Meruú), que é um afluente do rio Tocantins, no nordeste Paraense, microrregião de Cametá.

¹⁰ <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php>. (Acesso em 08/10/2021)

Imagem 2 - Mapa de localização da cidade de Abaetetuba-Pa



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-Mapa-de-Localizacao-do-municipio-de-Abaetetuba-PA_fig1_339138596. Acesso em 29/10/2021)

1.2 O colégio Engels

O chão desta pesquisa, o colégio Engels, atua no município há 24 anos, uma escola privada, porém com uma diversidade muito grande do alunado, em questões culturais, pessoais e econômicas. Estando localizado no centro da cidade, consegue receber alunos não só de classe baixa, média e alta da região, mas também alunos de municípios vizinhos como Moju, Barcarena e Igarapé Mirí, alunos das Ilhas, comunidades da zona rural de Abaetetuba, bem como descendentes quilombolas (rurais e/ou ribeirinhas), comunidades que formam a essência e cultura do nosso município

Segundo um dos professores proprietários, o colégio foi fundado inicialmente como cursinho pré-vestibular por oito professores da região, que visavam proporcionar ensino aos moradores locais que trabalhavam e que já tinham terminado seus estudos, para que pudessem estudar o ano inteiro com mensalidade acessível e conquistassem o acesso a uma universidade pública. Era um pequeno barracão que depois de alguns anos foi cedido para o município para alocação de uma das escolas da rede que passava por reformas estruturais e dessa experiência

o colégio então foi pensado, inicialmente apenas com educação infantil e fundamental I e posteriormente as séries seguintes foram sendo acrescentadas ao longo dos anos. Junto com a fundação do cursinho e posteriormente colégio, veio o nome: Engels. Escolhido por alguns professores, pois remetiam à Friedrich Engels, empresário industrial e teórico revolucionário alemão que juntamente com Marx fundou o socialismo científico. De acordo com um dos professores fundadores, o nome de fato é uma lembrança aos ideais de Engels, porém não possui em sua visão as ideologias marxistas. O colégio foi pensado para todos, sem ideologias, crenças ou aporte teórico e político.

Hoje o colégio atua no município há 24 anos, sendo referência em educação na cidade e arredores. Apesar de se constituir como instituição privada, entre seu corpo discente estão presentes uma variedade de alunos com situações econômicas diversificadas, com muitos alunos provenientes das ilhas, espaços rurais e municípios fronteiriços.

Imagem 3 – Fachada do Colégio.



Fonte: Google maps
(<https://www.google.com/maps/contrib/108973164902613070272/photos>)

Imagem 4 – Interior do Colégio

Fonte: Acervo Pessoal

1.3 As primeiras “Aulas Históricas”

No ano de 2017, enfim conseguimos tentar preencher a lacuna que faltava nas aulas de História: Sair da sala de aula e valorizar a cultura local, a cultura paraense. A princípio o projeto de levar os alunos para fora da sala de aula e “ver” a história e sua importância, começou muito tímido. Foi proposto a escola que se realizasse uma “Aula Histórica”, levar os alunos ao centro histórico de Belém e conhecer de perto a história da nossa população nos séculos XVII, XVIII e XIX. O público alvo, alunos do 3º ano do Ensino Médio, seria uma aula ao mesmo tempo dinâmica, com paradas nos principais marcos históricos da cidade de Belém e voltada para a formação pessoal e profissional desses alunos, haja vista ser este o ano em que os discentes prestam vestibular para adentrar em uma universidade. Fechar esse ciclo com a “Aula histórica”, seria uma maneira de tentar dar sentido a toda uma vida escolar desses jovens no que se refere ao ensino de História e a formação do discente como cidadão consciente e pertencente ao seu lugar.

O objetivo desta atividade era não somente realizar um “passeio pela história” do Pará e sua representatividade na capital do Estado, mas proporcionar aos alunos a inserção nos espaços, a observação dos aspectos característicos dos diferentes períodos históricos que Belém protagonizou, desenvolvendo o olhar crítico dos alunos sobre o espaço, o tempo e as ações

humanas ao longo dos séculos. Desenvolver a habilidade de contextualização dos alunos, a capacidade de relacionar os aspectos de suas vivências a própria evolução do espaço no qual se inserem.

Em 2019, o projeto foi repensado e amadurecido, conseguimos levar os alunos para uma viagem não só na história do Pará, mas também conseguimos fazer com que estes alunos do 3º ano do Ensino Médio, tivessem um contato mais próximo com a história e suas fontes. Na segunda edição das “Aulas Históricas”, percorremos um trajeto pelo centro histórico de Belém, visitando Igrejas, monumentos e museus. E também ao Centro de Memória da Amazônia, localizado no bairro do reduto em Belém, onde constam belos acervos de fontes históricas da região Amazônica. Lá os alunos puderam aprender um pouco sobre o trabalho dos historiadores bem como sentir de perto a sensação de folhear um documento histórico sobre a História Local.

Imagem 5 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 em frente à Igreja do Carmo em Belém-Pa.



11

Fonte: Acervo Pessoal.

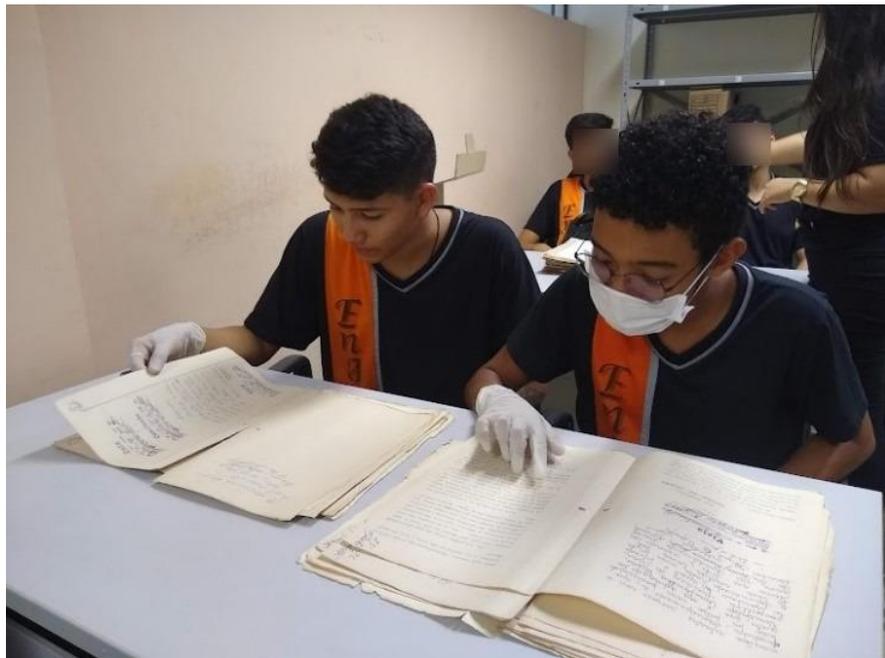
¹¹ Algumas fotos do projeto “Aulas Históricas” foram borradas a fim de resguardar a imagem dos alunos que na época, 2019, eram menor de idade.

Imagem 6 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 na Igreja de Santo Alexandre. Belém-Pa.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 7 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 8 - Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 recebendo as primeiras orientações na Praça da República. Belém-Pa



Fonte: Acervo Pessoal.

Certamente foi um momento ímpar para esses alunos, os *feedbacks* sobre a aula foram muito positivos, olhares atentos, anotações, perguntas e um interesse que jamais havia visto neles. Foi um primeiro contato com aquela História que sempre quis apresentar aos alunos, nessas aulas pude reviver e rever meus questionamentos que foram apontados no início desta pesquisa. O ensino de História, enfim estava fazendo sentido, não só para os alunos, mas para mim também como professora. Porém, outros questionamentos começaram a se formar durante essas experiências, pois, o intuito inicial era aproximar os discentes a uma História Local, a história deles, a nossa história. Mas e se eles não precisassem se deslocar para tão longe do local onde moram? Essa História Local não poderia ser a história de Abaetetuba? Afinal, o que é História Local?

1.4 História Local como possibilidade para o Ensino de História

O presente texto parte do pressuposto de que para muitos alunos a disciplina História é apenas a reprodução do que aconteceu no passado e de que nada influencia e/ou influenciará na sua vivência social. Desta maneira se faz necessário entender e problematizar o papel do professor de história dentro e fora da sala de aula, levando em consideração o meio em que alunos e professores estão inseridos. Para isto é preciso perceber como os alunos se compreendem como sujeitos históricos ativos, pois é preciso

Construir neles o sentimento de pertencimento em relação ao lugar, com suas várias histórias, mas também permitir que se apropriem de conceitos históricos, motivo que faz com que a cidade se transforme em objeto de estudo, em sala de aula. Ao se estudar a cidade, diversos aspectos de sua constituição podem ser abordados em diferentes temporalidades históricas: no plano físico, no plano cultural, político, econômico e social (CANO, 2012 apud TORRES, 2018).

Além disso, é possível compreender a nossa função como sujeitos que transformam o espaço e por ele é transformado, refletindo assim, sobre as nossas práticas e ações. (TORRES, 2018). Para Flávia Eloisa Caimi (2010), antes acreditava-se que a história do presente não poderia fazer parte do cotidiano escolar, muito menos a história local, desta forma a história ensinada valorizava a História conhecida como Nacional com seus feitos e personagens relevantes, as histórias dos verdadeiros heróis e que o papel do docente seria o de repassar conteúdo, informações que seriam assimiladas e decoradas pelos alunos. Porém, atualmente muitos estudos¹² apontam e defendem uma história que permitiria aos discentes reconhecer as diversas experiências históricas das sociedades a partir de situações do seu cotidiano, ajudando assim na construção de uma consciência histórica. É preciso fazer com que o espaço escolar deixe de ser espaço de rotina e repetição, a escola deve ser tratada como espaço de reflexão, de críticas, espaço no qual os alunos se vejam como sujeitos importantes e ativos, cidadãos que podem mudar os rumos da educação, espaço de justiça curricular, que segundo Connell (1993 apud MOREIRA E CANDAU, 2003) seria uma estratégia pedagógica que produz menos desigualdades nas relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado. Dessa maneira o ensino de História estaria voltado para a vivência dos docentes e discentes, uma educação para além das paredes da escola, uma educação para a vida. Para isto seria necessário inserir na sala de aula aspectos como, filmes, costumes, danças, músicas dentro outros, que façam com que

¹² Esses debates e reflexões de historiadores, pesquisadores do ensino e professores serão apontados ao longo do texto.

esse alunado se vejam representados e que os mesmos possam criticar e argumentar, fazendo assim da escola um espaço de crítica cultural (MOREIRA E CANDAU, 2003)

É preciso também refletir sobre o ensino de história feita na academia e a maneira como os docentes entendem e se utilizam desse ensino, pois é necessário não generalizar a prática de ensino em sala de aula. Esta discorre da práxis científica, porém tem suas especificidades ligadas ao meio social em que estão, da complexidade da escola e de suas experiências pessoais. Cada educador (a) precisa também fazer uma reflexão sobre sua própria identidade cultural, se é capaz de descreve-la, como foi construída, que referentes tem sido privilegiado e por meio de que caminhos (MOREIRA E CANDAU, 2003). É necessário que

O diálogo entre a universidade e a escola deve ser estimulado, ao invés de falarmos para, falamos com elas [...] que se teorize tendo por referência a escolarização e suas condições econômicas, políticas e culturais de existência. (SILVA, 2009)

Bergmann (1989/1990) deixa claro que o educador e a educadora¹³ precisam ensinar para a práxis social, colaborando assim na construção e aperfeiçoamento da consciência histórica do aluno. O professor deve sempre levar em consideração a vivência do discente, o ambiente social em que vive, para que este se reconheça como sujeito histórico e social vivente, para assim perceber que a história do passado está estreitamente ligada à história do presente. Cabe então ao professor recorrer a recursos didáticos de subjetivação, fazendo com que o aluno se veja como partícipe dessa história, comprometido com sua realidade social, assumindo assim uma identidade.

Falar da História Local é de extrema importância, pois “debates atuais do ensino de história apontam possibilidades de estabelecer relações entre o estudo do local/regional e os processos de formação de identidades sociais plurais” (CAIMI, 2010, pg. 60), o que se distancia das aulas focadas apenas na história nacional, fazendo com que a maioria dos estudantes não se identifique e se reconheça como sujeito histórico

O ponto central agora seria dialogar e refletir sobre a definição de História Local/Regional, o que não é tarefa fácil, pois não há uma única linha de pensamento sobre estes. Maria Aparecida Toledo (2010) nos seus estudos afirma que a história local está inserida no contexto de mudanças historiográficas e as diversas temporalidades trazem um interesse pelo cotidiano e que esta se aproxima e dialoga com a antropologia e a geografia. Sendo assim, o

¹³ Termos utilizados seguindo o pensamento Freiriano. (FREIRE,1987).

local, o regional seria muito mais do que fronteiras políticas e territoriais, “cada lugar tem sua especificidade e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõe e de suas funções” (SANTOS, 1991 apud BITTENCOURT, 2008, p. 171). De acordo com Bourdin (2001 apud CAVALCANTI 2018), o local é espaço de relações sociais entre os sujeitos e que não é algo novo, essas ideias apareceram nas reformas curriculares de 1930 e em 1971, quando se propôs a história local como recurso didático. Sendo assim, a história local é extremamente importante para o ensino, pois com ela o aluno consegue compreender seu entorno, “identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer- igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (Cavalcanti, 2018, p.277). Porém é importante evitar que aconteçam generalizações, a história local não pode se limitar a reproduzir aspectos políticos e culturais apenas dos personagens “importantes”, figuras políticas e classes dominantes. Para não haver essas generalizações, Samuel Raphael (1990), aponta que é preciso escolher um elemento da vida, limitado ao espaço local, porém que pode ser usado também como “uma janela para o mundo”. Desta forma a história local precisa de subjetivação, esta não é autoexplicativa, não vem pronta.

Partindo de uma reflexão pessoal de vida na qual pude presenciar por várias vezes o desinteresse dos alunos e alunas em sala de aula, pude perceber principalmente que estes não enxergavam a disciplina como algo para além da sala de aula, o que acarretou nos nossos questionamentos iniciais. Por este fato, em 2019, foi criado um projeto escolar no colégio Engels em Abaetetuba intitulado “*As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba*”. O foco inicial do projeto foi desenvolver conhecimentos básicos acerca da história e cultura regional que por muitas vezes é deixada de lado na sala de aula, sobretudo no que se refere aos conteúdos abordados nos livros didáticos, que por sua vez desconsideram a importância da história local como uma vertente essencial para compreender a realidade em que os estudantes estão inseridos. Nos aprofundaremos sobre este projeto e seus frutos no capítulo seguinte.

2 PROJETO “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”: UMA EXPERIÊNCIA EXTRACLASSE.

Ensinar História e aprender História. Questionamentos que estiveram por muito tempo permeando meus pensamentos desde o início até a conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História na UFPa. Atentar para a vida profissional pós academia é algo que

vem sendo discutido e analisado por diversos professores, historiadores e pesquisadores na área há décadas. Desde a década de 1960 várias discussões permeiam o ensino de história no Brasil, por volta de 1990 uma nova discussão sobre a formação de professores de história viera à tona novamente, discussões acerca da formação de professores reflexivos e investigadores de sua prática (CAIMI, 2006, p. 17-32). O professor não pode ser um simples profissional que reproduz conhecimento, mas sim alguém capaz de inovar, de interagir e dialogar com a produção teórica e metodológica pertinente ao seu campo de conhecimento. A sala de aula deveria ser um espaço de curiosidade, de questionamentos e de interesse pelo conhecimento, pois este é,

Resultado de uma interação com o meio físico, social e simbólico, na qual o sujeito é sempre um elemento ativo, que procura compreender o mundo e resolve as interrogações que este mundo provoca. (CAIMI, 2006, p. 26).

Refletindo sobre isto, surgiu a necessidade de transformar a práxis histórica dos alunos do colégio Engels, dar mais um passo rumo aquele sonho de propor um ensino inovador, um ensino que fizesse sentido para os discentes.

2.1 Trilhando caminhos para a práxis histórica

Após um período de reflexão sobre o ensino de história no colégio Engels e os *feedback* superpositivos, de alunos, professores e toda a comunidade escolar, sobre as “Aulas históricas”¹⁴, pudemos perceber que tirar o aluno de sala de aula é muito válido quando se fala de ensino de história. As viagens certamente ficaram marcadas na vida daqueles alunos, bem como todo conhecimento que foi adquirido com a mesma, conhecimento que marca não só a vida escolar destes, mas também a vida pessoal, o que vem depois da escola. Para proporcionar essas experiências é preciso entender que,

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. (CAIMI, 2006, p. 24)

¹⁴ Projeto mencionado no primeiro capítulo desta dissertação.

O testemunho a seguir é de um aluno egresso da escola, participou da experiência escolar de sair da sala de aula e experimentar a história na prática. A viagem ao centro histórico de Belém, bem como ao Centro de Memória da Amazônia trouxe reflexões e pensamentos sobre o ensino de História.

“Já faz bastante tempo desde a experiência, porém com certeza esse momento ficou marcado na minha memória. Sair da sala de aula e ver de perto as fontes históricas, as quais por muitas vezes a gente nem escuta falar, foi maravilhosa, vi até colegas que antes não se interessavam nas aulas, ficaram maravilhados com os que nos foi proporcionado. Essa viagem na época me fez gostar ainda mais da disciplina e a partir do momento que saí da escola e adentrei a Universidade usei os conhecimentos para a vida em sociedade e na vida acadêmica também, com certeza os ensinamentos foram muito válidos, da escola para a vida.”¹⁵

Imagem 9 - Contato dos alunos com as fontes no CMA



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

¹⁵ Relato de um aluno egresso do Colégio Engels que participou da “Aula histórica” no ano de 2019, hoje é graduando na Universidade Rural da Amazônia.

Imagem 10 - Contato dos alunos com as fontes no CMA



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Imagem 11 – Interior da Igreja do Carmo no Centro Histórico de Belém



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Desta forma, analisando todo o caminho já percorrido e todo o reflexo que essas pequenas ações relacionadas ao ensino de História trouxeram para esses alunos, houve a

¹⁶ As fotos do projeto “Aulas Históricas” foram borradas a fim de resguardar a imagem dos alunos que na época, 2019, eram menor de idade.

necessidade de buscar algo mais próximo a eles. Visitar o centro histórico de Belém certamente foi edificante para os alunos, visitar os museus, ver de perto os resquícios históricos deixados pelos antepassados. Mas havia algo faltando. E foi na visita ao Centro de Memória da Amazônia¹⁷ (CMA) que a reflexão surgiu. Vi naquele momento os olhos dos alunos brilhando com a explicação dos pesquisadores sobre o espaço e a mostra de uma parte dos documentos que ali se encontravam. Em um determinado momento os alunos foram instruídos a manuseá-los e folheando os documentos, eis que achamos um que falava sobre educação e estava assinado por Benvinda de Araújo Pontes, secretária da educação na época do documento. Os olhos dos alunos brilharam, pois é o nome de uma importante escola estadual de Abaetetuba, Escola Benvinda de Araújo Pontes¹⁸, e foi nesse momento que percebi o grande interesse dos alunos em querer saber mais. “*Nossa, o colégio tem o nome de uma antiga secretária da educação do município*”, foi o que escutei de antemão pelos alunos além da curiosidade de querer saber mais. Esse foi o repente que surgiu. Ali estava Abaetetuba, a cidade daqueles alunos, viram algo do seu cotidiano, algo que fez sentido para eles, para todos. A partir de então veio à tona a vontade de “transformar” aquela experiência em algo ainda mais real para eles. Por que não viajar pela própria Abaetetuba? Por que não pesquisar sobre a nossa cidade? Surgiu então o Projeto Escolar “As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba” que atuou no colégio Engels de 2019 a 2022, projeto este criado e elaborado pelos professores de história (Dayane Rodrigues, Rosinaldo André e Anndrea Tavares)¹⁹ contando ainda com a colaboração dos demais professores direta e indiretamente. O referido projeto teve como ênfase o resgate e valorização histórica da cidade de Abaetetuba incentivando o hábito da leitura e da escrita, promovendo o senso de responsabilidade e de cidadania através do estudo da história local, conhecendo seu processo de fundação, construção e desenvolvimento, articulando ações voltadas para o ensino histórico e cultural, que visavam

¹⁷ O Centro de Memória da Amazônia -CMA -UFPA é uma instituição patrimonial, foi criado em 31 de janeiro de 2007 através do Convênio N. 005/2007 entre a Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE-PA) com o intuito de guardar, melhor acondicionar e tornar mais acessível a rica documentação “inativa” formada por processos cíveis e criminais pertencentes à justiça do Pará em seu acervo histórico com datas limites entre 1785 e 1970 e assim possibilitar a construção da história das relações sociais e culturais da Amazônia. (<https://www.cma.ufpa.br/> Acesso em 20/09/2022).

¹⁸ Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profª Benvinda de Araújo Pontes, fundada em 09 de janeiro de 1999 em homenagem à professora “Benvinda de Araújo Pontes” que foi filha de uma família tradicional em Abaetetuba. RIBEIRO, Leilianne Mac Dovel. Relações de gênero na escola Benvinda de Araújo Pontes – Abaetetuba - PA: modos de enunciação das relações de saber-poder. Orientadora: Vilma Nonato de Brício. 2019)

¹⁹ Anndrea Caroliny da Costa Tavares, Doutora em História Social da Amazônia, com ênfase em População e Sociedade. Mestra em História, com ênfase em História Social da Amazônia (PPHIST UFPA). Graduada em Licenciatura/Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (2013). Dayane Damascena Rodrigues, mestranda em Ensino de História (ProfHistória UFPA), Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará (2012). Rosinaldo André Ferreira da Silva, graduado em História pela UNIFESSPA e Pós em arte e educação pela UNIASSSELVI

reconstituir e valorizar a memória da sociedade abaetetubense. Ao longo do ano de 2019 o projeto proporcionou aos alunos extrema singularidade no que refere ao sentido de pertencimento à uma história, um povo. Já no início do ano de 2020 em meio a uma grande pandemia, estes alunos tiveram que se adequar a um novo normal, o de isolamento social, e desta forma o projeto teve que também se adequar, com encontros e debates remotos, bem como um novo desafio: Participar da 12º e 13ª Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) com uma roupagem totalmente digital, o que por certo trouxe para esta pesquisa muitos ensinamentos, reflexões e muita história para contar.

2.2 O caminho percorrido

Segundo Caimi (2015, p, 111), o desafio de ensinar História, remete-nos a refletir sobre as ferramentas que o professor precisa para dar conta das exigências que o cenário atual, em contexto social e escolar, nos coloca,

Exige-se do professor disposição (e competência) para trabalhar de forma integrada a outras disciplinas e áreas de conhecimento, uma vez que o trabalho docente é de natureza social. Exige-se um domínio disciplinar que os habilite a não oferecer respostas únicas, considerando-se uma dinamicidade da produção e disseminação do conhecimento na atualidade. (CAIMI, 2015, p.109).

Pensando nisso, é imprescindível perceber que ensinar história está longe de ser apenas um exercício de aprendizagem sobre conhecimentos históricos que já vem prontos nos livros e textos didáticos. É necessário uma visão ampla, para o ensino, para os discentes, docentes e o espaço ao qual aquele ensino está colocado. Desta forma o primeiro passo para a elaboração do projeto escolar seria selecionar e conhecer os alunos que iriam participar.

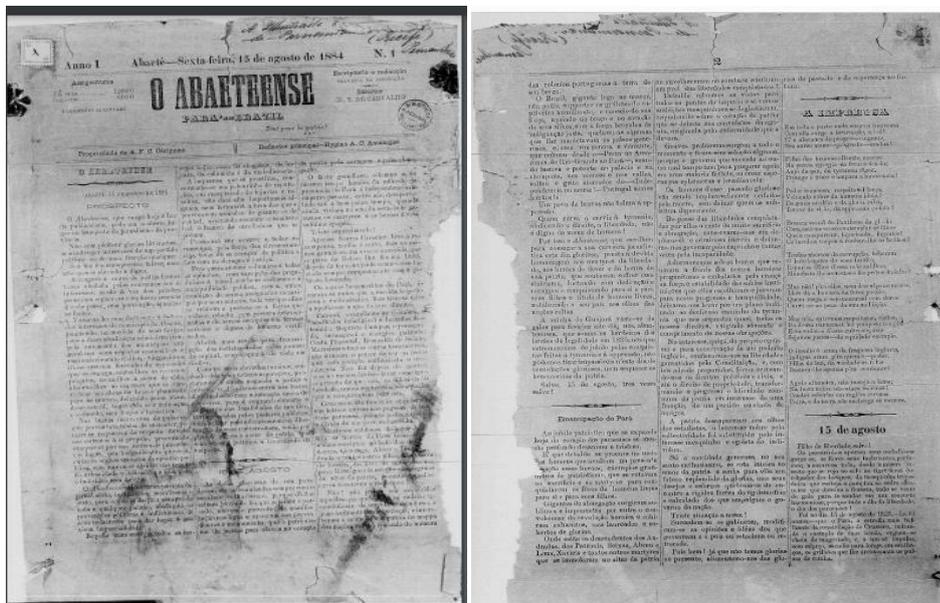
No dia 08 de maio de 2019 foi feita então, a seleção dos alunos, as inscrições foram ofertadas aos alunos do ensino médio, na ocasião 15 alunos se inscreveram, porém apenas 7 permaneceram no grupo, alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Posteriormente o grupo foi aberto aos alunos do ensino fundamental, para as turmas dos 9º anos, sendo assim em setembro de 2019, 7 alunos ingressaram no projeto, totalizando então 14 alunos fazendo parte do projeto *As Margens do Maratauíra*.

O projeto se iniciou buscando inferir que todo o processo de ensino aprendizagem viria de forma a “fugir” do convencional, sem ficar restrito à sala de aula ou a livros didáticos, mostrando aos alunos que aprender história vai além da sala de aula e das paredes da escola.

Nessa perspectiva, entendemos a tarefa de ensinar como a apropriação, pelo professor, de conhecimentos pedagógicos que lhe permita mobilizar estratégias e recursos que transformem os conhecimentos científicos em “saberes escolares ensináveis”, em conhecimento válidos socialmente, pertinente às características e finalidades da escola nas sociedades contemporâneas e que produzem sentido àqueles/naqueles que são o aprendentes. (CAIMI, 2015, p. 115)

Foi apresentado então aos alunos algumas leituras iniciais: trechos da dissertação de mestrado do professor Luzivan dos Santos “Gênero de vida ribeirinho na Amazônia”²⁰ e um texto do professor Dr Karl Arenz “Filhas e Filhos do Beiradão”²¹ além de dois documentos sobre a cidade de Abaetetuba: a carta de Sesmaria de Francisco de Azevedo Monteiro e a primeira e única edição do jornal O Abaeteense de 1885. O intuito foi apresentar aos alunos um pouco da história local, da história dos ribeirinhos e de como, através dos documentos e leituras, podemos também aprender sobre a nossa história.

Imagem 12 – Jornal O Abaeteense

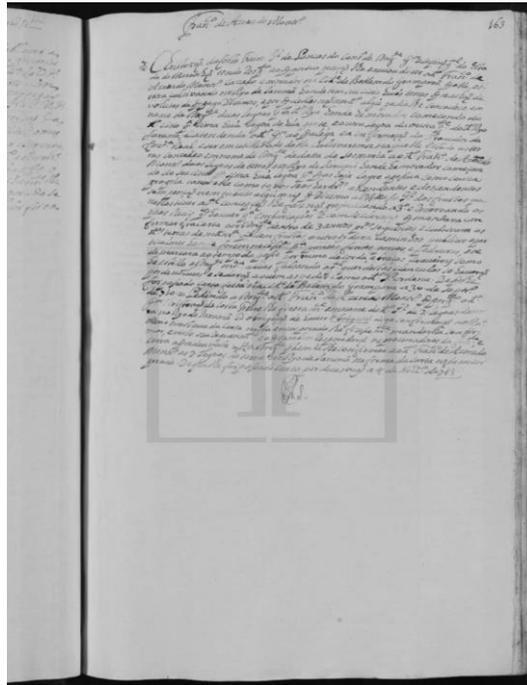


Fonte: O Abaeteense, edição única. 15/08/1884. Biblioteca Nacional, RJ.

²⁰ FERREIRA, 2013.

²¹ ARENZ, 2000.

Imagem 13 - Carta de requerimento de Sesmaria de 1743.



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Portugal

Imagem 14 - Primeiro contato com as fontes escritas sobre a cidade



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Imagem 15 - Rodas de conversas com os alunos dos 9º anos. O projeto apresentado pelos próprios discentes.



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Com os primeiros encontros, iniciaram-se a apresentação e estudo dos documentos, rodas de conversa e amplificação de ideias, objetivando o melhor andamento e organização do projeto. As primeiras impressões dos alunos foram muito satisfatórias, adoraram ler os textos bem como discuti-los em grupo, mas o que mais chamou a atenção foram os documentos, o primeiro impacto de sair dos livros didáticos e conhecer a história de uma outra maneira. Houve muito empenho e determinação em tentar transcrever a carta de sesmaria e de analisar o jornal que retratava uma cidade que para eles até então era desconhecida, uma Abaetetuba do século XIX, e claro ficaram maravilhados.

2.2.1 O protagonismo discente

O professor de História é extremamente importante para guiar o discente e leva-lo à compreensão das diversas problemáticas as quais o ensino de História propõe. O professor não é um mero reproduzidor de conteúdo, este deve ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias, é preciso deixar o aluno participar do processo, indagar, refletir e construir a História. Para isso seria necessário deixar claro que o conhecimento não é algo que já vem pronto, predeterminado, cabe ao professor “ensinar o aluno a levantar problemáticas e a

²² As fotos de alguns alunos foram borradas para resguardar a exposição de imagem do menor, já que os que foram retirados com a edição da imagem não faziam parte do grupo de alunos integrantes do projeto “As Margens do Maratauíra”.

reintegrá-las num conjunto mais vasto de outros problemas” e mostrar que a História por si só não consegue responder essas questões, há diversas interpretações possíveis dos fatos históricos (SCHMIDT, 2006).

Desta maneira o projeto “As margens do Maratauíra” suscitou aos alunos este momento de protagonismo, criando meios para a criação e discussão de algumas problemáticas em relação ao estudo da história da fundação da cidade, Abaetetuba. Após as análises, discussões de textos e rodas de conversa, os alunos projetaram a intenção de gravar um vídeo contando tudo o que estavam aprendendo sobre a cidade, uma forma de colocar em prática todo o conhecimento adquirido. Assim a primeira atividade realizada fora da escola foi a gravação de um vídeo que ocorreu em junho e julho de 2019 em alguns pontos importantes da história da cidade, como a praça de Nossa Senhora da Conceição e praça Francisco de Azevedo Monteiro (mais conhecida pelos populares como praça da Bandeira), além do distrito Abaetetubense da Vila de Beja. O objetivo inicial do vídeo foi, através do protagonismo discente, apresentar aos alunos as várias faces que a história pode ter, pois os mesmos conseguiram mostrar que a história de Abaetetuba tem algumas versões, a popular do mito fundador da cidade que foi Francisco de Azevedo Monteiro e a face científica apresentada através de documentos e vestígios. Assim então embasar e difundir o conteúdo histórico “real” do início do município de Abaetetuba, que ocorreu a partir da Vila de Beja, ao entendimento da história popular que vem repassada oralmente entre os populares.

Imagem 16 - Gravação da Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Imagem 17 - Gravações na Praça Francisco de Azevedo Monteiro (Praça da Bandeira)



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Imagem 18 - Gravações do distrito da Vila de Beja



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

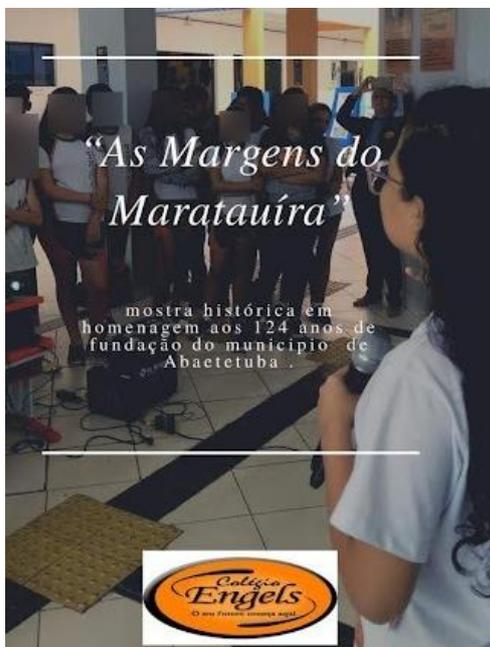
Imagem 19 - Gravações do distrito da Vila de Beja

Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Após as gravações e edição do vídeo, o projeto proporcionou aos alunos, apresentar suas indagações e problemáticas a toda comunidade escolar. No mês de agosto, em vista da comemoração do aniversário da cidade, houve uma exposição, dentro das dependências do colégio, sobre os primeiros dados reunidos até o presente momento acerca do início da formação do território abaetetubense, às turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A atividade contou com a exposição de cartazes, um bate papo sobre a história do nosso município e a apresentação do vídeo encenado e roteirizado pelos próprios alunos. Na ocasião a exposição foi apresentada também a toda a comunidade abaetetubense com a cobertura de uma emissora de tv da cidade, conversando com alunos e professores sobre o projeto e seus frutos. Toda a exposição foi pensada e organizada pelos alunos, colocando em prática o protagonismo discente. Esses alunos expuseram através de uma roda de conversa todos os frutos do projeto, tudo o que foi pesquisado e o que foi aprendido até aquele momento sobre a história local e sua importância. Desta forma, aproveitando a exposição de diferentes fontes, produzidas em diferentes espaços e por vários agentes históricos, foi possível atuar na construção e reflexão de um saber histórico que possibilitou a esses alunos ponderar sobre a construção de uma História Local, do meio em que vivem, interpretando as diferentes experiências históricas para

relacionar tais conhecimentos construídos na orientação da vida prática, seguindo a função da consciência histórica (RUSEN, 2007).

Imagem 20 - Cartaz de divulgação da apresentação dos alunos na escola



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 21 - Cartaz de divulgação da apresentação dos alunos na escola



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 22 – Alunos visitando a exposição



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 23 - Bate papo sobre a história da cidade



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 24 - Aluno em entrevista sobre a exposição e pesquisas do projeto



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Após as apresentações, muitos foram os elogios aos alunos e toda a pesquisa feita dentro e fora da escola. Os próprios discentes fizeram uma análise de todas as ações feita no ano pelo grupo e procuraram buscar mais, queriam saber sobre a população abaetetubense no século XIX, saber dos costumes, da formação da sociedade, da formação da nossa gente. Para isso buscamos ampliar nosso conhecimento promovendo rodas de conversa com professores e especialistas na história e cultura abaetetubense. Na ocasião, no mesmo mês das apresentações em comemoração ao aniversário da cidade, às 17:00h (dezesete horas) do dia 24 de agosto de 2019, realizou-se uma roda de conversa com o Professor da Universidade Federal do Pará, Jorge Machado²³, grande estudioso dos períodos históricos da cidade. O encontro teve como objetivo a partilha de conhecimento com os integrantes do projeto, possibilitando maior conhecimento do contexto histórico presente em Abaetetuba nos séculos XVIII e XIX.

Foi um momento marcante, houve muita troca de informações, os alunos ficaram maravilhados com as diversas histórias do professor Dr Jorge Machado sobre a nossa cidade, cultura e formação da sociedade. Neste momento os alunos externaram as pesquisas do projeto,

²³ Jorge Ricardo Coutinho Machado é escritor (contista), roteirista e professor universitário. Nasceu em Abaetetuba a 26 de março de 1963. É Licenciado em Química (UFPA, 1989), pós-graduado em Ensino de Ciências (UFPA, 1995), Mestre em Educação em Ciências (UFPA, 2004) e doutor em Educação em Ciências e matemática. Atualmente é professor da Faculdade de Educação da UFPA. Começou a escrever produzindo textos de teatro que eram encenados na escola onde estudava e que tratavam de lendas, comédias ou peças de cunho moral, como vidas de santos. Seu primeiro livro, Terras de Abaetetuba, foi publicado em abril de 1986 e constitui um abrangente inventário de informações sobre os aspectos históricos, geográficos e culturais do município. Obras de pesquisa, além de Terras de Abaetetuba e de Memória Photographica (sobre a memória visual da Cidade de Abaetetuba). <https://jorgercmachado.wordpress.com/principal/> (Acesso em 05/10/2022).

bem como as fontes e o vídeo gravado sobre a História de Abaetetuba para o professor Jorge Machado.

Imagem 25 - Apresentação do projeto e dos alunos ao professor Jorge Machado



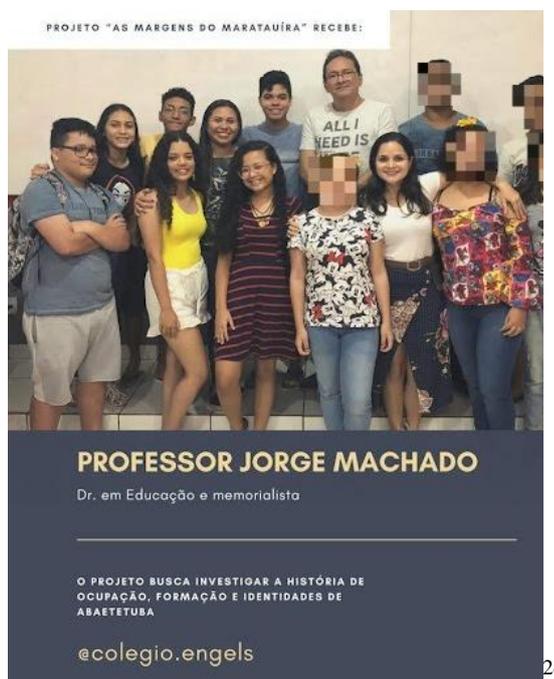
Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 26 - Exposição do vídeo gravado pelos alunos para o professor Dr Jorge Machado



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 27 - Cartaz sobre a visita do professor Dr. Jorge Machado ao Projeto As Margens do Maratauíra



24

Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Continuando com as programações do projeto, no mês de outubro os membros do grupo reuniram-se com o psicólogo Luan Fonseca, que trabalha nas comunidades quilombolas²⁵ da região abaetetubense, explanando acerca da realidade das comunidades, consideradas de extrema importância no contexto cultural e social da cidade, no intuito do aprofundamento da concepção negra dentro do processo de formação do município. Este momento foi de extremo esclarecimento sobre as comunidades remanescente quilombola assentadas na nossa região²⁶. O psicólogo explicou a formação desses espaços e a importância da cultura e tradições no

²⁴ As fotos de alguns alunos foram borradas para resguardar a exposição de imagem do menor, já que os que foram retirados com a edição da imagem não faziam parte do grupo de alunos integrantes do projeto “As Margens do Maratauíra”.

²⁵ Entende-se por comunidades quilombolas os territórios que estão prescritos na Constituição Federal de 1988 no Artigo 68 ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ART. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos. (BRASIL, 1988, Art. 68 ADCT).

²⁶ Segundo dados da fundação Palmares, hoje, existem 3.495 comunidades quilombolas distribuídas por todas as regiões do país, desde o Sul do Brasil até a Amazônia. As comunidades remanescentes de quilombo ou os quilombos contemporâneos são grupos sociais cuja identidade étnica até hoje os distingue do restante da sociedade. A identidade étnica de um grupo é a base para sua forma de organização, de sua relação com os demais grupos e de sua ação política. A maneira pela qual os grupos sociais definem a própria identidade é resultado de uma confluência de fatores, escolhidos por eles mesmos: de uma ancestralidade comum, formas de organização política e social a elementos linguísticos e religiosos. (<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/> Acesso em 11/03/2023)

município de Abaetetuba através da preservação e entendimento que todos os abaetetubenses são frutos da miscigenação que ocorreu no território. Podendo entender então, que o saber sobre a história local, sobre as comunidades, grupos, vila ou cidade, leva-nos a compreensão acerca da diversidade étnica, cultura e religiosa existente no espaço e assim proporciona o reconhecimento da identidade de um povo (SILVA, 1998, p. 386).

Imagem 28 - Bate papo sobre comunidades quilombolas em Abaetetuba



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 29 - Comunidades quilombolas no território abaetetubense.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Para finalizar, os alunos do projeto organizaram uma grande roda de conversa sobre as comunidades quilombolas da região²⁷, um momento no qual toda a pesquisa foi exposta a comunidade escolar. O evento ocorreu na semana da Consciência Negra, em novembro, dentro das dependências do colégio Engels, contou com a participação da senhora Josiane da Costa Baia, membro da “Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Pau Podre”. A roda de conversa contou com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mostrando a realidade da comunidade Nossa Senhora do Pau Podre, como atividades, educação, religiosidade e também as origens do nome da comunidade que gerou muita curiosidade na comunidade escolar. Demonstrando, então, a vivência, a unidade e a resistência da sociedade e cultura dos membros da comunidade quilombola, pois

Segundo os autores portugueses Manique, Proença (1994, p. 5), os estudos de história local desenvolvem nos alunos a capacidade de analisar criticamente o seu entorno escolar e social, ao mesmo tempo em que cumprem o papel de “facilitar a estruturação do pensamento histórico e de lhes fornecer um quadro de referências que os ajude a tomar consciência do lugar que ocupam no processo de evolução espaço-temporal das comunidades local e nacional” (CAIMI, 2010, p. 69).

Imagem 30 - Dona Josiane Baia respondendo perguntas dos alunos.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

²⁷No Pará, ao todo, existem 264 Comunidades Remanescentes de Quilombos, 206 com emissão de certidão até junho de 2022. (<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-30-06-2022.pdf/>)

Imagem 31 - Participação dos alunos do ensino Médio na roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 32 - Alunos do ensino fundamental e médio na roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 33 - Fim da roda de conversa “Experiências Quilombolas” com a participação da D. Josiane, membro da comunidade quilombola Nossa Senhora do pau Pobre.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Assim, cada atividade exercida, com sua metodologia, colaborou, de forma precisa, para a construção de uma nova visão acerca do município, de sua cultura e sociedade, além de “reconstruir” o passado e o cotidiano, partindo da realidade abaetetubense vivenciada ao longo dos séculos. Tais atividades demonstram que o ensino de história local por mais desafiador que pareça é o que mais se distancia das formas tradicionais de ensino, os quais privilegiam discursos e personagens muitas vezes distantes da realidade cotidiana dos alunos. Assim, trabalhar com a história local contribui muito para o desenvolvimento de um ensino de história ao permitir que os alunos usem diversas ferramentas e conhecimentos para compreender e modificar sua própria realidade, pois debatendo e proporcionando a eles diferentes maneiras de como o conhecimento histórico é construído e como tudo o que os rodeia faz parte desse processo, levará a diversas experiências históricas, seja como produtor e/ou partícipe dessa construção histórica. Desta forma,

(...) ensinar história considerando a consciência histórica é desenvolver atividades que permitam que o educando conheça história – de preferência a história que, de forma mais aproximada, seja sua história – ao mesmo tempo que conhece diferentes formas pelas quais se lhe atribuiu significado. O famoso bordão de que ‘o aluno deve produzir conhecimento histórico’ não conduz (embora também não impeça) a que ele tenha que fazer pesquisa histórica parecida com a convencional, mas indica muito mais que ele pode construir interpretações passíveis de serem usadas para sua própria história, que envolve seu passado, presente e futuro. (CERRI, 2011, p. 130)

2.2.2 Frutos do projeto - Memórias da cidade: O mito fundador X Fontes históricas

O estudo da história local fornece aos alunos e professores ferramentas conceituais e metodológicas para compreender sua própria história e lugar, estimulando a compreensão da diversidade de experiências culturais ao seu redor, fortalecendo o sentimento de pertencimento, respeitando as diferenças e construindo sociedades com identidades diversas. Uma formação prática e cívica, para além de poder identificar e interpretar fontes históricas e valorizar o património sociocultural da área, fomentando atitudes de conservação. Além disso, os estudos locais/regionais também podem ajudar a construir resistência a diferentes formas de padronização e homogeneização cultural impulsionadas pela dinâmica da globalização. Assim, a história do lugar oferece aos alunos e educadores uma ampla gama de possibilidades para compreender seu espaço e sua relação com outras dimensões, desde contextos locais até contextos mundiais. (CAIMI, 2010, p 60 - 66). Ademais, proporcionar aos alunos,

(...) um trabalho de história local é uma ótima oportunidade para a atuação dos próprios professores e alunos como sujeitos produtores do conhecimento eleito como objeto de estudo, atendendo também às discussões psicopedagógicas que prezam por uma educação centrada na promoção da autonomia, da responsabilidade e da proatividade dos alunos (COSTA in FERREIRA e OLIVEIRA, 2019, p. 134)

Sendo assim, através do protagonismo discente, este tópico visa externar um pouco da história da fundação da cidade de Abaetetuba aos olhos discentes. Abaixo temos um texto de autoria dos alunos²⁸ do ensino fundamental e médio que integraram o projeto As Margens do Maratauíra, contando sobre a visão popular de fundação da cidade e amostras dos documentos e fontes sobre a mesma:

²⁸Cabe ressaltar que os textos a seguir foram produzidos pelos alunos no início das atividades de pesquisa sobre a história do município de Abaetetuba, os mesmos se utilizaram de fontes e textos para iniciar suas produções textuais sobre o que foi pesquisado. Desta forma, o texto está na íntegra e sem as referências bibliográficas as quais foram utilizadas pelos discentes, pois já foram abordadas nesta dissertação em tópicos anteriores.

“Mito Fundador: Abaetetuba, cidade conhecida pelos famosos brinquedos de miriti, significa, segundo a língua Tupi, “terra de homens fortes e valentes”, e foi justamente às margens do rio Maratauíra, ao qual dá nome ao projeto, que foi construída a unidade territorial que conhecemos até hoje. Contudo, apesar do nosso cotidiano ser voltado ao meio urbano, é notório que a história e cultura da região não se restringe, de maneira alguma, a esse centro, uma vez que existe um conjunto de comunidades remanescentes quilombolas que moram nos arredores da cidade, com suas características, hábitos e especificidades que, muitas vezes, não são reconhecidas, principalmente pela juventude local, de modo que, apesar de fazermos parte do mesmo território, os obstáculos informacionais são presentes e permeiam para uma distância entre indivíduos localizados em uma mesma faixa regional. Nossa região é rodeada de mitos, sendo o mito de sua fundação o mais conhecido e – até pouco tempo – a única “pista” que tínhamos sobre a origem de Abaetetuba.

O mito conta que um homem, chamado Francisco de Azevedo Monteiro, estava navegando por mares próximos da região, quando se iniciou uma grande tempestade. Rezando por sua vida, Francisco jurou que se Nossa Senhora de Conceição o permitisse sobreviver àquela tempestade, ele fundaria uma igreja na primeira faixa de terra que encontrasse. Então, o pedido foi atendido, Francisco Monteiro sobreviveu e a primeira faixa de terra que encontrou foi a nossa região, fundando a igreja jurada que, posteriormente, seria o local de onde se expandiria a cidade. Por mais que a história com tempestades e juramentos nos cause desconfiança pelo modo como retrata os eventos em torno da fundação da cidade, não temos dúvidas sobre a existência de seu principal personagem, Francisco de Azevedo Monteiro.”

Através de documentações oficiais do Estado Português sobre a colonização na região, localizamos Francisco como solicitante em uma Carta de Sesmaria – passada em 30 de setembro de 1710. A carta de doação de sesmarias, declara que foram solicitadas terras por Francisco de Azevedo Monteiro, localizadas às proximidades do Rio Jarumã, mais especificamente onde se localiza hoje a Vila de Beja, anteriormente habitada por tribos indígenas. Porém ao que tudo indica, Francisco não se delimitou apenas ao local solicitado e, segundo indícios, teria se utilizado do Rio Jarumã para chegar às terras da atual cidade de Abaetetuba. Contudo, não podemos afirmar, em absoluto, que Francisco de Azevedo Monteiro tenha sido o primeiro a explorar essas terras. Pois, na realidade, não passava de uma regularização na situação de ocupação das terras que ele fazia as margens do rio Jarumã, onde possuía um sítio junto a terras devolutas. Sabemos hoje que a história sobre tempestades e juramentos pode não ser verdadeira, porém, Francisco de Azevedo Monteiro realmente existiu, pois, foi achada uma carta de sesmaria onde seu nome está contido e a faixa de terra que atualmente é nossa cidade, está sendo doada a ele. Logo, é possível concluir, que o mito foi originado após sua chegada na região.”²⁹

Os textos acima mostram os primeiros frutos do projeto, neles os alunos, dissertando sobre a história de Abaetetuba, buscam refletir e analisar as fontes para a construção do saber histórico em torno da figura de Francisco de Azevedo Monteiro, que seria, segundo o conhecimento popular e fontes da época, o fundador da cidade de Abaetetuba no nordeste do estado do Pará. As pesquisas iniciaram partir dos relatos populares sobre a origem da cidade, para isso um dos recursos a serem utilizados foram as fontes orais. As memórias de grupos e

²⁹Texto elaborado pelos alunos do projeto expondo suas percepções em relação à análise que fizeram das fontes encontradas, confrontando-as. O texto disserta sobre a relação da história local, passada por gerações através da história oral e a carta de sesmaria transcrita e analisada pelos alunos junto com algumas leituras propostas pelo projeto.

indivíduos, em conjunto com as fontes citadas anteriormente, podem oferecer benefícios para a construção de uma História Local (SILVA, 1998, pp. 391 – 393), pois concede

o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais (...) o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc; Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc, podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória (ALBERTI, 2006, p. 166)

É importante perceber que os discentes começam os questionamentos confrontando essas fontes, os saberes populares e a carta de sesmaria, que tiveram acesso durante as primeiras semanas participando do projeto escolar. Desta maneira, aliando os saberes das leituras propostas e toda as reflexões que foram feitas deste o início da pesquisa, pode-se então fazer uma relação das fontes e conseqüentemente a escrita de uma história local que começou a fazer sentido para todos.

2.3 O projeto aos olhos dos discentes

Refletir sobre o papel do professor de História em sala de aula, sobre a história ensinada na escola e sua relação com o meio social, bem como entender de que forma as aulas de história podem ou não transformar a vida de alunos e professores ajudando a construir e a aperfeiçoar uma consciência histórica dentro e fora do espaço escolar, sempre foi o ponto de partida desta pesquisa que tem como proposta a reflexão sobre o ensino de história, abraçando a vertente de que este precisa ser (re)pensado constantemente pelos docentes levando sempre em consideração a cultura histórica que eles trazem de suas experiências pessoais, da sua vivência e inseri-las nesse processo de ensino aprendizagem. Desta forma o projeto escolar *As margens do Maratauíra* se desenvolveu na mesma linha de pensamento de Silva (2019), quando diz que o ensino deve ser reinventado em cada aula com uma grande interação entre o educador, o aluno e a escola, pois o conhecimento histórico escolar se constrói de singularidades e significações. O ensino precisa fazer sentido para os alunos, uma formação para a prática, para a vida. Pensando nisto o presente tópico visa mostrar e demonstrar os erros e acertos ao longo do ano de 2019 no que se refere as experiências e conquistas dos alunos com a participação no projeto. De que forma atuou na vida escolar e pessoal desses alunos?

2.3.1 Alunos egressos e Alunos que ainda estudam na escola.

Após três anos de caminhada muitos alunos se formaram no ensino médio e rumaram (em grande maioria) para a vida acadêmica, outros ainda permanecem na escola. O presente tópico demonstra através das palavras dos próprios alunos, a importância do projeto “As Margens do Maratauíra” nas suas vidas, não só naquele momento da vida escolar, mas para as suas vidas pessoais e pós escola. Para isto utilizaremos pseudônimos para nos referir aos alunos e fazer a divulgação de suas opiniões ao longo desses anos de participação no projeto.

Tabela 1 - Registro de resposta dos alunos coletadas através da ferramenta *google formulário*. Os nomes dos alunos são pseudônimos.

Maria	
	Série: Na época do projeto cursava a 2ª série do ensino médio, hoje está na universidade.
01-	Qual a importância das aulas de História para a sua vida dentro e fora da sala de aula?
	As aulas de história me proporcionaram uma maior compreensão de como os acontecimentos passados influenciam no nosso presente
02-	Por que ingressou no projeto?
	História é uma das minhas matérias preferidas e sempre gostei de saber mais sobre os assuntos
03-	O que mudou no seu entendimento sobre a História depois da sua participação e experiências dentro do Projeto?
	Me trouxe mais conhecimento de mundo e ajudou muito na minha formação intelectual e pessoal
04-	O que mais chamou sua atenção das experiências?
	Perceber como cada lugar por mais simples que seja tem uma grande importância histórica
05-	Considerações sobre sua participação e importância do projeto para as aulas de História.
	Com toda certeza foi uma experiência da qual vou lembrar por muitos anos

Tabela 2 - Segundo registro de respostas dos alunos coletadas através da ferramenta *google formulário*. Os nomes dos alunos são pseudônimos.

Manuela	
Série: Na época do projeto cursava o 1º ano do ensino médio, hoje está na universidade.	
01-	Qual a importância das aulas de História para a sua vida dentro e fora da sala de aula?
As aulas de história me ajudam a compreender melhor o mundo que me cerca em todas as suas vertentes, sejam elas políticas ou sociais, além de ajudarem a perceber e desenvolver melhor minhas opiniões a respeito da evolução (ou involução) do ser humano e da sociedade a qual ele pertence a partir da observação de suas alterações e as alterações do espaço com o passar do tempo.	
02-	Por que ingressou no projeto?
Para compreender melhor a sociedade da qual faço parte, sua cultura, seus costumes e o ambiente em que ela foi construída.	
03-	O que mudou no seu entendimento sobre a História depois da sua participação e experiências dentro do Projeto?
Passei a observar melhor o ambiente que me cerca e me despertou curiosidade de buscar ainda mais fundo minhas origens, além de enriquecer meu conhecimento em relação ao uso das técnicas para pesquisas históricas e conhecimento de mundo.	
04-	O que mais chamou sua atenção das experiências
O quanto nós ainda desconhecemos do próprio ambiente em que vivemos e da sociedade que nos cerca. Me surpreendeu o quão rica nossa cultura é e quantas raízes desconhecidas ainda temos para explorar.	
05-	Tem algo que você não gostou?
Não. Acredito que todas as experiências que tivemos foram enriquecedoras e essenciais na nossa construção como ser humanos e indivíduos pertencentes a uma sociedade rica e complexa	
06-	O que precisamos melhorar?
Encontros mais regulares.	
07-	Considerações sobre sua participação e importância do projeto para as aulas de História.

O projeto é essencial para todos aqueles que buscam enriquecer seu conteúdo e compreender melhor a sociedade. Além de nos fazer crescer intelectualmente e como indivíduos pertencentes a um grupo complexo, o projeto nos traz uma percepção geral de tudo que conhecemos e o que ainda desconhecemos. Sou grata por toda a construção e experiências que tive sendo participante do projeto.

Tabela 3 - Terceiro registro de respostas dos alunos coletadas através da ferramenta *google formulário*. Os nomes dos alunos são pseudônimos.

Roger
Série: Na época do projeto cursava o 3º ano do ensino médio, hoje está da universidade.
01- Qual a importância das aulas de História para a sua vida dentro e fora da sala de aula?
As aulas de história nos permitem a amplitude da visão da formação histórico-social de uma comunidade regional, passando por todos processos necessários e/ou de consequência para a formação dos dias atuais. Além do mais, diversos outros mecanismos, hoje atuantes na sociedade, são frutos de acontecimentos passados que moldaram a construção social, estrutural e metodológica contemporânea.
02- Por que ingressou no projeto?
O projeto "Às Margens do Maratauíra" me despertou uma grande curiosidade a respeito do processo de construção do Município de Abaetetuba, o qual já foi palco de inúmeros acontecimentos cruciais para que tivesse o renome que hoje possui. O processo de escravidão e a formação das famílias vivenciados no território foi um grande marco da história do município.
03- O que mudou no seu entendimento sobre a História depois da sua participação e experiências dentro do Projeto?
A visão dos fatos, documentos históricos e a forma como tudo ocorreu foi o que mais me elucidou no entendimento do processo formativo do município, antes ainda em questionamento. O olhar para a valorização das famílias e da história que carregam, bem como a necessidade da preservação de seus documentos, vivências e relatos, os quais compõem a nossa história.
04- O que mais chamou sua atenção das experiências?

Os documentos e relatos foram o que mais me chamou a atenção nas experiências vividas, justamente pelo fato de termos a confirmação de que, o que nos foi repassado, em sala ou nas experiências de nossas famílias, não foram meramente histórias, mas sim algo de fato vivenciado pelos habitantes da região.
05- Tem algo que você não gostou?
Não houve nada que eu não houvesse gostado. Pelo contrário, foi uma experiência nunca antes vivida.
06- O que precisamos melhorar?
De fato, acredito eu, o projeto ainda caminha a passos lentos, mas que, com a intensificação incentivo do incentivo por parte da instituição de ensino e apoio particular das famílias, o projeto será cada vez mais promissor.
07- Considerações sobre sua participação e importância do projeto para as aulas de História.
Minha participação foi curta no projeto por conta da minha permanência na instituição após o início do projeto, mas foi muito proveitosa para a minha compreensão a respeito da formação do Município de Abaetetuba. Mas, partir da visão obtida no projeto, o entendimento do processo de formação do território brasileiro, partindo da visão populacional, ficou muito mais clara, bem como a percepção da necessidade da preservação da história e olhar do povo.

Podemos perceber nas falas dos alunos o quão edificante foi a participação destes no projeto. Um momento singular que com certeza marcou a vida escolar desses discentes. Hoje muitos já rumaram para carreiras acadêmicas, porém sempre com a lembrança de tudo que vivenciaram em sua jornada pelas fontes históricas. Segundo Joana, aluna da 3ª série do ensino médio, participar do projeto:

“[...] foi uma experiência muito importante e que particularmente ajudou muito a entender que não se trata apenas de uma matéria escolar, e sim que é algo vivenciado diariamente, afinal traços do passado estabelecem influência até os dias de hoje, além de ser uma proposta que favorece o debate sobre determinados temas, o que auxilia no processo participativo dos alunos”

Jorge hoje cursa Licenciatura em Química na Universidade Federal do Pará e demonstra nas suas palavras que o projeto foi importante para sua vida escolar e também para seu desenvolvimento agora na vida acadêmica:

“As aulas de história edificam um sujeito participativo dos sistemas culturais, servindo – no âmbito escolar – como um agente na luta contra os preconceitos, os quais sustentam pontos de vista limitados da trajetória humana em função o tempo. Além disso, a criticidade em respeitar, e compreender, personagens históricos diferentes permite uma análise minuciosa das questões vigentes, envolvendo a política –enquanto dinâmica de relações interpessoais. Acredito, também, que a História na sala de aula impõe-se como uma narrativa humana que perpassa as outras disciplinas, encontrando pontos comuns de observação em outras áreas do conhecimento, como uma abordagem da história da química durante as aulas, ou revelar tramas históricas dentro de assuntos diversos, como o contexto de vida de Mendeleiev em um planejamento para uma aula de Tabela Periódica. O projeto determinou uma nova visão do que é a ciência História e o seu ensino. Nitidamente fui capaz de olhar para minha cidade e questionar aquilo que via, as origens e como tinha chegado até aquele presente momento. Olhava um banco na praça e me perguntava quem o tinha feito, em que ano, como era, quem ordenou. Amei ter participado e aprofundado meus laços com amigos e professores, contribuindo fortemente para minha formação no ensino médio, revisando todos os meus conceitos sobre o que é História e como ela é viva e presente no dia a dia, mudando totalmente meu modo de ver essa disciplina. As aulas de História se tornam palpáveis e o conhecimento dessa disciplina se conjectura no cotidiano dos alunos, pois conhecer nossa história e cultura é um dos princípios pedagógicos da formação de professores. Ora pois, percebe-se que vejo as repercussões do projeto Às Margens do Maratauíra ainda no ensino superior.”

A vivência em grupo também foi de suma importância para o desenvolvimento e envolvimento desses alunos no espaço escolar e fora dele também, o poder socializador da escola não deve ser adquirido apenas nas atividades oficiais do currículo escolar, deve também ser proporcionado aos alunos através de práticas e experiências que a escola proporciona (NIKITIUK, 2001, p.17). Um dos alunos egressos da escola, hoje no ensino superior diz que os encontros:

“Foram de fundamental importância para despertar meu lado mais curioso e intelectual. Eu gostei muito de tudo o que aconteceu lá e acho que o restante do grupo também teve importantes aprendizados que pode auxiliar na vida acadêmica.”

Carolina que participou do projeto enquanto estava no 9º ano do ensino fundamental, hoje cursa a 3ª série³⁰ do ensino médio no colégio Engels, relata que:

³⁰No decorrer da escrita, revisão e finalização desta dissertação a aluna descrita terminou o ensino médio e adentrou a universidade. Cabe ressaltar que a mesma, conquistando uma vaga em enfermagem na Universidade do Estado do Pará (UEPA), relatou que conquistou uma boa nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em grande parte graças aos conhecimentos adquiridos enquanto participava do projeto, principalmente na sua nota de redação, que foi 920, pois no ano de 2022 o exame trazia como tema: “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”. Assim, aluna que havia terminado de enviar seu relato sobre o projeto, lembrando toda a sua jornada e os saberes adquiridos, os usou para dissertar em sua redação conquistando uma boa média para passar no vestibular.

“A ideia de expandir os horizontes e acrescentar conhecimentos sobre os aspectos culturais, territoriais e de identidades do povo abaetetubense é o que me motivou a participar desse projeto, já que ele iria proporcionar, por meio de pesquisas e orientações de profissionais, uma autonomia crítica diante dos diferentes costumes que formam a nossa cidade. Sob esse viés, no espaço escolar, essa proposta acrescentou para a construção de uma visão mais tolerante dos participantes, tendo em vista que, por mais que a escola promova temas sobre a formação do povo brasileiro como um todo, no estudo das disciplinas, tais como geografia e história, os alunos, comumente, possuem dificuldades para conhecer as micro-histórias que fazem parte do nosso cotidiano, e as contribuições que essas comunidades ribeirinhas agregam para a nossa formação como povo abaetetubense e assim constituem as nossas múltiplas identidades. Nesse sentido, o projeto me fez compreender, de forma mais humanitária, a importância de saber a origem da nossa cultura, para desenvolver o meu senso de identidade no ambiente em que vivo, já que estudar esses grupos sociais é entender que os saberes populares presentes em nosso meio, a exemplo da história oral, não podem ser esquecidos pelas novas gerações, pois expressa como se deu a resistência de um povo no interior do Pará, que utilizou dos recursos naturais como uma forma de sobrevivência às margens do rio. A concretização de um projeto pautado no desenvolvimento social e cultural dos jovens do município de Abaetetuba, me ajudou a trabalhar em equipe para realizar pesquisas e entender sobre o nosso papel social na valorização da nossa história, além de refletir, pelas discussões críticas realizadas na escola, acerca de como algumas pessoas, até os dias de hoje, perpetuam preconceitos frente às comunidades quilombolas e ribeirinhas. Refletindo sobre esses aspectos aprendidos, os meus colegas e eu, poderíamos, a partir de então, agir como atores sociais ativos para ajudar a disseminar informações não só para a comunidade escolar, como também para o nosso ciclo social (de amigos, família, entre outros), com o intuito de compreender a importância de estudar a nossa região, desmitificar esses preconceitos, e entender que a diversidade cultural e identitária constitui os “homens fortes e valentes”, bem como as “mulheres fortes e valentes” desse território abaetetubense. Isso foi o que permitiu o nosso desenvolvimento nesse projeto.”

Após esses relatos podemos mais uma vez refletir sobre os impactos que o ensino de história trás para alunos e professores a curto, médio e longo prazo. Para Nikitiuk (2001, p. 57), a função de entregar informação, que muitos professores ainda consideram ser sua principal tarefa, está há muito desatualizada, o ensino de história deve levar a um refinamento de ideias, categorizar, descobrir critérios incluídos na categoria, comparar, relacionar e analisar são algumas atividades mentais que devem andar de mãos dadas com o ensino de história, pois é o uso da reflexão que possibilita uma postura crítica sobre o próprio pensamento e, para isso, deve haver categorias e conceitos adequados ao objeto da reflexão, ou seja, conceitos adequados ao senso comum. Um ensino de história que não contempla essa preocupação certamente serviria à imobilidade (NIKITIUK, 2001, p. 64)

3 (RE) PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE EM MEIO A UMA PANDEMIA

No final do ano de 2019 e início de 2020 o mundo presenciou uma das maiores catástrofes do século XXI, a epidemia do vírus SARS-CoV-2, o Coronavírus. Todos fomos surpreendidos por uma mudança de hábitos e costumes repentinamente. O vírus isolava, afastava e principalmente trazia para a vida das pessoas o medo. Medo de perder alguém querido, medo contrair o vírus, medo de perder tudo, a vida, o emprego, amigos. As nossas vidas passaram por momentos longos de incerteza. Na educação não foi diferente, professores, alunos, coordenadores, diretores, todos foram pegos de surpresa e precisaram se preparar e construir estratégias para que o ensino nas escolas não parasse. As instituições precisaram se adaptar para um novo formato de ensino, o ensino emergencial remoto, que demandava conhecimento digital, habilidade com as TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e que a educação e os educadores mergulhassem em um mundo digital que para muitos era desconhecido, quase que intocável. A partir disto, muitos questionamentos cercearam a vida docente em tempos de pandemia, pois as tecnologias a favor da educação já a muito estavam presentes na rotina de algumas escolas, porém estas eram e ainda são de uma realidade que se apresenta muito complexa e problemática), pois uma grande parte dos professores ainda não domina essas ferramentas tecnológicas usadas em sala de aula (DA COSTA, 2021). Alguns por dificuldade de adaptação e outros por não conseguirem sair do "método tradicional" de ensino (caneta, caderno e quadro).

A fim de discutir e analisar esses questionamentos, o presente capítulo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a prática docente no Colégio Engels em tempos de pandemia. Fazendo uso de entrevistas com docentes e discentes da instituição iremos observar de que forma houve ou não essa adaptação a esse “novo normal” que se instalou nas escolas. Além de fazer uma breve descrição de como o projeto “As margens do Maratauíra”, trabalhado no segundo capítulo desta dissertação, se adaptou ao ensino emergencial remoto e quais as percepções e aprendizagens desenvolvidas durante os anos de 2020 a 2022.

3.1 Adaptando saberes: aulas on line. Como o projeto se adaptou.

Diante de todas as modificações e adequações ao quais o mundo passou durante a pandemia, o ensino foi um dos setores em que os questionamentos foram mais incisivos. Esses questionamentos foram vistos de perto pelos docentes e discentes do Colégio Engels em Abaetetuba. Como retomar as aulas com o isolamento? De que forma essas aulas serão organizadas? Qual plataforma utilizar? Será que os alunos irão participar? Será que todos terão

acesso a internet de qualidade para acessar as ferramentas digitais? Como o ensino emergencial remoto chegará a todos os nossos alunos? Esses e outros questionamentos passaram por todos que viveram esse momento e fizeram parte do corpo docente da instituição. A escola não podia parar, mas parou. Foram quase dois meses de adaptação a esse novo momento ao qual a educação estava passando. O ensino remoto passou a fazer parte da vida de todos. Das nossas casas as aulas eram transmitidas pelos computadores, tablets e celulares. Os exercícios eram entregues em formato digital, através de fotografias. O contato aluno e professor ficou distante, agora não existia mais esse contato físico, apesar de o Colégio Engels ser uma instituição de ensino privado, uma grande parcela do corpo discente não tinha condições financeiras para acessar o ensino remoto de casa, outra parcela residia em locais afastados na região urbana da cidade, sem sinal de internet e/ou de celular. Por conta disso, alguns alunos não conseguiram acompanhar o desenvolvimento das atividades em período de pandemia, o que preocupava, mas ao mesmo tempo havia uma percepção de que atingir a totalidade do alunado era algo quase que impossível, e isso não era realidade apenas do Colégio Engels, Vilene Dias da Costa (2021) analisa que a educação em geral no Brasil ficou prejudicada, as escolas públicas foram as que mais sofreram,

“é sabido que mesmo em situações “normais”, no ensino presencial, esse direito [acesso a educação de qualidade] já é negado a muitos estudantes brasileiros, devido à enorme desigualdade social que assola o país. Em tempos de crise, como o imposto pela pandemia do novo coronavírus o desafio de garantir escolarização a todos se dilata a patamares desafiadores. Segundo o pensador português Santos (2008) vivemos uma dupla crise, marcada pela discrepância entre experiências e expectativas (...) “necessitamos de uma sociedade mais justa. As promessas da modernidade – liberdade, igualdade e solidariedade – continuam sendo uma aspiração para a população mundial. (DA COSTA, 2021)

A relação professor/aluno foi a mais prejudicada. Com a implantação do ensino emergencial remoto, as relações humanas foram cortadas, o que foi um grande agravo das deficiências escolares que as escolas passaram durante a pandemia,

Ademais, essa deficiência perpassa a falta de recursos materiais. Existe também a falta de recursos humanos, uma vez que o professor já não faz parte da rotina do aluno como antes para auxiliar e sanar dúvidas no desenvolvimento das tarefas indicadas. (DA COSTA, 2021)

Desde modo, com tantas dificuldades aos quais os docentes e discentes passavam, fez-se necessário dar continuidade ao projeto escolar “As margens do Maratauíra”, porém

adequando-o a situação de distanciamento social. A solução encontrada foi propor aos alunos a participação destes na 12^o Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)³¹, que estava neste ano em um formato totalmente digital. A proposta seria organizar reuniões através de plataformas digitais com os alunos, debater sobre a proposta da ONHB e analisar juntos as questões e fontes trazidas pela 12^o edição da Olimpíada.

No dia 27 de agosto de 2020 iniciamos os encontros com alunos e professores do Projeto Escolar “As Margens do Maratauíra” que participariam da ONHB. Depois de alguns meses de incertezas em relação ao andamento das atividades do projeto, tivemos que nos adaptar a nova realidade ao qual o mundo passava, a do isolamento social. Precisávamos dar continuidade as atividades e não deixar os vínculos formados em 2019 se distanciarem. Propor uma educação diferenciada para os alunos do Colégio Engels em Abaetetuba sempre foi o ponto de partida para o projeto, e foi a proposta feita e reforçada durante todo o período ao qual alunos e professores trabalharam juntos fazendo viagens, pesquisando através de leituras, documentos e entrevistando professores e especialistas no assunto proposto. As conquistas e novos saberes adquiridos nesta vasta experiência que se iniciou em 2019 foi primordial para entendermos que estávamos no caminho certo, comemorar a cada evento feito, cada pesquisa e apresentação que os alunos fizeram, mostrando para a comunidade escolar as maravilhas de se aprofundar na nossa cultura e ver nos rostos e olhares atentos dos alunos o interesse e fascinação pelo descobrimento, pela exploração de saberes e principalmente por se sentir partícipe de todo o processo. “*É a minha cultura, minha cidade, meu povo*”. Desta forma, a participação na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) também passou a fazer parte deste *rol* de vitórias conquistadas durante a ano de 2020, 2021 e 2022, pois não paramos na 12^a edição, o projeto estava presente nas edições de número 13 e 14 também.

3.2 O projeto “As margens do Maratauíra” vai à Olimpíada Nacional em História do Brasil.

³¹ A Olimpíada Nacional em História do Brasil é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas, desenvolvido pelo Departamento de História por meio da participação de docentes, alunos de pós-graduação e de graduação. É coordenada pelas profas. dras. Cristina Meneguello e Alessandra Pedro. Em suas onze edições a ONHB firmou-se como uma empolgante competição para equipes de oitavo e nonos anos do ensino fundamental e do ensino médio de todo o Brasil, trazendo uma proposta inovadora de estudar a história do Brasil, abordando temas fundamentais a partir de documentos históricos, imagens, mapas, textos acadêmicos, pesquisas inéditas e debates historiográficos. A 12^a ONHB foi reformulada e será totalmente online, incluindo a Fase Final. A edição, que ocorreria no primeiro semestre deste ano, foi adiada por causa da pandemia. (<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb12/home>. Acesso em 20/02/2023)

A primeira edição ao qual os alunos participaram, 12º no ano de 2020, foi um grande desafio, não era de conhecimento até então de alunos e professores de que forma as provas eram aplicadas e o que realmente aconteceria, além de estarmos em período de pandemia, o que fez com que os próprios organizadores do evento fizessem algumas mudanças.

Diante disso, a comissão organizadora realizou mudanças para viabilizar o projeto e facilitar, ao máximo, a participação dos estudantes. Cada etapa terá a duração de sete dias corridos para que as equipes possam usar os finais de semana para responder às questões. Ao todo, serão sete fases, sendo que a primeira – chamada de “fase zero” – terá caráter experimental e de treinamento para que os alunos se adaptem ao novo formato. A prova também será mais enxuta, com três questões a menos. (<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb12/home>. Acesso em 20/02/2023)

Imagem 34 - Cartaz de apresentação d Olimpíada nacional em História do Brasil 2020.



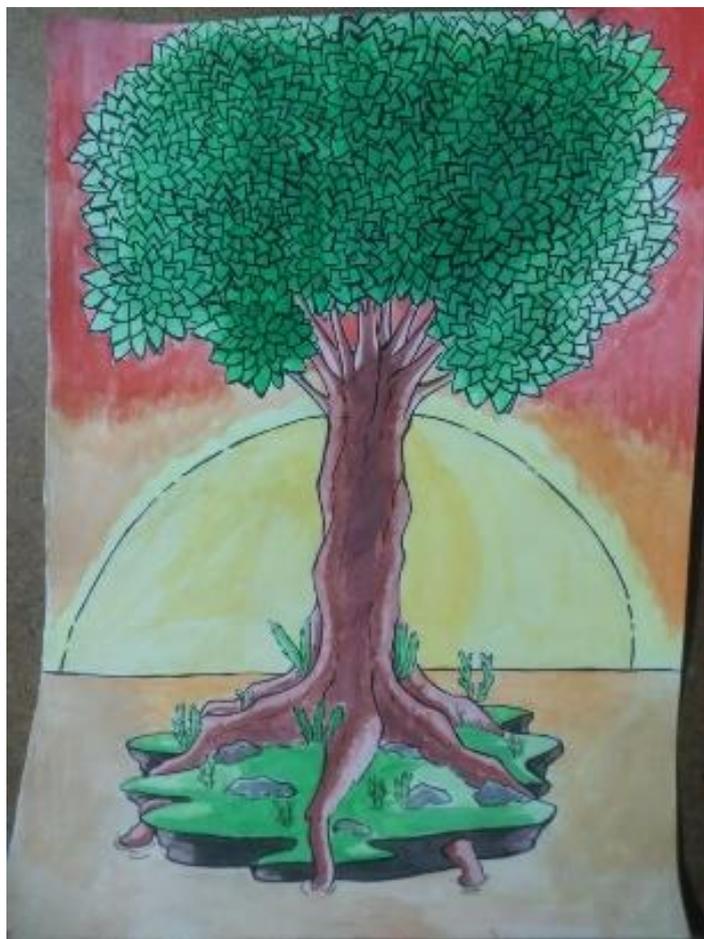
Fonte: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br> (acesso em 20/02/2023)

No início das fases, por conta do novo formato da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) ser totalmente digital foi proposto uma fase zero, para mostrar aos alunos de que forma que a Olimpíada iria acontecer neste ano de pandemia. Desta forma foi pedido para que os alunos elaborassem um nome, uma frase e um texto para representar o grupo. Foram formados dois grupos: O grupo Maratauíra e o grupo Jarumã, nomes de importantes rios da região do baixo Tocantins e que estão extremamente ligados a história da região.

Observar a escolha desses nomes foi de uma magnitude incomparável, pois foi escolha deles, nossos alunos, escolhendo nomes de rios importantes para a história e desenvolvimento do município de Abaetetuba. E a partir desta escolha mostraram que os frutos do projeto “As margens do Maratuaíra” são lindos. Perceber a importância e orgulho nas falas e escolhas dos alunos relacionando a história local com suas escolhas e percepções dentro e fora do ambiente escolar, foram muito importantes para percebermos o quão qualitativa foi a experiência desses alunos no projeto, estávamos colhendo os frutos. Pois, a história local também tem uma certa “função pedagógica”, faz parte dela escrever a história de uma região, localidade, cidade, grupo ou vila e compreender a enorme diversidade existente nesse espaço, identificando e formando assim identidades (SILVA, 1998, p. 386).

Além de um nome, foi pedido uma imagem, um título e um pequeno texto descritivo. A equipe Jarumã através de reuniões entre si escolheu uma imagem e desenvolveram juntos um pequeno texto descrevendo sua participação da 12ª edição da ONHB.

Imagem 35 - "Sob a sombra da samaúmeira as margens do Jarumã"

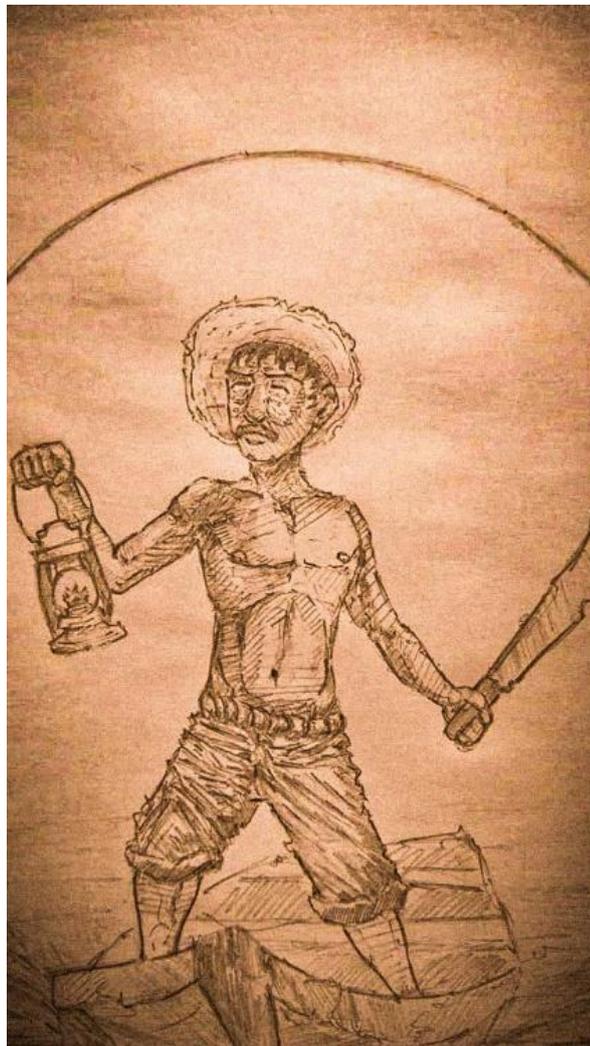


Fonte: Aluna do 1º ano do ensino médio (desenho autoral).

“Jarumã é um rio proveniente do Nordeste Amazônico que banha Abaetetuba. Este possui suma importância na história, cultura e economia da nossa cidade. A trajetória de nosso povo está fortemente atrelada com as águas, pois foi as margens do Jarumã que tivemos origem e fomos moldados para crescer e ser o que somos hoje. Por estas razões, decidimos nomear a nossa equipe em homenagem a essa tão fabulosa riqueza natural, presente não somente em nosso território, mas também marcado em nossos corações.”³²

A equipe Maratauíra procedeu da mesma forma, elaborando uma imagem que representasse o grupo, um título e um texto descritivo.

Imagem 36 - "Oriunda da bravura do Cabano, trazemos em nossa equipe a resistência, mirando altos objetivos na 12° ONHB."



Fonte: Aluno do 2º ano do ensino médio (desenho autoral).

³² Texto escrito pelos alunos da equipe Jarumã sobre a participação destes da ONHB.

“As margens do rio Maratauíra, a direita da bacia do rio Tocantins, um povoado se cria. Aos poucos foram crescendo e surgem cachaçarias, mitos e figuras icônicas fundantes do imaginário abaetetubense. Contudo, sabemos que a história de um povo não se resume a um mito fundador. A referência carregada no nome é para nós, que andamos nesse solo e nos banhamos nesse rio, uma honra a nossa história, e carreguemos "Maratauíra" como um símbolo de identidade e orgulho.”³³

A partir desta pequena introdução ao evento, fica claro que esses jovens carregam uma bagagem enorme de representatividade e orgulho por pertencer a esta terra, por reconhecer a sua história e sentir-se parte integrante de todo o processo. O conhecimento então, da história, dos saberes e cultura dos vários grupos que construíram e constroem a história da nossa região, que nos dão identidade, reconhecimento enquanto sujeitos históricos, muitas vezes é deixado de lado pela escrita dos livros didáticos, que em sua grande maioria são pensados a nível nacional, por tanto, não dão conta de todas as especificidades locais de cada região que compõe o território brasileiro (NIKITIUK, 2001, p. 84 – 91). O ensino aliado à História Local pode contribuir para que esta diversidade seja conhecida, reconhecida e valorizada pelos alunos, contribuindo também para uma maior identificação dos mesmo com a história que é ensinada na sala de aula.

Em relação à História local, pode-se situá-la como princípio metodológico, que encontra sua validade ao atender aos pressupostos da construção de um conhecimento que interage com um saber que se torna significativo e consciente, constituindo-se em sua relevância social. Definindo-se como a História do lugar, aproxima o aluno do seu cotidiano, da sua família e de seus companheiros, para a compreensão de si mesmo como sujeito histórico, agente do seu fazer e do seu viver. ...” (NIKITIUK, 2001, p. 89).

Desta forma, aliando o ensino local, com experiências e saberes adquiridos e reconhecidos dentro e fora do ambiente escolar, proporcionou enxergar que, “professores e alunos, como sujeitos de suas práticas, podem efetivar novas experiências, forjando novos saberes no conhecimento de suas/nossas histórias...” (NIKITIUK, 2001, p. 89). Ao longo de toda essa jornada os alunos se encantaram com cada documento analisado, cada reunião feita e cada experiência vivida. Logo na primeira edição que esses jovens participaram se depararam com uma História muito diferente daquela ensinada em sala de aula. Diferente, porém não tão distante, pois uma complementava a outra. Nos anos de 2020 e 2021 os encontros e debates ocorreram de forma remota, cada um em sua casa, mas com uma vontade enorme de agregar

³³Texto escrito pelos alunos da equipe Maratauíra sobre a participação destes da ONHB.

conhecimento, de mundo, de pesquisas e análises historiográficas aos quais a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) proporcionava aos alunos.

3.3 Avaliando as experiências docentes e discentes pré e pós pandemia.

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade de pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e reintegrá-los em um conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas [...] Ensinar história passa a ser então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

Durante todo esse processo de análises e reflexões sobre o ensino de história no Colégio Engels, ficou claro que a educação é uma das ferramentas mais poderosas para conseguir que os alunos enxerguem o ensino para além das paredes da instituição, para além da sala de aula. A figura do professor é parte imprescindível para se alcançar esse objetivo, dar subjetividade ao que é visto em sala de aula, mostrar que o ensino pode sim fazê-los cidadãos críticos e pensantes. E com a situação pandêmica ao qual o mundo todo passou, foi possível perceber ainda mais essa importância, a importância da figura do professor/professora em sala de aula. Pois é necessário um elo de ligação entre o ensino e o aluno, para fazê-lo levantar problemas e criar problemáticas e se sentir partícipe do processo de ensino aprendizagem. Esse elo que a muito ficou prejudicado com o isolamento social e as aulas remotas. Deste modo o presente tópico tem como objetivo analisar através de entrevistas com professores e alunos, de que forma estes avaliam as experiências vividas nos anos de 2020,2021 e 2022, relacionando saberes conquistados pelos discentes pré e pós ensino emergencial remoto.

Foram entrevistados dois professores do quadro de discentes do componente curricular História, da instituição e alunos dos 9º anos do ensino fundamental, bem como alunos do ensino Médio da 3ª série, a fim de propor uma reflexão sobre as práticas de ensino em tempos de pandemia no Colégio Engels.

Aos docentes foi apresentado uma série de perguntas sobre a utilização de recursos didáticos em sala de aula, a aproximação que estes fazem do ensino escolar regular com os ensinamentos da academia e de que forma o professor avalia as aulas no ensino emergencial remoto durante o isolamento social, como mostra exemplo abaixo:

Imagem 37 - Questionário destinado aos professores de História da instituição de ensino.

Professores de História da Instituição	
Colégio Engels	
Professora: Dayane Rodrigues	
Nome: _____	Idade: _____
01- Qual sua formação	
<input type="checkbox"/>) Magistério	
<input type="checkbox"/>) Graduação	
<input type="checkbox"/>) Especialização _____	
<input type="checkbox"/>) Mestrado _____	
<input type="checkbox"/>) Doutorado	
02- Com quais series atua?	
03- Trabalha apenas nesta instituição?	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
04- Você costuma utilizar recursos didáticos as suas aulas? (Vídeos, músicas, debates, pesquisa, documentos, etc)	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
Quais?	

05- Acredita que a utilização dos mesmos influencia na forma como o aluno vê e entende a disciplina?	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
06- Você costuma usar utilizar os ensinamentos da academia na sala de aula?	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
Se SIM, de que forma?	
Se NÃO, por que?	
07- Você participou como colaborador do projeto "As Margens do Maratauíra":	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
Se SIM, qual sua consideração sobre o mesmo?	
08- Por lecionar em uma escola privada, acredita que o ensino normativo das mesmas pode influenciar de forma positiva ou negativa no ensino de história?	
<input type="checkbox"/>) SIM	
<input type="checkbox"/>) NÃO	
Faça suas considerações	
09- Quais suas maiores dificuldades no ensino de história?	
10- Durante a Pandemia do Corona Vírus, de que forma você lecionou?	
<input type="checkbox"/>) Não tive aulas	
<input type="checkbox"/>) Ensino Remoto	
<input type="checkbox"/>) Aulas gravadas	
<input type="checkbox"/>) Áudios	
<input type="checkbox"/>) Live via redes sociais	
<input type="checkbox"/>) Podcasts	
<input type="checkbox"/>) aulas presenciais (ensino híbrido)	
Quais suas maiores dificuldades?	
11- Como você avalia suas aulas, no sentido de agregar valores e sentido a vida pessoal e educacional do aluno?	

Desta forma quando perguntado aos professores de História da instituição sobre a importancia da utilização de recursos didáticos nas aulas, ambos mostraram que se utilizam de vários recursos nas suas aulas como: periódicos, documentos, músicas, filmes e vídeos, acrescentando que a utilização destes, influência muito na maneira como o aluno vê e entende a disciplina. No universo pré pandemico, a utilização de recursos didáticos já era uma necessidade e precisava ser inserido no ambiente escolar e nas salas de aula. Essa conexão da disciplina com os alunos através de filmes, imagens, músicas e demais recursos didáticos são fundamentais para desenvolver no aluno as Competências Gerais da Educação Básica prevista pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular)³⁴ no qual visa, nas competências:

³⁴ Ao longo da Educação Básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver as dez competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado

- 1- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- 2- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- 4- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018)

Sendo assim foram feitas as mesmas perguntas aos alunos do 9º ano do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio, com o intuito de promover uma reflexão sobre a maneira que os alunos enxergam e entendem a disciplina em diferentes momentos da educação básica (na passagem do fundamental para o ensino médio e na saída deste da vida escolar básica). Quando perguntados se os mesmos já tiveram alguma experiência diferenciada no ensino da disciplina de História na escola (uso de vídeos, filmes, musicas, excursões, roda de conversa, debates, pesquisa, etc.), 92,3% dos alunos responderam que SIM e 7,7% que NÃO, nunca passaram por tais experiências na sua vida escolar. Para um melhor aproveitamento das indagações, foi perguntado também qual a importância da utilização destes recursos no aprendizado e no entendimento da disciplina. As respostas foram inúmeras e bastantes incisivas no que remete a importâncias dessas atividades e utilização de recursos didáticos para ajudar a desenvolver uma formação humana integral, voltada para a construção de cidadãos com olhares críticos à sociedade e mundo que os cerca. As respostas podem ser observadas no quadro abaixo:

do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em 05/02/2023.

Tabela 4 – Quadro de respostas às perguntas do questionário destinado aos alunos dos 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio.

Aluno 9º ano	Melhor didática para aprender. A importância de ter experiências diferentes sobre a disciplina vem a tornar o estudo mais atrativo e chamativo para os alunos.
Aluno 9º ano	A importância delas no aprendizado é a interação mais próxima do assunto, do que lê somente livros e fazer atividades em uma folha.
Aluno 9º ano	Muita! É chato quando não usamos essas experiências pra aprender, sempre é bom inovar, além de tornar o estudo muito mais interessante.
Aluno 9º ano	São importantes porque ajuda os alunos a entender melhor os assuntos de um jeito mais simplificado e fácil de entender, com minha experiência eu diria que essa foi a melhor (com vídeos, imagens, música etc.), é uma forma de ensino boa e que ajuda bastante, eu gostei da experiência.
Aluno 3º série	O estudante não ter só que decorar matéria, mas sim aprender e repassar os assuntos discutidos, o que tem um resultado significativo na vida adulta do aluno.
Aluno 3º serie	O uso de outras dinâmicas contribuíram para a melhor compreensão sobre determinados assuntos, além de terem proporcionado o conhecimento de curiosidades e outros pontos de vista.
Aluno 9º ano	Sim, seria mais interessante para os alunos aprenderem de um jeito diferente.

Trabalhar em sala de aula aliando ensino aprendizagem, recursos digitais com as competências previstas pela BNCC é uma reflexão necessária em um período pré pandêmico e também no contexto do isolamento social mediante ao agravamento da epidemia global do Corona Vírus, pois foi preciso que docentes e discentes se utilizassem de recursos digitais para dar continuidade as atividades escolares de dentro das suas casas. Analisando então as falas desses alunos, podemos perceber a importância na visão dos mesmos de se utilizar tais recursos nas aulas de História, e se falando de ensino emergencial remoto essa foi uma das maiores dificuldades enfrentadas por alunos e professores. Quando se perguntou para estes, qual foi a maior dificuldade enfrentada nas aulas remotas, as respostas em grande maioria foram as mesmas: as aulas *on line* do ensino emergencial. Segundo um dos professores interrogados “a ausência física dos alunos e a falta de interação foi o mais difícil. Era uma sensação de estar falando para as paredes”, já o segundo professor entrevistado afirma que as suas maiores

dificuldades foram de cunho técnico, o saber usar as ferramentas digitais para dar seguimento as aulas. Entre os alunos as dificuldades com tais aulas foram diversas como mostra o quadro a seguir,

Tabela 5 - Quadro de respostas às perguntas do questionário destinado aos alunos dos 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio.

Aluno do 9º ano	O estudo on line
Aluno do 9º ano	Aulas virtuais, que acabaram fazendo com que eu não entenda muito.
Aluno do 9º ano	Não foi uma dificuldade da disciplina, eu colocaria que foi mais por conta de problemas com a internet e pessoas que atrapalhavam a aula, mas com a forma de ensino e a disciplina em si estavam ótimas.
Aluno do 9º ano	Sem dúvidas o ensino remoto, 2020 foi um ano em que eu tive zero rendimento em todas as matérias.
Aluno do 9º ano	A falta de uma maior interação, o que dificultou, em algumas situações, o melhor entendimento de determinados assuntos.
Aluno do 9º ano	Prestar atenção nas aulas.
Aluno da 3ª serie	Quando a internet parava de funcionar
Aluno da 3ª serie	Prestar atenção na aula.

Analisando as falas, fica claro a importância de se fazer essa reflexão sobre o ensino de História, demonstrando a importância da figura do professor em sala de aula, principalmente da figura física, o estar presente, o estimular o ensino aprendizagem dos alunos, mostrar que o ensino pode também estar além das paredes da instituição, pois além de apresentar os conteúdos da disciplina, é preciso estimular a permanente reflexão destes ao mundo que os cerca, pois a História pode sim ser um grande instrumento de compreensão e transformação da realidade destes alunos, seja no campo pessoal ou social. As dificuldades enfrentadas no período de 2020

a 2022 com a disseminação da Covid 19 em relação a educação em Abaetetuba, no Colégio Engels, nos mostrou que é preciso aliar as ferramentas digitais às aulas, se utilizar de todos os recursos didáticos possíveis para que o ensino de história chegue até esse aluno, e mostrar que a aula de História vai muito além da vida escolar básica, é preciso compreender o mundo ao nosso redor, a nossa história, nossa sociedade, nossa cultura. Mostrar que, “Ensinar história [é] dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (BITTENCOURT, 2012, p. 57).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma reflexão sobre a prática docente é algo que precisa constantemente ser feito pelos professores, essa reflexão pode nos levar a entender a importância de fazer com que o ensino nas escolas seja, não um mero instrumento de “repassar conteúdo”, mas sim um ambiente propício para formar cidadãos participativos, críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade. Essa experiência docente é fundamental para enxergarmos o quão plural é a realidade dos nossos alunos e compreender que para fazê-los partícipes da história, de ser enxergar nas aulas é preciso também entender essa pluralidade.

Trabalhos como este nos convida a ponderar a nossa própria vida professoral, os próprios desígnios que levaram até este trabalho reflexivo, sobre as experiências docentes em uma escola na cidade de Abaetetuba no Pará, partiu de uma reflexão pessoal de vida na qual pude presenciar por várias vezes o desinteresse dos alunos e alunas para com a disciplina, pude perceber principalmente que estes não a enxergavam como algo para além da sala de aula, o que acarretou nos questionamentos iniciais desta pesquisa, *Por que os alunos não relacionam a História como ciência? Por que estes não a veem como algo para além da sala de aula, das provas e vestibulares? Por que ainda é recorrente a ideia que História é matéria decorativa? Por que desse sentimento de não pertencimento a uma história local por parte dos alunos?* E ao mesmo tempo me levou a refletir também sobre o ensino nas instituições privadas, como o chão desta pesquisa, o Colégio Engels, vistas como instituições de cunho “conteudistas” o que acabava por elucidar e reafirmar a figura do professor que “repassa conteúdo”, colocando desta forma o ensino de história como algo estático, mecânico, usado apenas para passar nas provas e vestibulares.

Sobre isso, Bittencourt (2019) analisando os métodos de ensino de história diz que estes relacionam-se diretamente a figura do professor no que tange a organização de suas aulas.

Analisando e refletindo sobre os métodos empregados ao longo da história a autora mostra que a partir dos anos 1960 o chamado “aluno aprendiz”, formado com conhecimentos técnicos voltado para o mercado de trabalho, estava sendo transformado em “aluno estudante”, objetivando sua formação cognitiva, identitária, social e de estudo, o que a mesma chamou de substituição do *método expositivo* pelo *método dialogado*. Perpassando por outra transformação no período do regime militar, com a efetivação do *método instrucional*, onde o aluno é voltado para responder testes de múltipla escolha (BITTENCOURT, 2019, p.165). Já nas décadas de 1980 e 1990, os métodos de ensino visavam incluir o aluno como personagem histórico principal nas aulas, objetivando construir identidades culturais e sociais diversas com debates em torno das histórias dos afrodescendentes, indígenas, mulheres e crianças, formando então um aluno com autonomia intelectual, capaz de se enxergar na história e se sentir partícipe desta. Porém alerta para um retorno das propostas metodológicas que visam treinar os alunos para as provas e avaliações simplesmente para responder perguntas de modo funcional, segundo Bittencourt,

Trata-se de uma nova *virada instrucional* (Hamilton) com sérios comprometimentos para o conhecimento escolar em plena “era da informação”, ao buscar efetivar métodos padronizados vinculados a materiais didáticos monopolizados por grandes empresas internacionais. O retorno do método instrucional tem como objetivo transformar o professor em *instrutor* e o aluno deixa de ser estudante para ser um *aprendiz* de conhecimentos técnicos suficientes para o exercício de uma profissão no mundo do capitalismo monopolista internacional. (BITTENCOURT, 2019. Pg. 167)

Esta realidade é muito comum nos dias atuais, formar o aluno para responder perguntas, para passar nos vestibulares. Assim podemos reafirmar que é mais que necessário refletir e dialogar sobre o ensino de história na atualidade, pensando em justamente investigar de que forma que esses métodos são utilizados pelos professores de História e principalmente como que é possível aliar a ideia de professor *instrutor*, já que Colégio Engels, assim como outros visam obter resultados em vestibulares, com a ideia de educador/educadora, se utilizando da visão Freiriana, não é detentor de todo conhecimento e muito menos o aluno aquele que memoriza e repete. O educador/educadora visa um discente com formação intelectual e com consciência crítica (FREIRE, 1987. Pg.38).

É necessário também analisar e propor reflexões a partir do próprio discente, que este traz consigo uma carga de conhecimento histórico de sua vivência familiar e social que por muitas vezes o levam a entender que a história é necessária apenas para conseguir o tão sonhado ingresso no ensino superior, daí entender que a relação aluno e professor nas instituições privadas podem gerar esse sentimento de “aquele que detém o conhecimento” e o “que precisa absorver este conhecimento”, não levando em consideração que o ensino de história precisa ser

(re)pensado constantemente pelos docentes, pois seguindo as ideias de Rusen (2007), este ensino precisa fazer sentido para os discentes que estão em formação, ensino este que implica observar as singularidades de cada escola, de cada cidade, de cada aluno e cada professor. É preciso levar em consideração a cultura histórica que eles trazem de suas experiências pessoais, da sua vivência e inseri-las nesse processo de ensino aprendizagem. É preciso uma formação para a prática, para a vida.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2006.
- ARENZ, Karl Heinz. **Filhos e filhas do beiradão**: a formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Santarém: Faculdades Integradas do Tapajós - FIT, 2000.
- BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, nº 19, set. 89/fev. 90.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Método de Ensino. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria de. **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- _____. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: [https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988-artigo-68/Acesso em 11/03/2023](https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988-artigo-68/Acesso%20em%2011/03/2023)). Artigo 68 ADCT
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo**, vol. 11, núm. 21, junho, 2006, pp. 17-32
- _____. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: Ensino Fundamental** (Coleção Explorando o Ensino). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 59-82
- _____. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 17-36.
- CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Coord.); OLIVEIRA, Regina de Soares; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo. **A reflexão e a prática no ensino de História**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2012.
- Carta de requerimento de sesmaria. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Portugal
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, v.7, n. 13, p. 272-292, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional**. v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

Comunidades remanescentes quilombolas no Brasil. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-30-06-2022.pdf/>

COSTA, Aryana. História local. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida Dias. **Dicionário do Ensino de História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. História Local e Micro-História: Encontros e Desencontros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS**, n. 146 -2012, p.11-27.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **Métis: história e cultura**, v. 2, n.2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

DA COSTA, Vilene Dias. "**Ensino remoto em tempos de pandemia (COVID-19): percepções e experiências docentes**", 2021. Disponível em: [www.semanticscholar.org/paper/ensino-remoto-em-tempos-de-pandemia-\(covid-19\)%3A-E-Pereira-Costa/](http://www.semanticscholar.org/paper/ensino-remoto-em-tempos-de-pandemia-(covid-19)%3A-E-Pereira-Costa/)

DE LACERDA, Tiago Eurico; JUNIOR, RAUL GRECO. **Educação Remota em tempos de Pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**. Editora BAGAI, 2021.

Direitos quilombolas. Disponível em: [https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/Acesso em 11/03/2023\)](https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/Acesso%20em%2011/03/2023)

FERREIRA, Luzivan dos Santos Gonçalves. **Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em geografia (PPGEO) da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará, 2013.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. Produção e uso do material didático. In: ALVEAL, Carmem Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo. (Org.). **Reflexões sobre História Local e Produção de Material Didático**. Natal: EDUFRRN, 2015, v.1, p. 293-334.

FONSECA, Selva Guimarães. O Estudo da História Local e a Construção de Identidades. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2013, pp. 153-161.

_____. A formação de professores de História. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2013, pp. 153-161.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GONTIJO, Rebeca. Cultura Histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida Dias. **Dicionário do Ensino de História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2019.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, maio./ago. 2007, p. 241-252.

HOOKS, Bell. Pedagogia engajada. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Jornal o abaeteense. Abaetetuba-Pa, 15 de agosto de 1884, 1ª Edição. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 38, São Paulo, 1999.

LIMA, Déborah de Magalhães. A construção histórica do termo Caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 2, n. 2, p. 5-32, dez. 1999.

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. In: MAGALHÃES, Marcelo [et. al] (Org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014, p. 51-75.

MACÊDO. Sidiana da Consolação Ferreira. **Sítios e Engenhos em Abaeté**: Um estudo de Cultura Material (1840-1870). Monografia apresentada ao Colegiado de Graduação do Curso de História da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará. 2006.

MARQUES, Carlos Eduardo. **Remanescentes das Comunidades de Quilombos, da ressignificação ao imperativo legal**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de mestre. Belo Horizonte 2008.

MERCADO, Ruth. **Los saberes docentes en el trabajo cotidiano de los maestros**. Infancia y Aprendizaje, 1991, 55, 59-72.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./ago. 2003.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, 11, p. 9-35, out. 2003. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12075

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf

NIKITIUK, Sonia M. Leite. Ensino de História: algumas reflexões sobre a apropriação do saber. In: **Repensando o ensino de História**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e as fronteiras da antropologia. **Antropolítica**. Niterói, n. 19, p. 91-111, 2005.

PLÁ, Sebastián. **La enseñanza de la historia como objeto de investigación**. Secuencia (online). 2012, n.84.

RÜSEN, Jörn. Didática – Funções do saber histórico. In: **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 57.

_____. Didática – funções do saber histórico. In: **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9 n.19, pp.219-243, set.89/fev.90.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Itinerários de pesquisa em ensino de História. In: ARIAS NETO, José Miguel (Org.). **Dez Anos de Pesquisa em Ensino de História**, Londrina-PR: AtritoArt, 2005, p. 113-121

SILVA, Cristiane Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Maria Dias de. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História Local: Objectivos, métodos e fontes**. Universidade do Porto, 1998. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>

SILVA, Jorge Gregório da. Currículo e diversidade: a outra face do disfarce. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 7, n. 9, p. 1-17, 2009.

SILVA, Ana Tereza Reis da. Áreas protegidas, populações tradicionais da Amazônia e novos arranjos conservacionistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 1-22, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 65-66, ago. 2002.

SIMAN, Lana Maria de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidades. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 201-221.

SILY, Paulo Rogério Marques. Cidade, memória, patrimônio: potencialidades de formação. In: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal, TAVARES, Maria Tereza Goudard, ARAÚJO, Mairce da

Silva (org.). **Memórias e Patrimônios: Experiências em formação de professores**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009, p.269-281.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, vol. 3, n.6, jul.-dez. De 2020, p. 743-758.

TORRES NETO, Dilermando Pereira. **Cidade, História e Memória: Educação Patrimonial em São Bento do Una-PE**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018, 142f.

VERÍSSIMO, José. As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**, Rio de Janeiro, v. L, n. 1, p. 295-390, 1887.

ZARBATO, Jaqueline Martins. Memória e ensino de história: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. **Revista Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.9, 2013.

ZAVALA, Ana. Pensar ‘teoricamente’ la práctica de la enseñanza de la Historia. **Revista História Hoje**. V. 4, nº 8, 2015.

APÊNDICE A – FONTES UTILIZADAS NO PROJETO ESCOLAR “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”

A Illustração de Pernambuco Recife

N. 1 *Pernambuco*

Anno I Abaeté—Sexta-feira, 15 de agosto de 1884

Assignaturas

Um anno..... 12\$000

Semestre..... 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

O ABAETEENSE

PARA O BRAZIL

Tout pour la patrie!

Escritorio e redacção

TRAVESSA DA CONDIÇÃO

Director

D. T. DE CARVALHO

Propriedade de A. F. C. Caripuna Redactor principal—Hygino A. C. Amanajás

O ABAETEENSE

ABAETÉ, 15 DE AGOSTO DE 1884

PROSPECTO

O *Abaeteense*, que surge hoje á luz da publicidade, pede um modesto lugar no banquete do jornalismo da provincia.

Não vem pleitear glorias litterarias, nem advogar interesses de um partido politico ou de uma fracção qualquer.

Seu fim é menos preciso, talvez; mas não menos elevado e digno.

Advogará a causa da justiça tantas vezes abafada pelas conveniencias e interesses; erguerá a voz das paixões proeminentes e esperas serenas d'onde possa, sem prevenção, apreciar os factos.

Votar-se-ha com dedicação á defesa dos interesses do municipio de Abaeté, pugnando na medida de suas forças para a descentralisação administrativa, pela autonomia dos municipios em geral nos seus negocios economicos e engrandecimento d'elles, vingando-os d'esse systema ferrenho de oppressão que os esmagava, rouba-lhes os recursos proprios, seca-lhes a seiva de vida, absorve-lhes os capitães que se convertem em obras de luxo e phantasia para os centros, deixando-os em abandono esteril, vegetando sem animação e estímulo, sem forças e iniciativa.

Nas luctas incruentas da palavra, que porventura tenha de sustentar, jamais se esquecerá do respeito devido aos outros e a si proprio, procurando conquistar por sua norma de proceder um lugar, por insignificante que seja, entre os órgãos sensatos da opinião publica, sem nunca se olvidar das regras de urbanidade e delicadeza a que todo o individuo tem direito.

O *Abaeteense* occupará uma posição de jornal sério, instructivo, moralisado e justo, para o que se despirá sempre de toda e qualquer paixão, abafando as prevenções politicas e individuaes de seus redactores para dar lugar á maxima imparcialidade.

Repelle com energia todos os ma-

nejos indecorosos da vingança, da injuria, da calumnia e da maledicencia.

A imprensa que se prostitue, convertendo-se em pelourinho de repantões, em receptaculo de injurias e insultos, não dará elle importancia alguma, nem levantará a lva dos que o provocarem armados de guante ou de panhal, aceitando somente o combate leal e franco de cavalheiros que se prisam.

Procurará ser neutro; e, todas as vezes que, pela força das circunstancias, tiver de se occupar da politica para com moderação e justiça.

Franqueia as suas columnas á todas as opiniões, com excepção das prejudiciaes á moral, aos bons costumes e á tranquillidade publica, com a unica condição de serem assignados os artigos por seus autores, toda vez que elles se referirem a pessoas ou a factos que tenham relação com pessoas determinadas e de serem escriptos em termos cortezes e dignos de honrens civillizados.

Abreirá uma secção para transcripção das noticias dadas pelos jornaes da capital, com a opinião de cada um d'ellos.

Com os mais elevados intuitos, animado das mais nobres aspirações, procurando e nunca negando a justiça a outros, o *Abaeteense* entra nas luctas do jornalismo com a intenção unica de concorrer para o engrandecimento e augmento das localidades do interior, tidas e tratadas pelos poderes publicos, e trabalhar pelo adiantamento e illustração de seus conterraneos, tendo por pharal a guia o amor da patria, que embribece e justifica a temeridade da empreza.

15 DE AGOSTO

As datas gloriosas de um povo devem ser solemnizadas sempre com o maximo enthusiasmo, porque d'ellas saltam jorros de luz que aclaram o passado, elevam o presente pela manifestação condigna e apontam aos porvindouros o monumento que o patriotismo de nossos paes elevou no coração

da patria pela coragem e pela abnegação.

O facto grandioso, solemne e ao mesmo tempo heroico da adhesão da provincia do Pará á independencia do imperio passava, entre nós, despercebido até a bem pouco tempo, quando ainda viviam no seio da sociedade paraense os martyres e os heróis d'essa sublime epopéa.

Triste esquecimento!

Apenas Soares Carneiro teve a recompensa, tardia é certo, mas ao menos grandiosa, na ovação merecida que o povo de Belem lhe fez em 1882, depois de ter convivido com os heróis e estado sempre corajosamente com a pobreza honrada.

Os outros benemeritos do Pará, ficaram-se antes que a mocidade generosa e entusiastica lhes tive-se feito a apothecose a que tinham direito.

Patrão, o estudante de Coimbra, batalhador infatigavel e luctador destemido; Baptista Campos, o perseguido, incançavel e energico patriota; Costa Pimentel, Romualdo de Seixas, Marreiros e tantos outros benemeritos, não tiveram o prazer de ver as festas que esta geração entusiasta e reconhecida lhes faz depois de mortos; mas ao menos deviam levar consigo a convicção de que nós, os filhos da liberdade, nunca esqueceriamos aquelles que a conquistaram para nós.

Gravaram tão fundo os seus nomes em letras aureas nas paginas da historia paraense, que não podiam receber o obvido de um povo esclarecido.

Martyres sublimes do amor da patria os heróis do Pará temos os nomes escriptos ao lado dos de Góndes, Gonzaga, Abreu e Lima, Andrada e tantos outros filhos d'esta terra de bravos, no livro do ouro que um povo livre guarda sempre nos degrãos do altar da patria, perante o qual se curva reverente e respeitoso.

Não! não podem ser esquecidos aquelles que quebraram as cadeias ignominiosas da servidão, succudiram o jugo aviltante do despotismo, e inscreveram o nome da sua patria no mappa das nações cultas, buscando do numero



das colonias portuguezas a terra de seu berço.

O Brazil, gigante logo ao nascer, não podia supportar os guilhões do captivo humilhante, e conscio da sua força, apoiado no braço e no coração de seus filhos, com a força herculea da indignação justa, quebrou as algemas que lhe manetavam os pulsos generosos, e, com voz sonora e vibrante, que colouu desde o —Prata ao Amazonas, do Rio-Grande ao Pará—, soando festiva e potente no palacio e na choupana, nos montes e nos valles, soltou o grito aterrorador de—Independencia ou morte!—Portugal somos irmãos!»

Um povo de bravos não tolera a oppressão.

Quem curva a cerviz á tyrannia, abdicando o direito, a liberdade, não é digno do nome de homem!

Por isso o *Abacateense*, que escolheu para começar a sua carreira jornalística este dia glorioso, presta a devida homenagem aos martyres da liberdade, aos heróes do dever e da honra de sua patria, que souberam soffrir com stoicismo, lutando com dedicação e coragem e conquistando para si e para seus filhos o titulo de homens livres, nobilitando o seu paiz aos olhos das nações cultas.

A rainha do Guajará veste-se de gala para festejar este dia; nós, abacateenses, que somos os herdeiros dos heróes da legalidade em 1855; nós que estreamecemos de jubilo pelas conquistas feitas á tyrannia e á oppressão, não podemos ficar impassíveis n'este dia de recordações gloriosas, nem esquecer os benemeritos da patria.

Salve, 15 de agosto, tres vezes salve!

Emancipação do Pará

Ao jubilo patriótico que se expande hoje do coração dos paraenses se mescla profundo desanimo e tristeza.

E' que debalde se procura no meio dos homens que avultam na presente geração esses heróes, exemplos grandiosos de patriotismo, que se votavam ao sacrificio e ao martyrio para conquistarem os fôros de homens livres para si e para seus filhos.

Gigantes de abnegação surgiram sublimes e imponentes por entre o convulsionar da revolução heroica e cahiram exhaustos, mas laureados e cobertos de glorias.

Onde estão os descendentes dos Andradas, dos Patronis, Seixas, Abreu e Lima, Xavieis e tantos outros martyres que se immolaram no altar da patria

ou envelheceram no combate continuo em prol das liberdades conquistadas?

Debalde volvemos as vistas para todos os pontos do imperio e só vemos ambições mesquinhas a se degladiarem, tripudiando sobre o coração da patria que se debate nas convulsões da agonia, originada pela enfermidade que a devora.

Graves problemas surgem a todo o momento e ficam sem solução alguma, porque o governo que succede ao outro mal tempo tem para procurar apoio em uma maioria ficticia, ou crear esperanças ephemeras e irrealisaveis.

Os homens d'esse passado glorioso vão sendo implacavelmente ceifados pela morte, sem deixar quem os substitua dignamente.

De posse das liberdades conquistadas por elles a custo de muito sacrificio e abnegação, conservamo-nos em deploravel e criminoso inercia e deixamo-nos governar peio capricho e tantas vezes pela incapacidade.

Adormecemos sob os louros que ornaram a frente dos nossos heroicos progenitores e embaldados pela crenga na força e estabilidade das sabias instituições que elles escolheram e juraram para nosso progresso e tranquillidade, deixamo-nos levar por um plano inclinado ao declivoso caminho da tyrannia que nos sequestra quasi todos os nossos direitos, exigindo sómente o cumprimento de nossas obrigações.

No interesse, quiçá, do proprio egoismo e para conservação de um poderio inglorio, confiscaram-nos as liberdades garantidas pela Constituição, e, com leis adrede preparadas, foram cercandono-nos os direitos politicos e civis, e até o direito de propriedade, transformando o progresso e felicidade commun da patria em interesse de uma fracção, de um partido ou ainda de amigos.

A patria desapareceu nos olhos dos estadistas, o interesse nobre pela collectividade foi substituido pelo interesse mesquinho e egoista do individuo.

Só a mocidade generosa, no seu santo entusiasmo, se vota inteira ao amor da patria e sonha para ella um futuro esplendido de glorias, mas seus desejos e esforços quebra-se de encontro a rigidez ferrea do egoismo frio e calculado dos que empolgam o governo da nação.

Triste situação a nossa! Succedem-se os gabinetes, modificam-se as opiniões e idéas dos que governam e o paiz ou estaciona ou retrocede.

Pois bem! já que não temos glorias no presente, alimentemo-nos das glo-

rias do passado e da esperança no futuro.

A IMPRENSA

Em toda a parte onde surge a imprensa Com ella surge a instrução, a luz! E' a alavanca do progresso ingente, Seu aureo nome—progradi—traduz!

Filha das brumas allamãs, nasceu Na patria egípcia—da feraz e fúria; Anjo da paz, da tyrannia alçoz, Protege o fraco e ampara a innocencia!

Podar immonso, respeita vel força, Vehiculo nobre da humana idea! Do genio auxilio e da gloria taba, Terror do vilão, da oppressão patria!

Branca vestal do Pantheon da gloria Córa, estreamece ao contemplar os filhos Que a conspirem, injuriando, ingratos! Co' insultos torpes a roubar-lhe os brilhos!

Trados abortos da corrupção, beberam O leite lupuro do soez insulto, Espurios filhos d'essa mãe sullime, Mancham-lhe as vestes e lhe pedem talito!

Mas não! pra elles, nem desculpa ao menos, Lhes dá a lencura da feroz paixão; Quem rasga o seio maternal com dores Cui re-se ao peso da sua mal lição.

Mas nós, entremos respeitosos, castos, Da deusa impressat ho pomposo templo, E sacerdotes d'este culto augusto Sejamos justos—de equidade exemplo.

O insulto é arma da fraqueza ingloria, Indigna arma pra quem é—poder, Filha da luz, da verdade os raios Bastam-lhe apenas pra combater!

Agua altiveira, não rasteja a lama; Na lucta nobre não ataca inermes! Condor soberbo em regiões serenas Para, e da terra não encherça os vermes.

15 de agosto

Filho da liberdade, salve!

Os passarinhos apuram seus melodiosos gorgos; as flores seus inebriantes perfumes; a natureza toda, desde o misero insecto que se roja no solo ao tigre feroz domador dos bosques; da mesquinha trepadeira que rasteja a campina ao cedro abanceiro que domina a floresta, tudo se veste de gala para te saudar em um concerto harmonioso, porque tu és o dá da liberdade, o dia dos paraenses!

Foi no dia 15 de agosto de 1823, —ha 61 annos,— que o Pará, a estrella mais brilhante da constellação do Cruzeiro, imitando o exemplo de suas irmãs, ergueu-se cheia de magestade, e, a um só impulso, sem esforço, sacudiu para longe, em estilhaços, os guilhões que lhe arroxavam os pulsos de rainha.

O sangue de Tiradentes, o gloriozo pro-martyr da liberdade, esbaldadamente lorrado por oprim da metropole, fã a semante vigorosa da liberdade!

O Parã teve os Baptista Campos, Patrão, Soares Carneiro, Souza, natural da Silva e outros valentes abillados da causa santa da liberdade, heróicos que tudo sacrificaram na arrojada pugna que travaram contra a sordida arbitragem de um governo despota e cruel!

A aurora para da liberdade raiou emfim esplendorosa por entre um brado troante de enthusiasmo que fez tremor o velho Portugal. A transformação operou-se rajada. A noite escura do servilismo dissipou-se e o raiado da liberdade illuminou os heróicos da patria cobertos de louros!

Portugal, senhor de hontem, já sentiu orgullo de chamar-nos irmãos!

Oh, restos angustios dos heróicos da patria, de memoria d'15 de agosto, silve, tres vizes silve, e contiga a patria, a liberdade!

A. G.

A illustre redacção do "Abateense"

Habitante antigo d'este paiz ao qual filicime pela naturalisação, interessado sobretudo pelos progressos d'este municipio que amo e estremeço com todas as fibras de minha alma, eu não posso deixar de congratular-me com vosco pela sublime idea que concebeste: — a publicação de vosso jornal.

E o facto éo solemnemente, quanto estou certo que, o Abateense será n'este florescente municipio, a valvula respiratoria das liberdades publicas e terá por unica missão o direito de applaudir, premiar, condemnar e corrigir, que é o direito de toda a imprensa moralisada.

Envio-vos, pois, um cordal aperto de mão, e fiço votos para que o vosso jornal adquira em breve a geral acção a que tem direito.

Viva a nação brasileira!

Viva a provincia do Parã!

Viva a imprensa!

Viva o povo do Abaeté!

ABRÃO FORTUNATO.

A VILLA DE ABAETÉ

A freguezia de Abaeté foi creada no anno de 1758; tendo por seu primeiro vigario o padre Felipe de Souza.

Conta 126 annos de fundada, e todavia insignificante augmento tem tido.

Até o anno de 1869, seu arraial se compunha de uma rua principal, duas travessas e um largo; e hoje possui apenas as ruas do Coronel Caripuna e Siqueira Mendes, travessas do Tenente-Coronel Costa, da Conceição e mais

tres travessas com poucas casas, a praça 25 de Março e o largo do Espirito Santo, sendo a mais bella rua a de Siqueira Mendes, edificada recentemente, onde existem bons predios e que é espaçosa e direita.

Elevada á categoria de villa pela lei n. 973 do 23 de março de 1880, é hoje termo reunido ao de Igarapé-mirim e está sem duvida destinada a ser a cabeça da comarca, porque tem frequentes e rapidas commutações com a capital.

Seu porto é visitado por mais de dez vapores mensaes, que ali fazem ponto de escala.

Infelizmente, a ponte que possui, feita com os rendimentos do municipio, quando ainda dependente de Igarapé-mirim, ameaça desabar completamente, estando muito damnificada, sem que tenha sido possível concertar-se, apesar da boa vontade da municipalidade, porque não havendo verba para esses concertos no orçamento municipal e tendo sido pedida á presidencia autorisação para fazel-os, esta não tem dado resposta a dois officios dirigidos n'esse sentido.

O Abaeté nada deve ao governo provincial e nada d'elle tem recebido, apesar da grossa soma com que concorre para os cofres publicos.

Não tem sequer uma matriz, e os actos religiosos celebram-se ainda, como em 1869, na pequena capella do Espirito-Santo.

Uma das assembléas provinciaes anteriores a 1863 votou a verba de 22 contos para construcção da matriz, que se desmoriou em 1862.

Arrematou a obra o fallecido coronel Caripuna; e, quando as paredes já se achavam dois metros acima do nivel da terra, foram mandadas demolir por um engenheiro da provincia, por simples e injusta prevenção para com o arrematante, que demolindo-a, rescindiu o seu contracto.

Desde então o Abaeté não tem matriz, e nem mereceu mais a attenção dos que governam.

No entanto seu municipio é rico e essencialmente agricola.

Possue treze engenhos movidos a vapor, que fabricam assucar e aguardente, além de muitos outros movidos por animal.

Produz farinha, arroz, cacáo, milho, tabaco e gomma elastica. Tem um commercio activo e florescente.

Teve por vigario o conego Jeronymo Roberto da Costa Pinental, patriota de saudosa memoria, e conta no numero de seus filhos o valente e denodado Mancel Antonio Cordeiro, esforçado campeão da legalidade em Abaeté no anno de 1835, tão covarde-

mente esquecido pelo governo do seu paiz, o tenente-coronel Francisco Antonio da Costa e seu filho o padre Gustavo Costa, aquelle, primeiro commandante da guarda nacional em Abaeté e que prestou relevantes serviços á causa legal, e este, intelligencia culta e esclarecida que honrou a terra de seu berço.

Foi n'este districto, em casa de Thomaz Monteiro Cardoso Amanajás, que o conego Baptista Campos, um dos heróicos da emancipação d'esta provincia, e então foragido e victima das perseguições do presidente Lobo, recebeu o feiimento de baixo do queixo, quando fazia a barba, e que lhe occasionou a morte.

Tambem é filho do Abaeté o coronel Caripuna, de saudosissima memoria.

O governo deve mesmo esquecer o Abaeté, porque ama das condições do bom governo é ser ingrato.

Os abateenses bateram-se como leões sob a bandeira legal durante a revolução de 1835, vulgarmente conhecida com o nome de — *cabanagem*, defenderam o seu districto da invasão dos revolucionarios, conservaram-se fieis ao juramento prestado e deixaram-se matar como bravos para sustentarem a lei, deviam por isso ser punidos com o esquecimento.

E tempo, porém, do governo volver os olhos para este municipio e fazer-lhe a justiça a que elle tem direito.

Nada mais pede, nada mais quer; nem sequer a recompensa do seu heroismo e fidelidade.

AWAY!

Deus sóos raiaram hoje nos horizontes abateenses!

O sol, obra admiravel do Deus, que illumina o planeta e o mundo material, e o Abateense, o fio d'esse sol immenso e tambem admiravel, — a imprensa, — creatura assombrosa do genio humano, que illumina o mundo immaterial, — o homem, — e o dirige pela senda gloriosa da civilisação!

Bravos pelo Abateense!
Hurrah, pelo seu fundador!

A. G.

De um distincto cavalheiro d'esta villa, recebemos o seguinte, que agradece-mos:

Acabo de ter a honra de receber um convite para assistir a inauguração de uma typographia a qual tem de dar á luz mais um lidador nas pugnas do progresso, com o titulo — *O Abateense*.

Oxalá que esse orgão de publicidade, do qual é v. digno redactor, tenha uma longa e feliz existencia, e que en-

contre no generoso povo abateense o apoio de que deve ser merecedor.

Os abateenses são todos amantes do progresso, mórmente d'este que se inicia e terá por norma de conducta o trabalhar sempre em beneficio d'este uberrimo e abençoado torrão, digno de melhor sorte.

O dia escolhido para essa festa do trabalho é tão grandioso, tão memoravel, que todo o paraense amante de sua patria brada cheio de entusiasmo:

Salve, 15 de agosto!

Villa de Abaeté, 13 de agosto de 1884.

G. L.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Avisamos aos nossos dignos assignantes que para solemnisar o dia 15 de Agosto, resolvemos dar n'este dia o numero de domingo vindouro.

DISSOLUÇÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

Consta que o ministerio, tendo perdido uma votação na camara dos deputados por 7 votos, pediu e obteve a dissolução d'ella. Appellou, pois, para a n.º 10, na magna questão do elemento servil, na qual foi derrotado.

Se tal facto é veridico, é nosso pensar que os dois partidos constitucionaes vão desapparecer, transformando-se em partido abolicionista a todo o transo e partido abolicionista legal, ou baseado na lei de 28 de setembro de 1871.

E assim supponho, porque não admittimos a possibilidade de um partido escravocrata no Brazil, visto como todos os brasileiros são abolicionistas de coração, de razão e de facto.

A unica differença, pois, entre os dois partidos será, que um querera a abolição rapida, instantanea, sem reconhecer direitos aos senhores de escravos e considerando-os pagos pelos serviços anteriormente prestados por estes, e outro, procurará harmonisar o direito sagrado da liberdade com o direito constituído da propriedade.

Este facto presta-se á largas considerações que não cabem na estreiteza de uma local.

A politica transforma-se: os horisontes da patria escurecem-se e a lucta vae começar grande, gigante, sem treguas.

Em nosso proximo numero faremos as considerações a que se presta este facto importante.

POSSE

Tomou posse da administração da provincia no dia 4 do corrente s. ex. o sr. dr. João Silveira de Souza.

S. ex. tem já a sua reputação firmada n'esta provincia, para cujo engrandecimento outr'ora concorreu.

Esperado com anciedade e confiança por todos os paraenses, que vêem n'elle

a garantia de uma sabia, prudente e benefica administração, a chegada de s. ex. tranquillisa os animos desconfiados com a administração do sr. dr. Damim, que aliás nada praticou para merecer censuras, tendo mesmo feito uma boa administração no pouco tempo que esteve na presidencia.

E' certo que o municipio de Abaeté nada recebeu da administração de s. ex. que, mal informado, por excessivo escrúpulo, ou por injusta prevenção, negou-lhe os meios de progresso, que por intermedio da camara municipal lhe pediu.

O Abateense, saudando o novo presidente da provincia, espera que s. ex., illustrado e amante do progresso como e, não negará a este municipio os meios de que necessita para seu engrandecimento e para os melhoramentos materiaes de que tanto carece.

Só s. ex. pôde ajudar a camara municipal d'esta villa n'esse empenho justo, porque de si depende a concessão de verba para poderem ser effectuadas algumas obras de urgente necessidade, visto como no orçamento municipal não foram previstas essas despesas.

O municipio de Abaeté tudo espera do exm. sr. dr. Silveira de Souza.

FALLECIMENTO

No dia 28 de julho passado falleceu na fazenda Boa-Vista, d'este districto, a respeitavel e virtuosa matrona, d. Thereza de Jesus Nery.

Accommettida repentinamente por violenta enfermidade, succumbio a virtuosa senhora apezar dos esforços empregados para salvá-la.

Nasceu no anno de 1812 e morreu com 72 annos de idade.

Aos nossos dignos amigos Emygdio Nery, Albino Nery, Hygino Nery e Indalescio Baptista, filhos e neto da finada, bem como a todos os parentes, enviamos as nossas condolencias.

LICENÇA

Obteve seis mezes de licença o 2º suplente do juizo municipal d'este termo, Camillo José de Freitas.

DECISÃO

O juiz de direito interino de Igarapé-miry recommendou aos escrivães de Abaeté, que só lhe façam autos conclusos quando elle estiver dentro d'este termo; e no caso contrario, que façam remessa dos autos ao escrivão do jury do termo de Igarapé-miry.

Estimos quasi inclinados a crer que o escrivão do jury de Abaeté é uma inutilidade, porque o juiz de direito pôde andar com o seu escrivão.

Todavia como é legal.....

NOVO CONCURSO

S. exc. o sr. vice-presidente da provincia, por acto de 25 de julho passado, mandou abrir novo concurso para os officios de 1º e 2º tabelliães d'este termo, tendo-se em vista o aviso de 23 do mez passado, e as disposições dos decretos numeros 8,276 de 15 de outubro de 1881 e 8,525 de 31 de maio de 1882, cuja fiel observancia muito recommenda, e devolveu os papeis dos cidadãos Messias de Sygmaringa Lobato, Victorio Antonio Corrêa Caripuna e Manoel Joaquim de Araujo, por não se terem habilitado na conformidade das leis em vigor.

SUSPENSÃO E RESPONSABILIDADE

Por acto do ministerio da justiça foi suspenso e mandado responsabilisar o juiz municipal do termo de Igarapé-miry, bacharel João Evangelista de Souza Franco.

Qual seria o crime d'esse magistrado?

Em uma fazenda do interior da provincia do Pará.

Um preto horrivelmente feio:

—Sinhô! eu não posso ir hoje p'ro roçado. Estou doente.

—O que é que tens?

—Eu não sei, sinhô, dóe-me a cabeça e tenho arrepios de frio.

—E o que dizem que é?

—As raparigas dizem que é quebranto.

—É tu?

—Eu tambem acredito que é.

—Então que remedio tomas?

—n. preciso benzimento em cruz.

—Em cruz? Como em cruz?

—É um benzedor pelas costas, outro pela frente, e um de cada banda.

—E onde acharas tanto medico?

—Tres tem aqui em casa, falta só um.

A PEDIDO

CONFRARIA DE S. RAYMUNDO NONNATO, ERECTA NA MATRIZ D'ESTA VILLA

Raymundo de Souza Coutinho, presidente d'esta confraria, convida a todas as eximas, irmãs para assistirem a festa que terá começo a 27 do corrente mez, com toda pompa e esplendor, dignos d'este acto; e ao mesmo tempo aproveita o ensejo para convidar as que se acham em atrazo com a referida confraria a que venham solvel-o em casa do sr. thesoureiro Licario Dias Aracaty.

Impresso na typ. do «Abaetense»

S. Miguel Galvão.

Transcrição da Carta de Requerimento de Sesmaria (Feita pelos alunos)

Francisco de Azevedo Monteiro

Cristóvão da costa Freire do conselho de sua majestade governador e capitão geral do estado do maranhão.

Tendo remetido ao por sua petição lhe mandou dizer ao dito Francisco de Azevedo monteiro casado, e morador na cidade de Belém do Grão Pará, que nela estava cultivando no rio de Jarumã onde tem seu sitio e umas terras que se acham devolutas, e que paga dízimos, e por, delas não tem alguma, pedia-lhe concedesse em nome de sua majestade duas léguas junto ao dito rio donde é morador, começando do sítio para cima, uma légua de sua parte, e outra légua da outra do dito rio atendendo o dito governador do ...? e a informação do procurador da Fazenda Real e ser em utilidade dela cultivarem-se naquele Estado as terras concedidas em nome de sua majestade de data de sesmaria ao dito Francisco de Azevedo Monteiro.

Duas léguas de terras no rio de Jarumã onde é morador com coisa própria tanto ele como todos os seus herdeiros, ascendentes e descendentes sem pensão nem tributo algum, mais que dizimo dos frutos que nelas tiver a qual ... lhe faz não prejudicando a terceira (3ª) e reservando os ...? que houver para embarcações ...? que mandara como forma de carta por sua majestade dentro de três anos para os seguintes, e cultivava as ditas terras ...?, outro dará caminhos públicos e particulares ...? pontes, fontes, portos e pedreiras e se marcara ao tempo da ...? por rumo da corda e braços...faltando a qualquer destas clausulas se haverão por ...? e se acharão a quem as pedir como o dito ordenara.

Foi passada a carta feita na cidade de Belém do grão Pará a 30 de setembro de 1710 = pedindo a sua majestade o dito Francisco de Azevedo monteiro que por querer do dito governador Cristóvão da Costa Freire lhe fizera merecer em nome do dito de duas léguas de terra no rio de Jarumã e obrigação de haver obrigação digo confirmação no ...? da carta nesta encomenda lhe fizera mandava confirmar em virtude de seu requerimento e que também responderam os procuradores da fazenda e coroa ...? Sua Majestade também lhe confirmar ao dito Francisco de Azevedo Monteiro as duas léguas de terra no rio de Jarumã na forma da carta nesta encontrada. Desta declara-se foi passada a carta por duas vias a 4 de novembro de 1743.

APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
portador do CPF nº _____, AUTORIZO para fins acadêmicos o uso de minha imagem através de fotos e/ou filmes, sem finalidade comercial para ser utilizado na dissertação de mestrado de Dayane Damacena Rodrigues intitulada: "*As Margens do Maratauíra. (Re) Pensando a prática docente a partir da vivência de alunos e professores do Colégio Engels em Abaetetuba – Pa*", que faz parte do programa de Pós graduação de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, deixando explícito que não há nenhum compromisso financeiro por esta autorização.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima citado em todo território nacional e no exterior, em todas as atividades referentes a dissertação descrita nesta autorização: sites, blogs, revista digital, cartazes e divulgação em geral.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro e autorizo o uso de imagem sem e nada haver a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem do menor.

Abaetetuba, de de 2023.

Assinatura

ANEXO – REVISTA DIGITAL “AS MARGENS DO MARATAUÍRA”

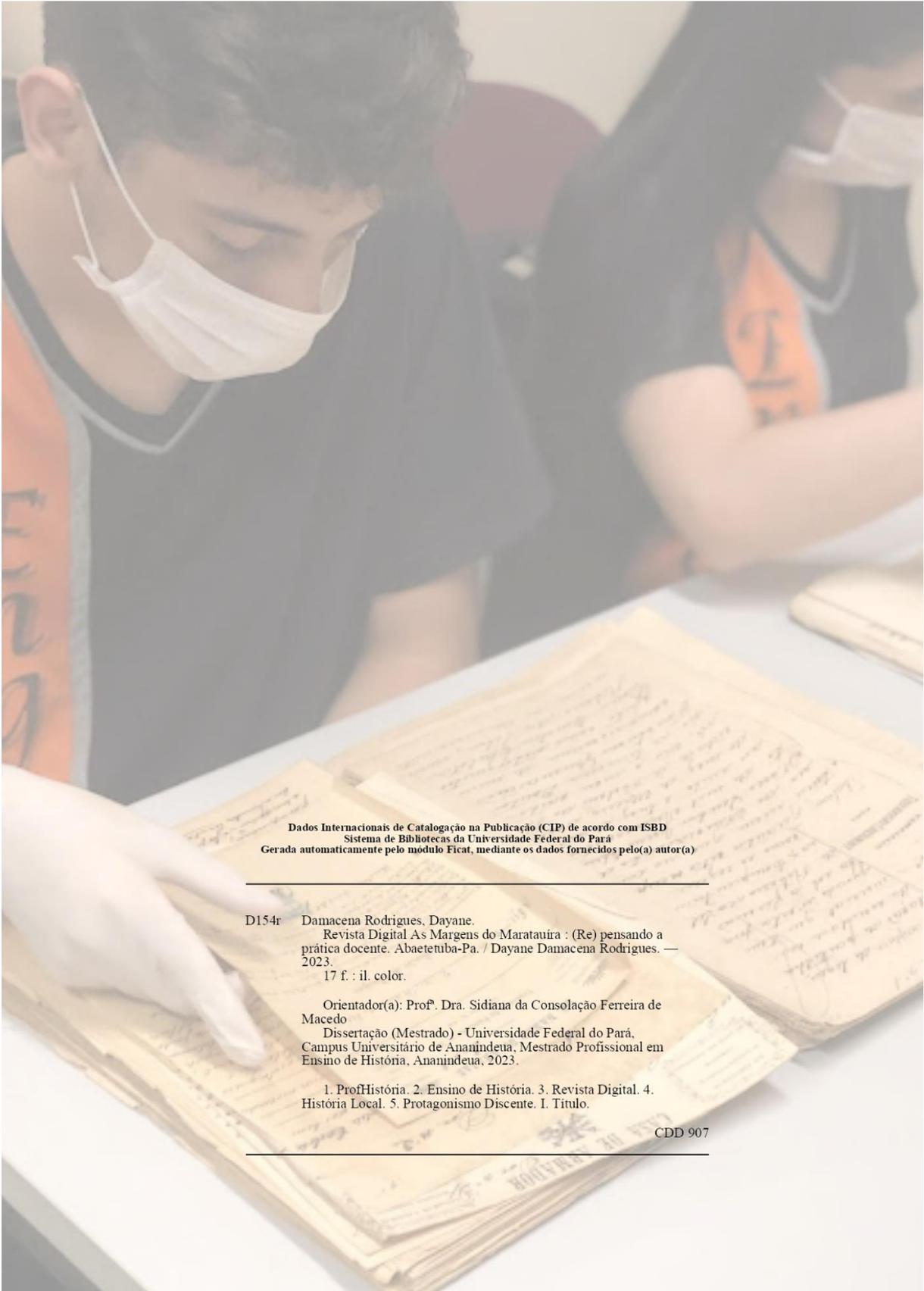
HISTÓRIA LOCAL

PROJETO As margens do

MARATAUÍRA

(Re)Pensando a prática docente
ABAETETUBA-PA





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D154r Damacena Rodrigues, Dayane.
Revista Digital As Margens do Maratauíra : (Re) pensando a
prática docente. Abaetetuba-Pa. / Dayane Damacena Rodrigues. —
2023.
17 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Dra. Sídiana da Consolação Ferreira de
Macedo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. ProfHistória. 2. Ensino de História. 3. Revista Digital. 4.
História Local. 5. Protagonismo Discente. I. Título.

CDD 907

APRESENTAÇÃO

Esta revista digital é parte integrante do trabalho de pesquisa inserido na dissertação de mestrado de Dayane Damacena Rodrigues, *“AS MARGENS DO MARATAUÍRA”*. (RE) PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA VIVÊNCIA DOS ALUNOS E PROFESSORES DO COLÉGIO ENGELS EM ABAETETUBA – PA, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Profissional de História, da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História- Profhistória.

O objetivo é mostrar todo o trabalho desenvolvido com alunos e professores do ensino fundamental e médio que formaram o projeto escolar *“As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba”*, com intuito de trabalhar a História Local dentro e fora das paredes da escola.

O PROJETO

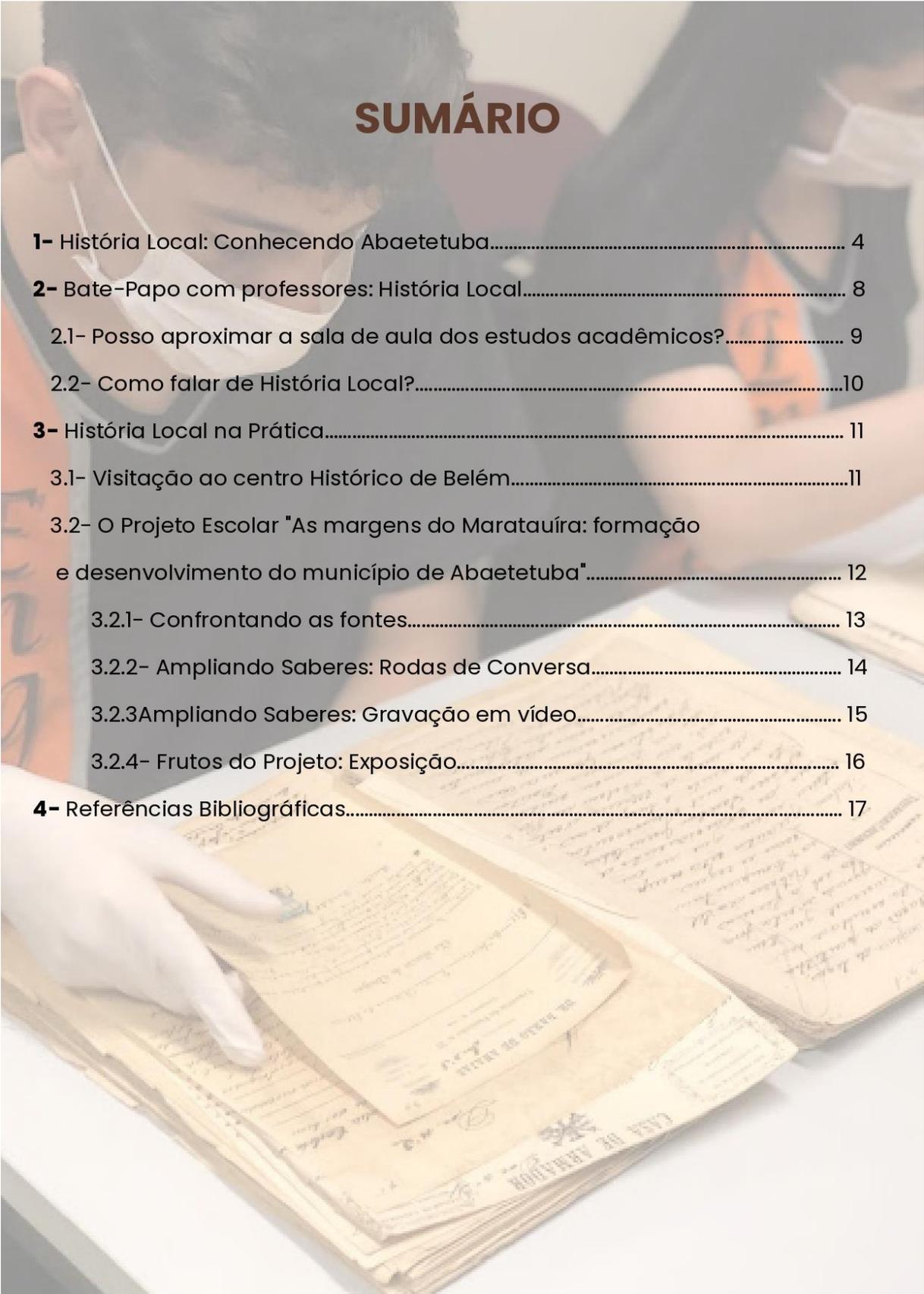
O Projeto Escolar *“As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba”* atuou no colégio Engels de 2019 a 2022, foi criado e elaborado pelos professores de história da instituição. Este teve como ênfase o resgate e valorização histórica da cidade de Abaetetuba incentivando o hábito da leitura e da escrita, promovendo o senso de responsabilidade e de cidadania através do estudo da história local, conhecendo seu processo de fundação, construção e desenvolvimento. Um projeto cujo objetivo é dar ênfase no protagonismo discente.

A PRÁTICA DOCENTE

Fazer uma reflexão sobre a prática docente é algo que precisa constantemente ser feito pelos professores, essa reflexão pode nos levar a entender a importância de fazer com que o ensino nas escolas seja, não um mero instrumento de “repassar conteúdo”, mas sim um ambiente propício para formar cidadãos participativos, críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade. Essa experiência docente é fundamental para enxergarmos o quão plural é a realidade dos nossos alunos e compreender que para fazê-los partícipes da história, de ser enxergar nas aulas é preciso também entender essa pluralidade.

Trabalhos como este nos convidam a ponderar a nossa própria vida professoral, os próprios desígnios que levaram até este trabalho reflexivo, sobre as experiências docentes em uma escola na cidade de Abaetetuba no Pará, partiu de uma reflexão pessoal de vida na qual pude presenciar por várias vezes o desinteresse dos alunos e alunas para com a disciplina, pude perceber principalmente que estes não enxergavam como algo para além da sala de aula.

O ensino de história precisa ser (re)pensado constantemente pelos docentes, pois seguindo as ideias de Rusen (2007), este ensino precisa fazer sentido para os discentes que estão em formação, ensino este que implica observar as singularidades de cada escola, de cada cidade, de cada aluno e cada professor. É preciso levar em consideração a cultura histórica que eles trazem de suas experiências pessoais, da sua vivência e inseri-las nesse processo de ensino aprendizagem. É preciso uma formação para a prática, para a vida.



SUMÁRIO

1- História Local: Conhecendo Abaetetuba.....	4
2- Bate-Papo com professores: História Local.....	8
2.1- Posso aproximar a sala de aula dos estudos acadêmicos?.....	9
2.2- Como falar de História Local?.....	10
3- História Local na Prática.....	11
3.1- Visitação ao centro Histórico de Belém.....	11
3.2- O Projeto Escolar "As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba".....	12
3.2.1- Confrontando as fontes.....	13
3.2.2- Ampliando Saberes: Rodas de Conversa.....	14
3.2.3Ampliando Saberes: Gravação em vídeo.....	15
3.2.4- Frutos do Projeto: Exposição.....	16
4- Referências Bibliográficas.....	17

HISTÓRIA LOCAL

Conhecendo Abaetetuba-Pa

O município de Abaetetuba, palavra de origem tupi que significa “Terra de homens fortes e valentes”, está localizada no baixo Tocantins, com uma população atual de cerca de 160 mil habitantes, possui uma expressiva população ribeirinha/quilombola, com cerca de 72 ilhas e diversas comunidades remanescentes quilombolas. Abaetetuba está localizada às margens do Rio Marataúira (ou Meruú), que é um afluente do rio Tocantins, no nordeste Paraense, microrregião de Cametá.



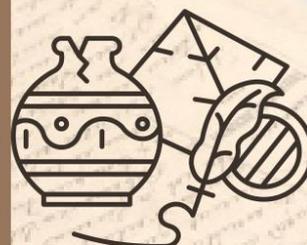
[Http://www.encontraabaetetuba.com.br](http://www.encontraabaetetuba.com.br)



Fonte: ITERPA / 2020

HISTÓRIA

Durante os séculos XX e XXI alguns autores escreveram sobre a cidade de Abaetetuba, ou Abaeté como é chamada pelos habitantes. Em sua monografia “Sítios e Engenhos em Abaeté: Um estudo de Cultura Material (1840-1870)”, a professora Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo faz uma viagem historiográfica analisando obras que tratam da história do município e enfatiza o trabalho de autores como, Luís Reis, Jorge Machado e Nazaré Lobato. Segundo Macedo, estes em suas obras, constroem uma história cívica, tradicional, heroica, conceitual e até um guia histórico sobre a cidade. Uma análise um tanto superficial, mas de suma importância para aprender e entender sobre a história local na visão de autores regionais.



VILA DE BEJA

A atual Vila de Beja, distrito da cidade, foi o berço da colonização do território que hoje corresponde a cidade de Abaetetuba. No início do processo de ocupação da região, a vila recebeu o nome de “Aldeamento Samaúma”, pois era o local onde religiosos jesuítas e capuchinhos catequisavam os indígenas agrupados através dos descimentos promovidos pelas ordens religiosas. A denominação de Samaúma se deu por conta da grande quantidade de árvores Samaumeiras ali nativas, e que já são pouco encontradas.



Conhecendo Abaetetuba-Pa

IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA LOCALIZAÇÃO DA CIDADE

Abaetetuba era considerada uma região muito privilegiada pois, diferentemente de outros locais, recebia constantemente a visita do clero (bispos, padres, entre outros.) que na época tinham uma certa limitação ao visitar localidades no interior da Amazônia, principalmente pela distância e dificuldade de acesso. Porém, Abaetetuba ficava na rota de muitos viajantes que nela paravam para abastecer as embarcações e descansar, para seguir viagem, no século XIX o porto de Abaeté chegava a receber até 10 vapores mensais.



AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES

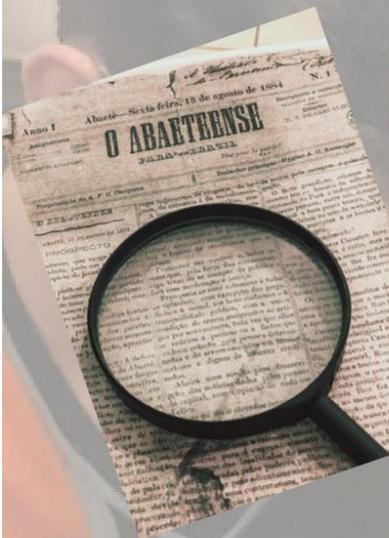
Uma das primeiras construções feitas no município de Abaetetuba foi a antiga capela da Nossa Senhora, da Conceição, a qual não resistiu ao tempo nem a umidade ficando em ruínas. Em virtude disso, as missas passaram a ser realizadas na “Igreja do Divino” em frente à Praça da República ou, como também é conhecida, Praça do Divino. De acordo com jornais da época, a população com o tempo, começou a chamá-la também de praça da Conceição, que hoje – na realidade – corresponde a praça que conhecemos como “Praça da Bandeira”, a qual ficou assim denominada por conta do monumento construído para o hasteamento das bandeiras do país, do estado e do município. Nazaré Lobato sobre esta igreja relata:



“

“A antiga Capela de N.S. da Conceição se localizava na Travessa da Conceição, hoje Avenida Pedro Rodrigues, quase na esquina da Rua Siqueira Mendes, mais ou menos onde hoje é a propriedade do Sr. Duca Ferreira, tendo em volta o primeiro cemitério, onde rezadas as ladainhas do Novenário da Virgem”.
(LOBATO,1993, p.20. Apud MACÊDO, 2006).

”

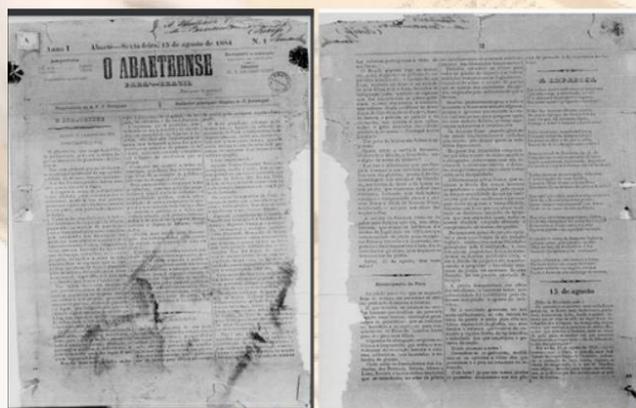


O jornal "O Abaeteense", na edição de agosto de 1884, registra que a Vila de Abaeté teve sua criação no ano de 1758, mas somente em 1869 esta teria apresentado algum desenvolvimento. Era constituída por uma rua principal, duas travessas e um largo. Cerca de 15 anos depois, agora mais desenvolvida, a pequena vila apresentara ruas como a rua Siqueira Mendes, considerada a mais bela rua, com a arquitetura mais desenvolvida, havendo nela alguns prédios. Contava-se também com as travessas "Tenente-Coronel Costa", a "Travessa da Conceição" e mais outras três, com menos habitantes e mais afastadas do centro, além de uma praça conhecida como "Largo do Espírito Santo".

Dentre as igrejas que compõem o patrimônio histórico da cidade estão a Igreja de São Miguel Arcanjo, na Vila de Beja e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sede da Diocese de Abaetetuba.

Há algumas décadas a cidade era conhecida como a "Terra da Cachaça", devido a próspera indústria de aguardente de cana localizado na época em Abaetetuba. Os Engenhos, no início do Século XX eram muitos e estavam espalhados por todo território geográfico do município. Segundo pesquisadores a cachaça nos séculos XIX e XX era vendida em garrafas de até 48 litros e a cana de açúcar era transportada em embarcações destinadas para este fim.

Os engenhos foram construídos em regiões de várzea, próximas a rios e igarapés, por conta disto era extremamente necessário a utilização de embarcações para o transporte da cana de açúcar. A consequente queda desta produção estaria ligada a própria localização geográfica dos engenhos, o difícil acesso e falta de modernização na produção e dos transportes.



O Abaeteense, edição única.
15/08/1884. Biblioteca Nacional, RJ.



Quilombos

No decorrer da história dos séculos XIX e XX, os quilombos foram espaços de resistência das populações negras, mestiças e classe baixa, onde podiam viver com maior liberdade cultural, pessoal e religiosa. Com o passar do tempo, as antigas áreas de quilombo foram classificadas pelo Estado como Comunidades Remanescentes de Quilombo, nas quais muito vivem em função do extrativismo, da agricultura familiar e/ou pesca. Nelas as heranças dos africanos e afrodescendentes são muito presentes na culinária, na religiosidade e nas práticas de capoeira. Próximas da sede do município de Abaetetuba, é possível identificarmos comunidades quilombolas como do Baixo Itacuruçá, Alto Itacuruçá, Campopema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tauaré-Açu. Essas e outras comunidades remanescentes de quilombo são de suma importância para a formação do povo e da cultura não só de Abaetetuba, mas também do povo brasileiro, pois são formas de resistências centenárias das populações descendentes de africanos contra a herança negativa da escravidão.



"Mares das rebeldias em Abaetetuba": dos rios da existência à resistência dos territórios na Amazônia paraense, baixo Tocantins - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-das-ilhas-do-municipio-de-Abaetetuba-PA-com-os_fig_334160803 [accessed 4 Mar, 2023]

Economia

No século XVIII o açúcar foi o principal produto do setor econômico da cidade. Luís Reis, afirma em seu livro "Abaetetuba" de 1969, a existência de lavouras na região bem como a produção de cachaça, produto este que ficou bastante conhecido e muito consumido na região e arredores. No século XX a economia da região era atrelada à mandioca, ao cacau, pescado e açúcar.

Atualmente a economia é baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura. Mas podemos encontrar outros ramos sobrevivendo no município, como o setor industrial que, tem pequena participação na economia abaetetubense, são empresas médio e pequeno portes que se compõe sobretudo dos ramos alimentício e de beneficiamento de produtos agroflorestais. Existe na cidade também metalúrgicas e estaleiros. No setor agroflorestal, o município destaca-se como o 2º maior produtor de açaí do Pará, como o 3º maior produtor de bacuri e cupuaçu, e como o maior produtor de manga do estado. Outras culturas também marcam fortemente a agricultura abaetetubense, como mandioca, coco, miriti e bacaba. Na pecuária, o município conta com bovinos, suínos e caprinos, além de possuir um abatedouro público, que faz parte da história deste município.



Bate-Papo com professores

HISTÓRIA LOCAL

Reflexões sobre a prática docente

Qual a importância?

O que é?

Como trabalhar em sala de aula?

Como trabalhar fora do espaço escolar?

É necessário entender e problematizar o papel do professor de história dentro e fora da sala de aula, levando em consideração o meio em que alunos e professores estão inseridos. Desta forma é preciso perceber como os alunos se compreendem como sujeitos históricos ativos, pois é preciso:



Construir neles o sentimento de pertencimento em relação ao lugar, com suas várias histórias, mas também permitir que se apropriem de conceitos históricos, motivo que faz com que a cidade se transforme em objeto de estudo, em sala de aula. Ao se estudar a cidade, diversos aspectos de sua constituição podem ser abordados em diferentes temporalidades históricas: no plano físico, no plano cultural, político, econômico e social (CANO, 2012 apud TORRES, 2018).



Além disso, é possível compreender a nossa função como sujeitos que transformam o espaço e por ele é transformado, refletindo assim, sobre as nossas práticas e ações. (TORRES, 2018). Seguindo as ideias de Flávia Eloisa Caimi (2010), antes acreditava-se que a história do presente não poderia fazer parte do cotidiano escolar, muito menos a história local, desta forma a história ensinada valorizava a História conhecida como Nacional com seus feitos e personagens relevantes, as histórias dos verdadeiros heróis e que o papel do docente seria o de repassar conteúdo, informações que seriam assimiladas e decoradas pelos alunos. Porém, atualmente muitos estudos apontam e defendem uma história que permitiria aos discentes reconhecer as diversas experiências históricas das sociedades a partir de situações do seu cotidiano, ajudando assim na construção de uma consciência histórica. Para Moreira e Candau (2003), é preciso fazer com que o espaço escolar deixe de ser espaço de rotina e repetição, a escola deve ser tratada como espaço de reflexão, de críticas, espaço no qual os alunos se vejam como sujeitos importantes e ativos, cidadãos que podem mudar os rumos da educação, espaço de justiça curricular, que segundo Connell (1993 apud Moreira e Candau 2003) seria uma estratégia pedagógica que produz menos desigualdades nas relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado.

Dessa maneira o ensino de História estaria voltado para a vivência dos docentes e discentes, uma educação para além das paredes da escola, uma educação para a vida. Para isto seria necessário inserir na sala de aula aspectos como, filmes, costumes, danças, músicas dentro outros, que façam com que esse alunado se vejam representados e que os mesmos possam criticar e argumentar, fazendo assim da escola um espaço de crítica cultural. (Moreira e Candau, 2003)



Posso aproximar a sala de aula dos estudos acadêmicos?

É preciso também refletir sobre o ensino de história feita na academia e a maneira como os docentes entendem e se utilizam desse ensino, pois é necessário não generalizar a prática de ensino em sala de aula. Esta discorre da práxis científica, porém tem suas especificidades ligadas ao meio social em que estão, da complexidade da escola e de suas experiências pessoais. Cada educador (a) precisa também fazer uma reflexão sobre sua própria identidade cultural, se é capaz de descreve-la, como foi construída, que referentes tem sido privilegiado e por meio de que caminhos (Moreira e Candau, 2003). É necessário que

O diálogo entre a universidade e a escola deve ser estimulado, ao invés de falarmos para, falamos com elas [...] que se teorize tendo por referência a escolarização e suas condições econômicas, políticas e culturais de existência. (Silva, 2009)

Como falar de História Local?

Falar da História Local é de extrema importância, pois “debates atuais do ensino de história apontam possibilidades de estabelecer relações entre o estudo do local/regional e os processos de formação de identidades sociais plurais” (CAIMI, 2010, pg. 60), o que se distancia das aulas focadas apenas na história nacional, fazendo com que a maioria dos estudantes não se identifique e se reconheça como sujeito histórico

O ponto central agora seria dialogar e refletir sobre a definição de História Local/Regional, o que não é tarefa fácil, pois não há uma única linha de pensamento sobre estes. Maria Aparecida Toledo (2010) nos seus estudos afirma que a história local está inserida no contexto de mudanças historiográficas e as diversas temporalidades trazem um interesse pelo cotidiano e que esta se aproxima e dialoga com a antropologia e a geografia. Sendo assim, o local, o regional seria muito mais do que fronteiras políticas e territoriais, como afirma Toledo, citando o geógrafo Milton Santos, que na sua interpretação “cada lugar tem sua especificidade e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõe e de suas funções” (TOLEDO, 2010, p. 750).



O local é espaço de relações sociais entre os sujeitos e que não é algo novo, essas ideias apareceram nas reformas curriculares de 1930 e em 1971, quando se propôs a história local como recurso didático. Circe Bittencourt, deixa claro que a história local é extremamente importante para o ensino, pois com ela o aluno consegue compreender seu entorno, “identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer- igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (Cavalcanti, 2018, p.277). Porém é importante evitar que aconteçam generalizações, a história local não pode se limitar a reproduzir aspectos políticos e culturais apenas dos personagens “importantes”, figuras políticas e classes dominantes. Para não haver essas generalizações, Samuel Raphael (1990), aponta que é preciso escolher um elemento da vida, limitado ao espaço local, porém que pode ser usado também como “uma janela para o mundo”. Desta forma a história local precisa de subjetivação, esta não é autoexplicativa, não vem pronta.

HISTÓRIA LOCAL

Na prática

O início: Conhecendo a História da região amazônica - Belém-Pa.

No ano de 2017, enfim conseguimos tentar preencher a lacuna que faltava nas aulas de História: Sair da sala de aula e valorizar a cultura local, a cultura paraense. A princípio o projeto de levar os alunos para fora da sala de aula e “ver” a história e sua importância, começou muito tímido. Foi proposto a escola que se realizasse uma “Aula Histórica”, levar os alunos ao centro histórico de Belém e conhecer de perto a história da nossa população nos séculos XVII, XVIII e XIX.

O público alvo, alunos do 3º ano do Ensino Médio, seria uma aula ao mesmo tempo dinâmica, com paradas nos principais marcos históricos da cidade de Belém e voltada para a formação pessoal e profissional desses alunos, haja vista ser este o ano em que os discentes prestam vestibular para adentrar em uma universidade. Fechar esse ciclo com a “Aula histórica”, seria uma maneira de tentar dar sentido a toda uma vida escolar desses jovens no que se refere ao ensino de História e a formação do discente como cidadão consciente e pertencente ao seu lugar.



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 recebendo as primeiras orientações na Praça da República. Belém-Pa. Arquivo Pessoal



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.

O objetivo desta atividade era não somente realizar um “passeio pela história” do Pará e sua representatividade na capital do Estado, mas proporcionar aos alunos a inserção nos espaços, a observação dos aspectos característicos dos diferentes períodos históricos que Belém protagonizou, desenvolvendo o olhar crítico dos alunos sobre o espaço, o tempo e as ações humanas ao longo dos séculos. Desenvolver a habilidade de contextualização dos alunos, a capacidade de relacionar os aspectos de suas vivências a própria evolução do espaço no qual se inserem.

Em 2019, o projeto foi repensado e amadurecido, conseguimos levar os alunos para uma viagem não só na história do Pará, mas também conseguimos fazer com que estes alunos do 3º ano do Ensino Médio, tivessem um contato mais próximo com a história e suas fontes. Na segunda edição das “Aulas Históricas”, percorremos um trajeto pelo centro histórico de Belém, visitando Igrejas, monumentos e museus. E também ao Centro de Memória da Amazônia, localizado no bairro do reduto em Belém, onde constam belos acervos de fontes históricas da região Amazônica. Lá os alunos puderam aprender um pouco sobre o trabalho dos historiadores bem como sentir de perto a sensação de folhear um documento histórico sobre a História Local.



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.

*Algumas fotografias estão borradas afim de resguardar a imagem dos alunos.

O Projeto Escolar "As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba"

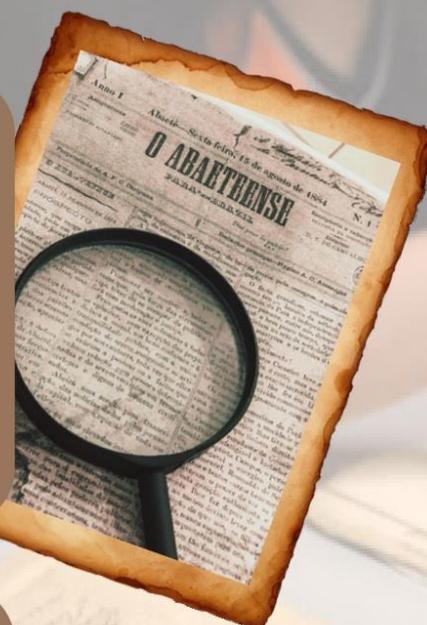
O referido projeto teve como ênfase o resgate e valorização histórica da cidade de Abaetetuba incentivando o hábito da leitura e da escrita, promovendo o senso de responsabilidade e de cidadania através do estudo da história local, conhecendo seu processo de fundação, construção e desenvolvimento, articulando ações voltadas para o ensino histórico e cultural, que visavam reconstituir e valorizar a memória da sociedade abaetetubense.

Como começou? Primeiro contato com as fontes.

O projeto se iniciou apresentando aos alunos algumas leituras iniciais: trechos da dissertação de mestrado do professor Luzivan dos Santos "Gênero de vida ribeirinho na Amazônia" e um texto do professor Dr Karl Arenz "Filhas e Filhos do Beiradão" além de dois documentos sobre a cidade de Abaetetuba: a carta de Sesmaria de Francisco de Azevedo Monteiro e a primeira e única edição do jornal O Abaeteense de 1885.

O intuito foi apresentar aos alunos um pouco da história local, da história dos ribeirinhos e de como, através dos documentos, podemos também aprender sobre a nossa história.

As primeiras impressões dos alunos foram muito satisfatórias, adoraram ler os textos bem como discuti-los em grupo, porém o que mais chamou a atenção foram os documentos, o primeiro impacto de sair dos livros didáticos e conhecer a história de uma outra maneira. Houve muito empenho e determinação em tentar transcrever a carta de sesmaria e de analisar o jornal que retratava uma cidade que para eles até então era desconhecida, uma Abaetetuba do século XIX, e claro ficaram maravilhados.



O Abaeteense, edição única. 15/08/1884. Biblioteca Nacional, RJ.



Carta de requerimento de Sesmaria de 1743. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal

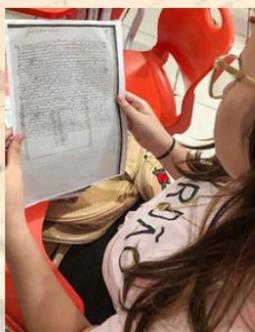


Foto de arquivo pessoal.

O projeto "As margens do Maratauíra" suscitou aos alunos este momento de protagonismo, criando meios para a criação e discussão de algumas problemáticas em relação ao estudo da história da fundação da cidade, Abaetetuba

Confrontando as fontes

Quando iniciaram as pesquisas sobre a história de Abaetetuba, a única coisa que tínhamos eram as histórias locais, conhecida como "Mito Fundador", história oral repassada entre os populares sobre a fundação da cidade, porém sem comprovações científicas. Após meses de estudo das fontes, debates e rodas de conversas, os alunos conseguem expor suas análises sobre a fundação de Abaetetuba:

Mito Fundador:

"Abaetetuba, cidade conhecida pelos famosos brinquedos de miriti, significa, segundo a língua Tupi, "terra de homens fortes e valentes", e foi justamente às margens do rio Maratauíra, ao qual dá nome ao projeto, que foi construída a unidade territorial que conhecemos até hoje. Contudo, apesar do nosso cotidiano ser voltado ao meio urbano, é notório que a história e cultura da região não se restringe, de maneira alguma, a esse centro, uma vez que existe um conjunto de comunidades quilombolas que moram nos arredores da cidade, com suas características, hábitos e especificidades que, muitas vezes, não são reconhecidas, principalmente pela juventude local, de modo que, apesar de fazermos parte do mesmo território, os obstáculos informacionais são presentes e permeiam para uma distância entre indivíduos localizados em uma mesma faixa regional. Nossa região é rodeada de mitos, sendo o mito de sua fundação o mais conhecido e – até pouco tempo – a única "pista" que tínhamos sobre a origem de Abaetetuba.

O mito conta que um homem, chamado Francisco de Azevedo Monteiro, estava navegando por mares próximos da região, quando se iniciou uma grande tempestade. Rezando por sua vida, Francisco jurou que se Nossa Senhora de Conceição o permitisse sobreviver àquela tempestade, ele fundaria uma igreja na primeira faixa de terra que encontrasse. Então, o pedido foi atendido, Francisco Monteiro sobreviveu e a primeira faixa de terra que encontrou foi a nossa região, fundando a igreja jurada que, posteriormente, seria o local de onde se expandiria a cidade. Por mais que a história com tempestades e juramentos nos cause desconfiância pelo modo como retrata os eventos em torno da fundação da cidade, não temos dúvidas sobre a existência de seu principal personagem, Francisco de Azevedo Monteiro. Pois, através de documentações oficiais do Estado Português sobre a colonização na região, localizamos Francisco como solicitante em uma Carta de Sesmaria – passada em 30 de setembro de 1710 –, que, na realidade, não passava de uma regularização na situação de ocupação das terras que ele fazia as margens do rio Jarumã, onde possuía um sítio junto a terras devolutas.

Sabemos hoje que a história sobre tempestades e juramentos não tem comprovação científica, porém, Francisco de Azevedo Monteiro realmente existiu, pois, foi achada uma carta de sesmaria onde seu nome está contido e a faixa de terra que atualmente é nossa cidade, está sendo doada a ele. Logo, é possível concluir, que o mito foi originado após sua chegada na região."

Carta de Sesmaria

"A carta de doação de sesmarias, declara que foram solicitadas terras por Francisco de Azevedo Monteiro, localizadas às proximidades do Rio Jarumã, mais especificamente onde se localiza hoje a Vila de Beja, anteriormente habitada por tribos indígenas. Porém ao que tudo indica, Francisco não se delimitou apenas ao local solicitado e, segundo indícios, teria se utilizado do Rio Jarumã para chegar às terras da atual cidade de Abaetetuba. Contudo, não podemos afirmar, em absoluto, que Francisco de Azevedo Monteiro tenha sido o primeiro a explorar essas terras."

Texto escrito pelos alunos do projeto após as análises do documento.

Ampliando Saberes

Rodas de Conversa

Para um melhor aproveitamento dos saberes docentes e discentes, foi oferecido aos alunos do projeto, rodas de conversas com professores, memorialistas e lideranças quilombolas para que através da vivência e troca de saberes eles pudessem ampliar seus estudos sobre a história do município e o principal: perceber que eles também fazem parte desta história.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Roda de conversa com o Professor da Universidade Federal do Pará, Jorge Machado, grande estudioso dos períodos históricos da cidade. O encontro teve como objetivo a partilha de conhecimento com os integrantes do projeto, possibilitando maior conhecimento do contexto histórico presente em Abaetetuba nos séculos XVIII e XIX.

O projeto recebeu Luan Fonseca, que trabalha nas comunidades quilombolas da região abaaetetubense, explanando acerca da realidade das comunidades, consideradas de extrema importância no contexto cultural e social da cidade, no intuito do aprofundamento da concepção negra dentro do processo de formação do município.



Fonte: Acervo pessoal, 2019



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Roda de Conversa: Experiências Quilombolas

A senhora Josiane da Costa Baia, membro da “Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Pau Podre”, participou da roda de conversa com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mostrando a realidade da comunidade Nossa Senhora do Pau Podre, como atividades, educação, religiosidade e também as origens do nome da comunidade que gerou muita curiosidade na comunidade escolar. Demonstrando, então, a vivência, a unidade e a resistência da sociedade e cultura dos membros da comunidade quilombola.

Ampliando Saberes

Gravação em vídeo

A primeira atividade realizada fora da escola foi a gravação de um vídeo que ocorreu em junho e julho de 2019 em alguns pontos importantes da história da cidade, como a praça de Nossa Senhora da Conceição e praça Francisco de Azevedo Monteiro (mais conhecida pelos populares como praça da Bandeira), além do distrito Abaetetubense da Vila de Beja. O objetivo inicial do vídeo foi, através do protagonismo discente, apresentar aos alunos as várias faces que a história pode ter, pois os mesmos conseguiram mostrar que a história de Abaetetuba tem algumas versões, a popular do mito fundador da cidade que foi Francisco de Azevedo Monteiro e a face científica apresentada através de documentos e vestígios. Assim então embasar e difundir o conteúdo histórico "real" do início do município de Abaetetuba, que ocorreu a partir da Vila de Beja, ao entendimento da história popular que vem repassada oralmente entre os populares.



Gravação da Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Acervo pessoal.



Gravação da Praça Francisco de Azevedo Monteiro (Praça da Bandeira). Fonte: Acervo pessoal.



Gravação na Vila de Beja (Distrito de Abaetetuba) Fonte: Acervo pessoal.



Gravação na Vila de Beja (Distrito de Abaetetuba) Fonte: Acervo pessoal.

Vídeo completo através do link abaixo

Clique no ícone para ser direcionado para o vídeo



Frutos do projeto

Exposição

Após as gravações e edição do vídeo, o projeto proporcionou aos alunos, apresentar suas indagações e problemáticas a toda comunidade escolar. No mês de agosto, em vista da comemoração do aniversário da cidade, houve uma exposição dentro das dependências do Colégio Engels dos primeiros dados reunidos até o presente momento acerca do início da formação do território abaetetubense, às turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A atividade contou com a exposição de cartazes, um bate papo sobre a história do nosso município e a apresentação do vídeo encenado e roteirizado pelos próprios alunos. Na ocasião a exposição foi apresentada também a toda a comunidade abaetetubense com a cobertura de uma emissora de tv da cidade, conversando com alunos e professores sobre o projeto e seus frutos.



Bate papo sobre a história da cidade. Acervo pessoal.



Alunos visitando a exposição. Acervo pessoal.



Apresentação dos alunos na escola. Acervo pessoal.



Aluno em entrevista sobre a exposição e pesquisas do projeto. Acervo pessoal.

Cada atividade exercida, com sua metodologia, colaborou, de forma precisa, para a construção de uma nova visão acerca do município, de sua cultura e sociedade; além de “reconstruir” o passado e o cotidiano, partindo da realidade abaetetubense vivenciada ao longo dos séculos. Desta forma o projeto escolar “As margens do Maratauíra” se desenvolveu na mesma linha de pensamento de SILVA (2019) quando diz que o ensino deve ser reinventado em cada aula com uma grande interação entre o educador, o aluno e a escola, pois o conhecimento histórico escolar se constrói de singularidades e significações. O ensino precisa fazer sentido para os alunos, uma formação para a prática, para a vida.

Referências Bibliográficas

- ARENZ, Karl Heinz. Filhos e filhas do beiradão: a formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Santarém: Faculdades Integradas do Tapajós - FIT, 2000.
- BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n.º 19, set. 89/fev. 90.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Método de Ensino. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria de. *Dicionário de ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- . Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, vol. 11, núm. 21, junho, 2006, pp. 17-32
- . Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *História: Ensino Fundamental (Coleção Explorando o Ensino)*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 59-82
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, v.7, n. 13, p. 272-292, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- FERREIRA, Luzivan dos Santos Gonçalves. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em geografia (PPGEO) da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará, 2013.
- MACÊDO. Sidiana da Consolação Ferreira. Sítios e Engenhos em Abaeté: Um estudo de Cultura Material (1840-1870). Monografia apresentada ao Colegiado de Graduação do Curso de História da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará. 2006.
- MERCADO, Ruth. Los saberes docentes en el trabajo cotidiano de los maestros. *Infancia y Aprendizaje*, 1991, 55, 59-72.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./ago. 2003.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, 11, p. 9-35, out. 2003. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12075>
- NIKITIUK, Sonia M. Leite. Ensino de História: algumas reflexões sobre a apropriação do saber. In: *Repensando o ensino de História*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- PLÁ, Sebastián. La enseñanza de la historia como objeto de investigación. *Secuencia* (online). 2012, n.84.
- RÜSEN, Jörn. Didática – Funções do saber histórico. In: *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- . Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 57.
- . Didática – funções do saber histórico. In: *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9 n.19, pp.219-243, set.89/fev.90.
- SILVA, Cristiane Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- SILVA, Jorge Gregório da. Currículo e diversidade: a outra face do disfarce. *Revista Trabalho Necessário*, Niterói, v. 7, n. 9, p. 1-17, 2009.
- SIMAN, Lana Maria de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidades. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 201-221.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 11ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. *Antíteses*, vol. 3, n.6, jul.-dez. De 2020, p. 743-758.
- TORRES NETO, Dilermando Pereira. Cidade, História e Memória: Educação Patrimonial em São Bento do Una-PE. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018, 142f.
- ZARBATO, Jaqueline Matins. Memória e ensino de história: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. *Revista Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 5, n.9, 2013.
- ZAVALA, Ana. Pensar 'teoricamente' la práctica de la enseñanza de la Historia. *Revista História Hoje*. V. 4, n.º 8, 2015.
- REIS, Luiz. Abaetetuba. Belém, Gráfica Falangola, 1969; LOBATO, Maria de Nazaré. Ecos da terra. Belém: Gráfica Santo Antônio, 1993; MACHADO, Jorge. Terras de Abaetetuba. Belém: CEJUP, 1986. (Apud Macêdo, 2006)